



V.1 - 2024

BATE PRONTO

Primeira Rodada - Futebol, Pesquisa e Sociedade

*Antonio Jorge Gonçalves Soares, Caroline Soares de Almeida,
Cristhian Cajé Rodriguez, Vanrochris Vieira*

Coordenação geral: Carmen Rial

ISSN 2965-9655

BATE PRONTO

V.1 - 2024



Patrocinadores



VI

Bate-pronto / Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Estudos dos Futebol Brasileiro. Vol. 1, n. 1 (2024) - . Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Estudos dos Futebol Brasileiro

V. Anual

ISSN 2965-9655



<https://www.inctfutebol.com.br/volumes>

COORDENAÇÃO GERAL:

Carmen Rial

carmen.rial@ufsc.br
<http://lattes.cnpq.br/4874148638654662>

EDITORES

Antonio Jorge Gonçalves Soares

UFRJ e UFRN
ajgsoares@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9726601553271394>

Caroline Soares de Almeida

UFPE
almeidacarol@yahoo.com
<http://lattes.cnpq.br/0748187291774827>

Cristhian Cajé Rodriguez

Vrije Universiteit Amsterdam
cristhiancaje@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1347295103852372>

Vanrochris Vieira

UFSC
<http://lattes.cnpq.br/4015979850041122>



COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre Jackson Chan-Vianna

Alexandre Vaz

Antonio Jorge Gonçalves Soares

Carmen Rial

Caroline de Almeida

Caroline Soares de Almeida

Cristiano Mezzaroba

Daniel Machado Conceição

Daniel Machado Da Conceição

Eduarda Moro

Eliziane Antunes

Gabriel Pereira

Gustavo Roesse Sanfelice

João Vitor Cardoso Sudário

Laura Bierhals Lemke

Laura Esteves

Larissa Miranda Domingos

Leda Maria da Costa

Lucas Barreto Klein

Luís Guilherme Resende de Assis

Maíra Tura Pereira

Maria Karolinne Mello

Mariane da Silva Pisani

Mariane Pisani

Marcelo Alves de Resende

Marcelo Resende

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

Miriam Grossi

Natan Almeida Evaristo

Pedro Henrique Lima Soares

Pedro Sombra de Souza

Raphaela Ferro

Ronaldo Helal

Sibelle Barbosa da Silva

Silvan Menezes dos Santos

Vanrochris Helbert Vieira

Victor de Andrade Melo

Wagner Xavier de Camargo

Wesley Santos dos Santos

DESIGN EDITORIAL

Sofia Backx

IMAGEM DE CAPA

Omar Ramadam



Bate-Pronto: Primeira Rodada Futebol, Pesquisa e Sociedade

Antonio Jorge Gonçalves Soares, Caroline Soares de Almeida, Cristhian Cajé Rodriguez, Vanrochris Vieira

Nota dos editores:

É com grande entusiasmo que anunciamos o lançamento do volume 1 do blog Bate-Pronto, uma iniciativa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol). Nossa plataforma nasce com a missão de fomentar o debate, a pesquisa e a reflexão sobre o futebol em suas múltiplas dimensões – um universo que, além de apaixonante, revela aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos fundamentais para entendermos o mundo contemporâneo.

O INCT Futebol busca reunir acadêmicas/os/es, profissionais, praticantes e entusiastas do esporte, abrindo espaço para compartilhamento de análises, experiências e perspectivas diversas. Com essa proposta de diálogo e construção coletiva do conhecimento, lançamos o primeiro volume (v. 1) do blog, que reúne 37 textos, incluindo 11 adaptações das apresentações realizadas no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, ocorrido entre os dias 5 e 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

Além dos textos, temos o prazer de apresentar também um ensaio fotográfico, que agrega ao blog uma abordagem visual sensível e instigante, refletindo as múltiplas expressões e narrativas que compõem o universo futebolístico.

Com o lançamento deste espaço, convidamos todas/os/es a explorarem, refletirem e contribuir com esse rico debate. Acreditamos que, ao unir pesquisa acadêmica, prática profissional e a paixão que o futebol desperta, fortalecemos não apenas o campo dos estudos esportivos, mas também sua relevância social e cultural.

Sejam bem-vindas/os/es ao Bate-Pronto! Que esta seja apenas a primeira de muitas jogadas certeiras em direção a um futebol mais estudado, discutido e valorizado.

Boa leitura!

Artigos

- 09 **Jogar como uma mulher**
Laura Esteves
- 15 **Rompendo o silêncio: o futebol brasileiro e a cultura do estupro em pauta**
Caroline de Almeida, Carmen Rial, Mariane Pisani
- 19 **Richarlison, o jogador humano**
Ronaldo Helal, Leda Maria da Costa, Marcelo Resende
- 23 **Fotografia de época e futebol: em encontro com um passado desconhecido**
Larissa Miranda Domingos
- 32 **À Daiane Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver**
Carmen Rial, Miriam Grossi
- 36 **O gênero do ressentimento**
Luís Guilherme Resende de Assis
- 41 **O que o futebol tem a dizer sobre o aquecimento global?**
Caroline Soares de Almeida. Daniel Machado Conceição
- 46 **Futebol, tragédias e hipocrisias: o tabuleiro da sociedade se movimentou!**
Cristiano Mezzaroba. Gustavo Roese Sanfelice
- 52 **A camisa embarrada do Inter – e o uso de símbolos no futebol atual**
Carmen Rial
- 52 **O Caribe do “menino Neymar” e os marinheiros russos**
Carmen Rial
- 62 **O bocejo da jovem em Roland Garros: o que isso tem a ver com o tempo no esporte**
Carmen Rial
- 67 **O corpo da mulher como campo de batalha: futebol e estupro**
Antonio Jorge Gonçalves Soares
- 74 **Futebol entre apostas e vícios**
Alexandre Vaz

Artigos

- 78 **As perguntas que nos pegam: o que é o futebol para você?**
Eduarda Moro
- 85 **Futebol de poesia, cultura futebolística e gratidão única a um ídolo: primeiras reflexões sobre minha pesquisa na Itália**
Ronaldo Helal
- 90 **Impressões do racismo no futebol**
Alexandre Jackson Chan-Vianna, Pedro Henrique Lima Soares
- 98 **Notas sobre a abertura dos Jogos Olímpicos: escritas no calor da emoção**
Victor de Andrade Melo
- 101 **Sobre a polêmica “Santa Ceia” dos jogos de Paris 2024**
Antonio Jorge Gonçalves Soares
- 107 **Sobre valores esportivos, rivalidades e contradições: a dupla GRENAL em evidência**
Cristiano Mezzaroba, Gustavo Roese Sanfelice, Daniel Machado Da Conceição
- 112 **Mulher tem vez? - A participação de mulheres leitoras da revista Placar através da seção Camisa 12**
Maria Karolinne Mello
- 117 **E as bets? Devemos proibir pobres do Bolsa Família de apostarem?**
Carmen Rial
- 125 **Racismo, futebol e castas: o caso Vinicius Jr.**
Antônio Jorge Gonçalves Soares
- 129 **Campeãs e ativistas: jogadoras do Corinthians confrontam Conmebol**
Mariane da Silva Pisani

Ensaio fotográfico

- 135 **Futebol de cegas e a luta pela igualdade de gênero**
Wagner Xavier de Camargo

I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro

- 142 **Fazendo um balanço do GT “Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol” do I Encontro do INCT Futebol**
Cristiano Mezzaroba, Silvan Menezes dos Santos, Eduarda Moro
- 147 **“Proporcionar qualidade e liberdade”: plataformas de anúncio de “acompanhantes” como patrocínio no futebol**
Laura Bierhals Lemke
- 154 **Do campo às arquibancadas: desafiando a cultura do estupro**
Marcos Vinícius Ferreira Corrêa
- 159 **Visibilidade e representação: a coleção de futebol feminino do Museu do Grêmio**
Sibelle Barbosa da Silva
- 165 **Os agentes formadores na trajetória inicial de futebolistas**
Lucas Barreto Klein
- 171 **Cosmologia e cultura na Liga de futebol Mbya Guarani – SC**
Gabriel Pereira, Eliziane Antunes, Natan Almeida Evaristo, Wesley Santos dos Santos
- 175 **A amarelinha é de quem? O “dessequestro” da camisa da seleção**
Marcelo Alves de Resende, Leda Maria da Costa
- 182 **Breve história da criação dos times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros**
Vanrochris Helbert Vieira
- 191 **Territórios-redes, territórios-zonas: alianças entre torcidas organizadas**
João Vitor Cardoso Sudário
- 196 **De jovens promessas a jogadores caros**
Pedro Sombra de Souza
- 206 **A narração de futebol em uma paisagem sonora generificada**
Raphaela Ferro
- 212 **Do futebol de mulheres ao futebol de meninas**
Maíra Tura Pereira
- 216 **Estudos do futebol, mulheres pesquisadoras e misoginia**
Maíra Tura Pereira

Jogar como uma mulher

Laura Esteves

15 de mar. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Graduanda em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina, nascida na cidade de São Joaquim, Santa Catarina. A minha experiência com o esporte, vem de família. As mulheres do meu lado paterno sempre praticaram esporte, então sempre tive incentivo à prática. Comecei jogando futsal, nas horas vagas das aulas do fundamental. Nas aulas de Educação Física, infelizmente não tinha um time feminino, e nem meninas para fazer parte. Segui praticando o esporte em um programa de aulas feito pela prefeitura da cidade, competi pela minha escola durante o ensino fundamental e médio.

O esporte na minha vida sempre foi muito importante, e estar neste lugar e lutar para permanecer e persistir fez com que eu tivesse pessoas que foram e são muito importantes para minha vida, mas também me fez entender que há um machismo estrutural e um sexismo por vários lados. Hoje, isso me incentiva a entender melhor as relações dentro do esporte e tentar fazer alguma mudança. Por isso tenho interesse em Antropologia do Esporte dentro da área de pesquisa.

COMO CITAR:

ESTEVES, Laura. Jogar como uma mulher. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.1, 2024.



Jogar como uma mulher © 2024 by Laura Esteves is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

Jogar como uma mulher

Laura Esteves

15 de mar. de 2024

O artigo 54 do Decreto-Lei que criou o Conselho Nacional de Desporto (CND), no ano de 1941, declarava: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Isso levou à proibição das mulheres de jogar futebol, no início da era Vargas. Esse decreto ficou vigente até o ano de 1983. Antes, durante e até nos dias de hoje, lutamos para que possamos ser vistas e valorizadas dentro de campo. Isso também sendo olhado pelas perspectivas de investimento dos clubes nas equipes femininas, as publicidades de marcas, ou até nos reconhecimentos de títulos, nos quais superamos o futebol masculino.

Lembrei durante uma aula de uma conversa com a minha avó e do álbum de fotos dela. Acabei descobrindo que, durante essa proibição, a sala dela fez uma partida de futebol para arrecadar dinheiro para a formatura. Pensando já no trabalho final da matéria de Antropologia e Esporte, fiz uma entrevista com ela, para entender melhor como foi realizado esse evento e, até mesmo, quais foram os empecilhos que tiveram, entre outras questões.

O ano era 1962, mais especificamente em Caçador, Santa Catarina. O primeiro ginásial (hoje mais conhecido como magistério), na época, o último ano antes de se formar.

Principalmente uma das causas na qual levou a essa partida era arrecadar algum dinheiro para nossa formatura. Mas, naquele tempo, também as formaturas não são como hoje, então nem era tanto dinheiro. E o que a gente arrecadou para a época foi suficiente e, então, o dinheiro que a gente precisava acabou sendo arrecadado com essas partes de futebol.

(Vó Filomena)



Foto do dia 15 de agosto de 1962, em Caçador, Santa Catarina. Nome das integrantes da foto: Galla, Neide, Nais, Nilve (em pé). Tânia, Kátia, Sheylla, Gladis, Leida, Filomena (minha vó), Silvete (agachadas)

Essa primeira fala dela me levou a perguntar se, de fato, ela sabia da lei supracitada, e como esse tema era visto por elas. E, então, se, de fato, essa lei era eficaz ou se era direcionada aos clubes maiores da época.

E a gente também não sabia, né? Até fiquei surpresa de que era proibido que as mulheres jogassem futebol, foi realmente uma surpresa. Fiquei sabendo agora. E, se cometemos alguma falta, ninguém sabia. Realmente nunca se falou que mulher não podia jogar futebol.
(Vó Filomena)

Foto do dia 15 de agosto de 1962, em Caçador, Santa Catarina. Primeiro jogo da partida com o resultado de 1x1 (Turma do Caçadorenses). Nome das integrantes da foto: Gladis, Sheila, Kátia, Tânia, Galba, Neide, Nair, Nilve, Filomena, Odete, Silvete, Leida e Lia



Após ela esclarecer isso, perguntei, então, como de fato chegou ao ponto de o porquê de um jogo de futebol.

Foi em Caçador, e a gente conversando com a turma lá de repente surgiu. Alguém falou e todo mundo se animou e resolveram realmente formar um time de futebol. Na realidade, dois porque não tinha outro ali pela região, então se nós tivéssemos jogar teríamos que ter dois times. Então, os dois times eram alunas do colégio.
(Vó Filomena)



Foto do dia 15 de agosto de 1962, em Caçador, Santa Catarina. Primeiro jogo da partida com o resultado de 1x1 (Turma do Caçadorenses contra o Vasco). Nome das integrantes da foto: Elisa, Terezinha, Darci, Gladis, Ivone, Glorinha, Terezinha, Inês, Angelina,

Luci, Dalila, Elia, Matilde (em pé, Vasco). Filomena, Leida, Sheila, Odete, Ivete, Kátia, Neide, Gladis, Tânia, Mary Lia, Galba, Nair, Nilve (agachadas, Caçadorenses)

Muito me admirei, tanto pelo fato de ela não saber que o futebol feminino era criminalizado, como também que na época isso não era popular. O que me leva a ter a impressão de ser algo muito mais nichado da época, como nas capitais e também dentro dos grandes clubes, ou mesmo nessa comunidade esportiva.

Enquanto ela me contava, lembrei-me que uma das fotos tem um homem no meio do campo. Vendo na legenda atrás da foto, identifiquei que o homem que estava no meio do campo era o prefeito de Caçador. Então perguntei o porquê de ele estar ali, como chegou à interação com a prática e o porquê de ele chutar a primeira bola da partida.

**Agora, quanto à ideia do prefeito participar desse primeiro jogo, uma das alunas era muito amiga dele. Aí, ela perguntou o que a gente achava da ideia de convidá-lo para que ele desse o primeiro chute na bola. Todo mundo já topou, e ela falou com ele, ele aceitou. E realmente, no dia do jogo, ele estava lá preparado para dar o primeiro chute na nossa partida de futebol.
(Vó Filomena)**

Presentes na fotos: José Kurtz (Prefeito), Marcos Soares e Epaminondas (juízes), Maria Elisa (número 10), Mary Lisa, Filomena, Terezinha



Presentes nas fotos: José Kurtz (Prefeito), Marcos Soares e Epaminondas (juízes), Maria Elisa (número 10), Mary Lisa, Filomena, Terezinha



A participação do prefeito da cidade nas partidas só reforça o meu entendimento anteriormente apresentado em relação a Caçador, cidade do interior de Santa Catarina. A prática de mulheres em esportes declarados na época como “incompatíveis com as condições de sua natureza” não tinha o peso e o estigma que possuía nas cidades grandes onde mulheres, de fato, chegaram a serem presas, como é possível ver em reportagens: “Nos anos 1940, mulheres foram presas por jogar futebol nas ruas de Belo Horizonte”. O site Futebol Mineiro relata um caso específico que aconteceu em 1940 com algumas mulheres e um guarda.

**[...] na noite de 19 de abril de 1940, por volta das 21h40, um guarda estava a serviço na esquina da Rua Tomaz Gonzaga com Curitiba, quando foi avisado que algumas mulheres estavam jogando futebol na Rua Santa Catarina, ao fim do bonde de Lourdes. O guarda, segundo a reportagem, considerou o fato um escândalo, “ainda mais no meio da rua”, e partiu rumo ao local da peleja. Ao chegar, o jogo foi interrompido, e o guarda conseguiu prender duas jogadoras, Arletina e Enedina, além de um homem que participava do jogo. Uma das jogadoras, Noêmia, que era empregada doméstica, conseguiu fugir e trancar-se no quarto. “O guarda teve ordens dos patrões para entrar na residência. Mas Noemi não quis abrir a porta e o guarda resolveu ir-se embora”, descrevia o DT, que tachou o guarda como “severo e antidesportivo”.
(22/03/19)**

Diante desse relato e pensando no que a minha vó fala, qual seria a diferença? Por que em um as mulheres tiveram que fugir e em outro o prefeito da cidade deu o primeiro chute da partida? Por que, além desse primeiro jogo, elas tiveram abertura para jogar em Videira e depois em Porto União, com torcidas, juízes, estruturas que teoricamente não seriam acessíveis?

Durante a entrevista, cheguei a perguntar como era o esporte, como ele havia chegado a elas e, até mesmo, como o uniforme foi desenvolvido. A resposta foi simples: “usamos os uniformes que já estavam ali”. O uniforme era o mesmo do desfile do evento do dia sete de setembro, que também era o mesmo do vôlei. O tênis era especial porque na época não se usava tênis como hoje (como diz ela: “o famoso Botinha que hoje equivale ao All Star”). E sobre a escolha de ser o futebol, ela conta que o vôlei era comum, e elas precisavam chamar a atenção com algo mais incomum para a época e encontraram isso no futebol.

Mas, voltando às questões de o porquê de elas terem tido essa oportunidade, isso me faz pensar em quem eram essas mulheres: brancas,

de classe média alta, em uma cidade do interior, protegidas por um colégio católico (sendo que a grande maioria foi mandada para estudar longe da família), com o contato de pessoas influentes na época, em um jogo que não seria noticiado e no qual ninguém pretendia se tornar profissional.

A luta pelo espaço não é o suficiente. Precisamos permanecer. O machismo e o sexismo são apenas a borda de um grande problema que envolve racismo e desigualdade de classes. E, durante o semestre, tudo isso foi passado de diferentes perspectivas e origens. Aprendemos que a interdisciplina é muito importante principalmente quando falamos de trabalhos acadêmicos. Mas não só paramos aí, pois também devemos colocar isso em prática. Como na hora de identificar os casos que envolvam os esportes em ação.

Este texto foi produzido para a disciplina Antropologia e Esporte, da Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. A disciplina foi ministrada pelos professores Dr.a Carmen Rial e Dr. Luiz Rigo.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, C. S.; ALMEIDA, T. R. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 31, 2020.

RIAL, Carmen. Déjala trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil. In: FISCHER, Thomas; KÔLHER, Romy; REITH Stefan. (Org.). Fútbol y Sociedad en América Latina. Frankfurt: Editorial Vervuert, 2021.

RIGO, Luiz Carlos et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, mai. 2008.

Rompendo o silêncio: o futebol brasileiro e a cultura do estupro em pauta

Caroline de Almeida, Carmen Rial, Mariane Pisani

26 de mar. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Caroline de Almeida

Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Antropologia e coordenadora da Linha de Pesquisa “Futebóis de Mulheres, de Indígenas, Paralímpico e LGBTQIA+” (INCT-Futebol).

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Antropologia e coordenadora do INCT-Futebol.

Mariane Pisani

Universidade Federal do Piauí. Doutora em Antropologia e vice-coordenadora do INCT-Futebol.

COMO CITAR:

ALMEIDA, Caroline. RIAL, Carmen. PISANI, Mariane. Rompendo o silêncio: o futebol brasileiro e a cultura do estupro em pauta. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.2, 2024.

DOI 10.13140/RG.2.2.19879.97448



Rompendo o silêncio: o futebol brasileiro e a cultura do estupro em pauta © 2024 by Caroline de Almeida Carmen Rial Mariane Pisani is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

Rompendo o silêncio: o futebol brasileiro e a cultura do estupro em pauta

Caroline de Almeida, Carmen Rial, Mariane Pisani

26 de mar. de 2024

Na última semana, o Superior Tribunal de Justiça votou pela homologação da sentença da justiça italiana que condenou o ex-jogador de futebol Robinho a nove anos de prisão pela participação no estupro coletivo de uma mulher albanesa em uma boate na cidade de Milão, em 2013.

Importante lembrar da sua reincidência. Em 2009, o jogador foi acusado de estuprar uma jovem universitária em uma casa noturna em Leeds, quando atuava pelo Manchester City. Na ocasião, a polícia inglesa acabou arquivando o caso.

Assim como em 2009, quatro anos depois, Robinho alegou inocência. No entanto, em áudios de conversas obtidas por investigadores na Itália, o ex-futebolista admite a participação e se mostra preocupado com a repercussão do caso em sua carreira. Referindo-se ao ato de estuprar uma pessoa como “essa p*rra” e “essa m*rda”, afirmou: “Se essa p*rra sair na imprensa, já era Copa, já era casamento. De novo acusado de estupro. Aí ‘nego’ vai falar um monte de m*rda, f*der minha imagem, de novo essa m*rda”.

Após a primeira condenação na Itália em 2017, Robinho permaneceu em liberdade enquanto recorria à pena em todas as instâncias italianas e brasileiras. No mesmo ano, chegou a jogar no Atlético Mineiro e a defender a Seleção Brasileira em amistoso. Entre 2018 e 2020, se transferiu para a Turquia, tendo passagens pelas equipes do Sivasspor e do Basaksehir. Ao voltar para o Brasil, chegou a ser anunciado como reforço no Santos, mas a pressão dos patrocinadores impediu a contratação do atleta por seu clube de formação.

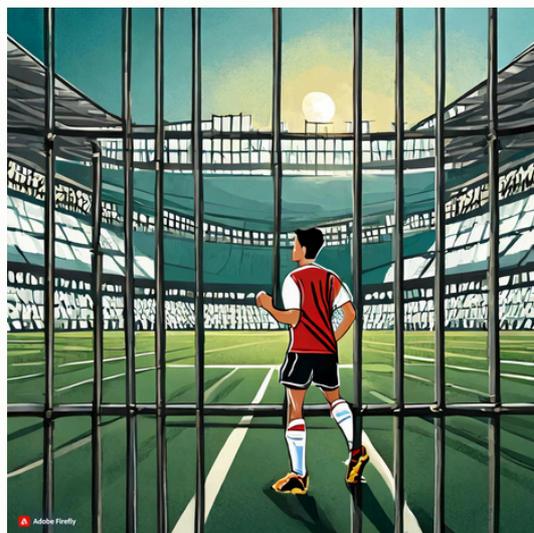
No último dia 20, o STJ ratificou a decisão da corte italiana, emitindo a ordem de prisão do ex-jogador no Brasil. A defesa ainda tentou um habeas



corpus baseado na proteção da integridade física de Robinho, o que foi negado pelo STF. A prisão foi realizada no dia seguinte pela Polícia Federal em Santos.

No entanto, é preciso destacar a tensão entre o caso Robinho e outros de grande repercussão atuais ou recentes, como a liberdade provisória concedida pela justiça espanhola a Daniel Alves e a declaração de culpa proferida por Cuca mais de trinta anos após ter participado do estupro de uma adolescente na Suíça.

Diante dessa sequência de violências cometidas contra mulheres e envolvendo homens, tanto estrelas do futebol brasileiro quanto federações e clubes têm permanecido em silêncio. A Confederação Brasileira de Futebol levou dias para se pronunciar, quando deveria ser a primeira. Um silêncio que atinge, sobretudo, as torcedoras, que sentem suas vozes ainda silenciadas.



Importante lembrar que o universo futebolístico no Brasil tem uma dívida histórica com as mulheres. Nós fomos impedidas de jogar e tivemos nossas opiniões ignoradas ao falar sobre futebol, ainda que estivéssemos presentes desde o início do esporte. Aliás, o âmago da ideia de “torcer” está nas mulheres, afinal, a semântica singular do vocabulário futebolístico brasileiro deriva das mulheres nas arquibancadas torcendo lenços ou luvas ao assistir jogos. Na década de 1910, a palavra passou a ser utilizada para se referir a entusiastas de clubes de futebol, porém na flexão de gênero feminino “torcedoras”.

Esse silêncio mais do que incomoda, revolta. É o que a presidenta do Palmeiras, Leila Pereira, definiu como um “tapa na cara de todas nós mulheres”. Enquanto CBF e clubes se calavam, Leila aproveitou o momento em que estava presidindo a delegação da seleção na Inglaterra para expor a deliberada falta de ação de representantes do futebol brasileiro: “cada caso de impunidade é a semente do crime seguinte”, disse.

Ela foi contundente e direta em relação à condenação de Robinho e Daniel Alves. Muito mais do que o hesitante pronunciamento do técnico da seleção, Dorival Junior, ou a lamentável intervenção do assessor de imprensa Rodrigo Paiva, tentando impedir o capitão da seleção Danilo de responder uma questão sobre os estupros durante a entrevista coletiva (felizmente sem sucesso).

Por outro lado, o Bahia, primeiro clube de destaque defendido por Daniel Alves, lançou recentemente uma campanha em que denuncia a misoginia enraizada na formação do pensamento social: “O Esporte Clube Bahia levanta sua voz contra a cultura do estupro e convida o mundo do futebol a ingressar nesse debate”.

No vídeo “A culpa é sua, o corpo não”, uma mulher, aprisionada em uma banheira encardida, luta para se desvencilhar de frases frequentemente ligadas à chamada “cultura do estupro”. À medida que as falas são proferidas, mãos despejam água na



<https://www.youtube.com/watch?v=OqWBYJbuPkl&t=10s>

banheira, cobrindo gradualmente o corpo da mulher. Paralelamente, cenas relacionadas às frases são sobrepostas à imagem. A mensagem final enfatiza: “Se você tem pensamentos e atitudes machistas, você está alimentando uma cultura. A cultura do estupro – a culpa é sua, o corpo não”.

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, dedicando-se ao estudo do futebol brasileiro, inclui em sua agenda pesquisas que abordam essa temática. Nosso objetivo é questionar e desconstruir o pensamento estrutural que legitima essas violências. Lutamos para que o futebol seja um espaço inclusivo, onde esses problemas sejam enfrentados por meio de um debate amplo, aberto e plural.

É uma posição que esperamos que CBF e federações adotem. E que também os clubes, a exemplo do Bahia, tragam essa discussão a seus atletas e torcidas. É no espaço do futebol que racismo, homofobia e machismo têm se expressado e é nesse espaço que precisam ser contestados enfaticamente, condenados, criminalizados.

Escrito em 25/03/2024

Richarlison, o jogador humano

Ronaldo Helal, Leda Maria da Costa, Marcelo Resende

8 de abr. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Ronaldo Helal

Professor Titular da UERJ

Leda Maria da Costa

Professora da UERJ

Marcelo Resende

Doutorando do PPGCOM da UERJ

COMO CITAR:

HELAL, Ronaldo. DA COSTA, Leda Maria. RESENDE, Marcelo. Richarlison, o jogador humano. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.3, 2024.



Richarlison, o jogador humano by Ronaldo Helal Leda Maria da Costa Marcelo Resende is marked with CC0 1.0 Universal

Richarlison, o jogador humano

Ronaldo Helal, Leda Maria da Costa, Marcelo Resende

8 de abr. de 2024

**“Transparente, puro, humano, extremamente corajoso.
Ao contrário da maioria dos atletas profissionais”.**

Assim é como a ESPN Brasil se referiu a Richarlison, atacante brasileiro que atua no Tottenham, da Inglaterra. Em entrevista exclusiva ao canal, com uma parte divulgada em 27 de março, o jogador revelou o drama pessoal que viveu após a eliminação brasileira nas quartas de final da Copa do Mundo de 2022, disputada no Catar. Richarlison disse que sofreu muitos ataques nas redes sociais que, somados a problemas que vivia dentro de casa, o levaram à depressão.

O trecho dessa reportagem, na qual Richarlison divulgou ter passado por momentos difíceis, é parte de um documentário que a ESPN Brasil prepara sobre o atleta, intitulado “Richarlison, o Pombo é gente”. Nesse trecho, que serve como chamada para o que está por vir no documentário, o narrador afirma o tempo inteiro os atributos humanos do atacante, definido na matéria como especial, destacando-se dos demais jogadores futebolistas. A ESPN Brasil instrumentaliza uma aproximação do público com Richarlison, que aparece com os olhos marejados junto a elementos audiovisuais de ativação emocional que reforçam o drama pessoal do Pombo.



Reprodução:
ESPN Brasil

O atacante brasileiro recebeu a equipe da emissora em sua casa, em Londres. O que é destacado pela reportagem como alguém que abre a intimidade para torná-la pública. Dentre muitos temas, Richarlison contou o

drama familiar vivido após a Copa do Catar: afirmou que queria desistir do futebol e que se pegava pesquisando coisas sobre morte na internet. O camisa 9 reconheceu que só foi possível sair da depressão por causa das consultas com a psicóloga.

Não é comum atletas de futebol profissional demonstrarem certo tipo de fraqueza, numa cultura do esporte historicamente regida pela heteronormatividade masculina, cuja característica é a representação do homem forte, potente, viril etc. No futebol, é o jogador diante dos holofotes, em meio ao sucesso e admirado por todos, desempenhando publicamente um personagem para que ninguém veja as suas fraquezas do âmbito privado. Esse, definitivamente, não é o Richarlison, jogador frequentemente usado pelo jornalismo esportivo brasileiro para a produção de narrativas progressistas e de temas sociais.

– Eu ajudo muito as pessoas, de coração mesmo. Vem de mim, da minha família. Sei que posso fazer um mundo melhor, mesmo que muitos não acreditem, sei que posso melhorar. Conta Richarlison, que é embaixador da USP Vida desde a pandemia de Covid-19 e do Hospital do Câncer de Barretos.

O futebol mundial está cada vez mais globalizado, com a concentração dos grandes craques onde está o dinheiro: Europa, Estados Unidos, Arábia Saudita, entre outros. Os jogadores brasileiros continuam saindo do país para estarem no centro do futebol mundial na tentativa de consolidar suas carreiras e mudar a vida de suas famílias pelas próximas gerações. Na vasta pesquisa do professor Ronaldo Helal, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é constatada um afastamento do torcedor brasileiro da seleção. Se outrora a seleção brasileira era vista como metonímia da nação, como bem definiu Simoni Guedes, hoje em dia o envolvimento nacional só acontece em épocas de Copa, porém sem o desempenho do time brasileiro suscitar maiores representações sobre o país. Não há mais o entendimento de vitória como sucesso da nação ou a derrota como o seu fracasso. Junto a outros fatores, como a politização da camisa da seleção brasileira masculina de futebol nos últimos anos, o que existe é um afastamento cada vez maior do torcedor da seleção cinco vezes campeã do mundo.

Richarlison é frequentemente usado pela imprensa em narrativas de cunho social. Foi o que aconteceu em 2022, durante a Copa do Mundo do Catar, cujo torneio ocorreu excepcionalmente após as eleições presidenciais no Brasil, a mais acirrada desde a redemocratização. Como demonstrou a dissertação de Marcelo Alves de Resende, intitulada *A amarelinha é de quem?* Narrativas midiáticas para o ‘dessequestro’ da camisa da seleção brasileira, a imprensa (O Globo e Folha de S.Paulo) instrumentalizou a

imagem progressista de Richarlison como antagonismo a Neymar, apoiador declarado de Jair Bolsonaro. Com um país dividido entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, cujo embate eleitoral terminou pouco mais de duas semanas antes do início da Copa, os veículos mantiveram esse contraste em suas páginas durante aquele mundial. Em breve, a dissertação estará disponível na Rede Sirius, a rede de bibliotecas da Uerj.



Meses antes da Copa, a TV Globo produziu uma reportagem com Richarlison no Pantanal, em ocasião do lançamento da camisa da seleção brasileira, inspirada nas manchas da onça-pintada. A matéria destacou o lado do jogador engajado em pautas sociais, como a ambiental, tema esvaziado pelo bolsonarismo. Naquele momento, o atacante “apadrinhou” uma onça, denominando-a de “Acerola”.

– Olha lá a onça! Estou aqui no Pantanal, no Onçafari (ONG que atua pela preservação das onças-pintadas). Vim saber um pouco sobre as onças. Fiquei muito encantado e feliz pelo que vi aqui. Então, resolvi adotar uma onça – disse o brasileiro.

Figuras como a de Richarlison são ativadas pela imprensa para buscar uma identificação do público com o jogador e, conseqüentemente, com a seleção brasileira. Com a camisa sequestrada pela segunda vez pela extrema-direita, como diria Simoni Guedes e Marcio Almeida, histórias como a do atacante brasileiro podem servir para uma tentativa de “dessequestro” da camisa amarela da seleção brasileira, como ocorreu durante a Copa do Catar. Os próximos anos vão nos reservar novos capítulos, e a figura de Richarlison certamente reaparecerá em algum momento. Se haverá sucesso no “dessequestro”, devolvendo a camisa ao povo brasileiro e desvinculando-a do fascismo, ou numa reaproximação entre povo e seleção brasileira, não sabemos. Mas que o Richarlison é um prato cheio para as narrativas midiáticas, isso é possível afirmar.

Recebido em 5/04/2024

Fotografia de época e futebol: em encontro com um passado desconhecido

Larissa Miranda Domingos

9 de abr. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Larissa Miranda Domingos é graduanda do curso de Ciências Sociais, bacharelado, na Universidade Federal de Santa Catarina. Residente de Florianópolis, Santa Catarina e natural de Lages. Atualmente está cursando a última fase de Licenciatura, no mesmo curso e é bolsista PIBID. Pretende ingressar no mestrado para continuar suas pesquisas.

COMO CITAR:

DOMINGOS, Larissa M. Fotografia de época e futebol: em encontro com um passado desconhecido. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.4, 2024.



Fotografia de época e futebol: em encontro com um passado desconhecido © 2024 by Larissa Miranda Domingos is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

Fotografia de época e futebol: em encontro com um passado desconhecido

Larissa Miranda Domingos

9 de abr. de 2024

Este trabalho foi produzido durante o primeiro semestre de 2023 para a disciplina Antropologia e Esporte, do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrada pela professora Dr.a Carmen Silva de Moraes Rial.

A pergunta-problema do texto se deu através de uma experiência pessoal da autora, discente de graduação. A investigação do texto compõe-se de imagens resgatadas do passado de um parente falecido. A narrativa familiar era de que esse parente foi um jogador de futebol. Para entender melhor essa história e muito inspirada pelas pesquisas da professora Carmen, decidiu-se fazer o trabalho sobre essas fotografias.

As fotografias remetem a uma narrativa que confirma as histórias contadas pelos familiares da autora. Além disso, foi analisada cuidadosamente cada imagem, para entender seu contexto, na tentativa de traçar uma linha do tempo. E também identificar possíveis times que esse jogador participou. Até o momento, há familiares que lembram essa história e dizem que seu personagem foi um grande jogador do time Inter de Lages, em Santa Catarina. Há muito o que se investigar sobre esse jogador, e este trabalho é só a ponta do iceberg.

É necessário entender que a experiência pessoal e a teoria, tanto quanto a história oral e a fotografia, são elementos primordiais neste trabalho. Que seu legado, embora incompleto biograficamente, esteja próximo de uma lembrança de alguém que gostava de jogar futebol e que, um dia, seguindo os boatos familiares, já teria jogado com o fenomenal Pelé.

A tentativa de escrever sobre algo pessoal e particular, na Antropologia, se torna um desafio quanto à impessoalidade de fazer ciência e da pontualidade quanto à imparcialidade do objeto de estudo. Nesse sentido, pesquisar a ancestralidade muitas vezes pode ser um jogo às avessas, isso quer dizer que muitas vezes podemos cair em algumas histórias que se baseiam apenas na memória coletiva dos sujeitos participantes da pesquisa, ou no imaginário coletivo de uma família, por exemplo. Extrair isso em forma de história oral demanda permanecer com os pés no chão quanto às narrativas que nos são ouvidas e a conexão com a realidade.

A partir disso, podemos entender que a narrativa de uma história oral, conhecida por certos membros de uma família, grupo ou sociedade, pode persistir e ser transmitida para outras gerações, o que abre um caminho para o que filhos ou educandos que recebam e escutem tal história possam fazer com ela: se simplesmente a escutam e concordam, se indagam e investigam a veracidade de tal afirmação, ou se até mesmo desacreditam e não possuem vontade de ir atrás de verificar tal ocorrência. Ainda assim, tentamos não escrever em primeira pessoa, no sentido de relatar apenas o momento no qual são descobertas tais fotografias e no sentido de divulgar o resultado de uma possível pesquisa ou conversa com os clubes nos quais este personagem participou.

A seguir, as imagens elucidam uma trajetória muito antiga de um jogador a partir do qual poderemos discutir as questões de classe, raça e parentesco no futebol. Embora muito dos temas sejam vistos através de jogadores reconhecidos ou pelo menos falados na atualidade, essa é uma tentativa de resgatar o passado de uma personagem de uma família na qual o sustento de sete filhos provinha do chefe de família, com sua carreira no futebol que, embora singela, rendeu memórias a partir das quais, até o momento, filhos e netos narram suas visões de um falecido avô que alguns não tiveram a oportunidade de conhecer. Na tentativa de trazer através da história oral o que compõe as imagens e como esses familiares as interpretam, o estudo das teorias sobre História Oral e de Antropologia e Esporte são essenciais para demarcar a linha da pesquisa.



A linha do tempo

Fonte: Acervo pessoal da autora

Nestas primeiras imagens, gostaria de representar a linha do tempo na qual meu avô foi jogador. Podemos perceber que, na primeira imagem, há uma data, escrita à caneta: “12 de fevereiro de 1945”, sendo este o primeiro ano registrado em que ele participou de um time de futebol. Há nomes escritos a lápis, mas não conseguimos reconhecer ou decifrar muitos deles, e me contendo a não relatá-los, pois não possuo conhecimento de quais seriam.

Na segunda imagem, sendo esta a frente da foto digitalizada, podemos observar que existe uma espécie de “escada” de meninos, do maior para o menor. Meu avô seria o quarto do menor para o maior. Algo que me chamou muito a atenção foi o destaque de apenas um jogador negro e meu avô, sendo o segundo com a pele mais escura da imagem. Aqui, então, quando perguntei à minha mãe sobre meu avô, ela me disse que sua mãe era indígena, e fiquei à procura de saber de qual etnia seria, visto que ambos moravam em um município do Rio Grande do Sul. Quando pesquisei a cidade, vi que em seu histórico teria aldeias da etnia Kaingang, embora não possa confirmar esta afirmação ou constatação.

Nesse sentido, podemos tentar desenvolver hipóteses do que pode ser empreendido nessa relação quanto à migração para outro estado, pois ele nasceu em uma cidade (a consultar) no Rio Grande do Sul em que, durante o século XVII, período de colonização, houve migração de homens indígenas entre os estados do sul brasileiros. Perto da cidade de Canela (RS), havia aldeias indígenas da etnia Kaingang.

**Studio Universal Erechim
(verso)**

Fonte: Acervo pessoal da autora



**Studio Universal Erechim
(frente)**

Fonte: Acervo pessoal da autora



Nesta seção, a frente e o verso da foto estão digitalizadas pois representam a entrada do meu avô em um clube de futebol em Erechim. Mas ainda não sabemos exatamente o nome do clube ou do time. Temos apenas a referência de que seria na cidade de Erechim (RS). Nessa imagem, apenas

podemos observar as camisetas do time, que parecem ser compostas de cores claras e escuras. Meu avô está posicionado na primeira fileira, em pé, em terceiro lugar da esquerda para a direita.

**“Atlântido de Erechi”
(verso)**

Fonte: Acervo pessoal da autora



**“Atlântido de Erechi”
(frente)**

Fonte: Acervo pessoal da autora



Nesta seção de duas imagens, frente e verso, podemos ver, no verso, as palavras escritas à caneta: “Atlântido de Erechi”. Percebemos que, hoje em dia, a forma correta de escrita seria “Atlântico de Erechim”. Meu avô está na segunda fileira, agachado, o primeiro da direita. Todos os jogadores estão sem camisa.

Jogadores “GE”

Fonte: Acervo pessoal da autora



Nesta fotografia, na tentativa de observar a camiseta do time para podermos identificar e comparar com algum time de futebol da época, vemos que a imagem não está tão aproximada ou focada, o que novamente dificulta os detalhes da trajetória de meu avô nos clubes de futebol nas cidades onde jogou e de quais são os times e seus respectivos nomes. Um detalhe apenas é apontado para siglas “GE”, embora possa parecer um “F”, no lado esquerdo inferior da imagem. Meu avô está agachado, o terceiro da esquerda para a direita usando um tipo de “touca” na cabeça.

FLUMINENSE!

Fonte: Acervo pessoal
da autora



Para esta fotografia, podemos destacar a camiseta do time Fluminense. Podemos perceber que a atuação deste jogador em específico, meu avô, no time do Fluminense, deve ter sido entre as décadas de 1950-1960, logo na primeira fase de fundação do time. Quanto a seu local de atuação, meu avô jogava no Rio Grande do Sul, perto de Erechim ou arredores. A situação de explorar e descobrir através da fotografia a pesquisa ou os detalhes que a imagem nos mostra leva a todos os tipos de questionamentos que relato. Mas, apesar de tudo isso, ainda assim é evidente a falta de informações que são possíveis de encontrar na internet, ou na Wikipédia, como o histórico de todos os jogadores que passaram pelo time, desde o ano de sua fundação até os dias de hoje. Esse seria um banco de dados enorme, se fosse coletada tal informação.

Sobre sua localização na fotografia, meu avô é o primeiro da esquerda para a direita, da primeira fileira dos jogadores em pé. Eu separei as imagens conforme os critérios de aparência do jogador da pesquisa, que aparenta, nesta imagem, ser um pouco mais velho do que nas imagens anteriores. E por assim segue-se. Também podemos perceber a presença de três jogadores negros no time.

Campos e florestas

Fonte: Acervo pessoal da autora



Nesta outra imagem, a camiseta do time é padronizada, não há escritos ou estampas, apenas uma camisa do tipo polo é vista na imagem. Meu avô é o último da primeira fileira, da esquerda para a direita.

GFC Guarani Futebol Clube

Fonte: Acervo pessoal da autora



Nesta imagem, meu avô está localizado no último lugar da primeira fileira, da esquerda para a direita. Reparamos então o uniforme deste time e, ao pesquisar a sigla GFC, temos o resultado de ser o Guarani Futebol Clube, fundado em 1911.

Última fotografia

Fonte: Acervo pessoal da autora



Podemos perceber que o estado de conservação desta foto está um pouco comprometido. A borda de papel está um pouco rasgada ou dobrada, há também um pequeno desenho à caneta, que, ao ser visto de longe, parece o de um ratinho. Por coincidência ou não, ele está ao lado do meu avô. Talvez alguém da família o tenha feito para identificá-lo na imagem. Por isso, seu Plácides está na última posição da segunda fileira, com os jogadores agachados, da esquerda para a direita.

Outro detalhe que persiste em todas as fotografias é a presença de um homem ao lado dos jogadores, com outro tipo de vestimenta, caracterizada pelo uso de roupa formal, ou terno, gravata e paletó. Historicamente, essa é a posição de donos de clubes de futebol, técnicos ou empresários dos jogadores, estando, então, em uma posição privilegiada para aparecer na fotografia com os demais membros do time.

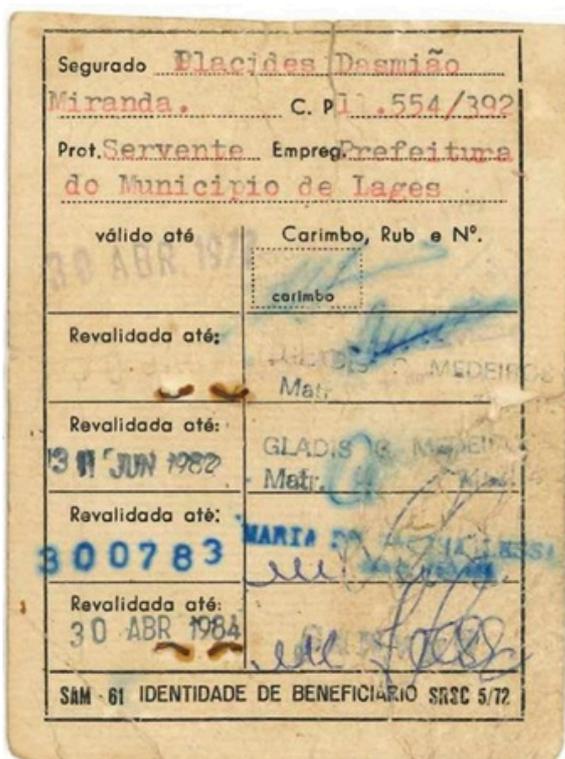
Fotografia misteriosa

Fonte: Acervo pessoal
da autora

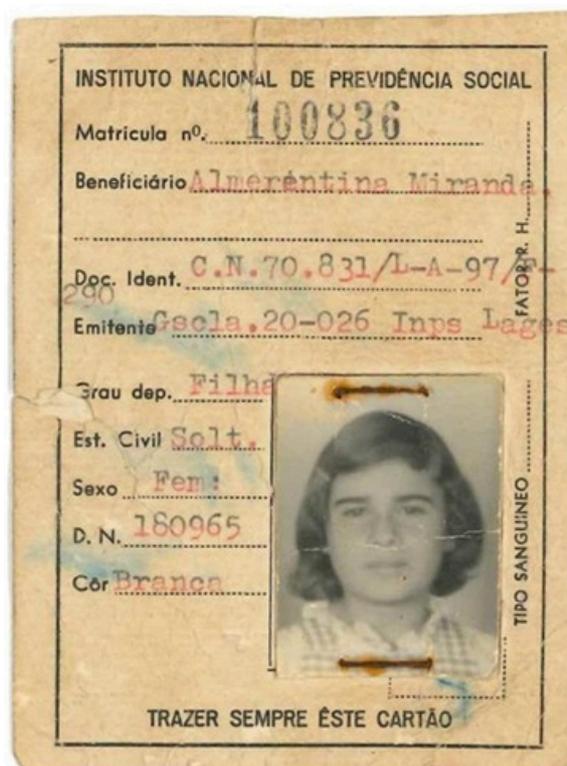


Esta última imagem nos intriga, pois, ao olhá-la na presença de minha mãe, e ao lembrar de que já havíamos visto esta mesma fotografia junto com outros membros da família, em Lages, podemos perceber que meu avô não está nesta imagem. Então, surge a questão: quem tirou esta fotografia? Por quais motivos esta fotografia faz parte do acervo? Eram amigos de meu avô? Ele guardou a foto sem querer ou foi proposital? Perguntas para exercitar a curiosidade do leitor.

Esta pesquisa foi iniciado quando minha mãe fez uma viagem a Lages durante o ano passado, e pedi para ela trazer este acervo de fotografias para que eu pudesse fazer este trabalho. Para terminar nossa análise deste acervo, trago, então, um dos documentos que ela trouxe. Este documento em específico é uma carteira fornecida pelo Instituto Nacional de Previdência Social, que, na época, deve ter sido utilizada para garantir a aposentadoria de meu falecido avô.



Outras profissões (Placides)



Outras profissões (Almerentina)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Gostaria de destacar duas informações que considero importantes: 1) Na primeira imagem, então, temos seu nome completo: Placides Dasmião Miranda. 2) Na categoria de profissão, ele consta como servente na Prefeitura do Município de Lages.

Por fim, para que compreendamos também outro aspecto de sua vida, devemos observar que ele foi trabalhar na Prefeitura de Lages, onde, então, morou com a família de sete filhos mais sua esposa, Etelvina Miranda. Segundo relatos da família, meu avô faleceu decorrente de uma complicação de um câncer na garganta, durante a década de 1990. Um pouco antes da autora (que vos escreve) nascer, meu avô teria partido deste mundo deixando, então, esse legado familiar a partir do qual, humildemente, tento prestar singelas homenagens a um membro perdido da família. Com isso, tivemos que desenterrar certos documentos para que sua memória, que sempre é lembrada, pudesse ser, então, compartilhada com demais colegas e professoras.

Há também boatos de que este jogador teria realizado uma pequena partida de futebol com grandes nomes como Pelé e Mané Garrincha, mas, infelizmente, não conseguimos encontrar um dos recortes de jornais que eu havia visto quando era criança, o que, então, pode permanecer um mistério, ou então, uma pequena charada.

À Daiane Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver

Carmen Rial, Miriam Grossi

26 de abr. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Carmen Rial (Georgetown/UFSC) e Miriam Grossi (UFSC)

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. GROSSI, Miriam. À Daiane Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.5, 2024.

DOI 10.13140/RG.2.2.31624.02567



À Daiane Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver © 2024 by Carmen Rial e Miriam Grossi is licensed under Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International

À Daiane Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver

Carmen Rial, Miriam Grossi

26 de abr. de 2024

Que o futebol é hoje no Brasil uma das mais importantes arenas para debates antirracistas e antimachistas, sabemos. Que uma parte significativa da mídia esportiva brasileira tem tentado mudar as práticas misóginas, homofóbicas e racistas, também sabemos. Mas o caminho ainda é longo para vermos o futebol como o espaço inclusivo e igualitário que desejamos. E isso lamentavelmente vimos na recente manifestação misógina do treinador Ramón Díaz contra uma “senhorita” árbitra do Video Assistant Referee, o chamado VAR. Disse Ramón Díaz:

“Com respeito aos árbitros, não podemos falar muito. Na última partida, o VAR foi uma senhorita, uma mulher, e foi pênalti. Me parece complicado que no VAR quem tenha que decidir seja uma mulher. Porque o futebol é tão dinâmico, com ações tão rápidas.”

Para Ramón, portanto, as mulheres não parecem ter as capacidades inatas requeridas para a função. São dotadas de um olhar mais lento, incapaz de captar as ações dinâmicas do jogo. Ora, em apenas três frases, com esta singela declaração, retornamos mais de um século ao debate dos médicos e higienistas sobre as faculdades diferenciadas de homens e mulheres, que as tornavam inaptas a algumas práticas, entre as quais as do futebol (Almeida e Rial, 2024; Almeida, 2019).

Uma fala machista, que reforça os valores discriminatórios e extrapola o espaço futebolístico ao reafirmar a superioridade do olhar do homem sobre o da mulher. Uma superioridade que não é apenas física, pois observar é também pensar, analisar, discernir, avaliar (Resende de Assis, 2019), ou seja, usar a razão. Para Ramón Díaz – podemos inferir a partir de sua fala – há ações sociais (observar) e espaços sociais (a sala do VAR e, quem sabe, os vestiários, o campo de jogo, o estádio) onde as mulheres, se presentes, estarão em uma condição menor. Melhor que não estejam lá, pois podem atrapalhar e até prejudicar gravemente, como no caso da “senhorita” em questão – que, aliás, tem nome: Daiane Muniz.

Trata-se de uma reedição do “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, como quer uma parte da nossa sociedade. O VAR, azul, não pode ser vestido por uma “senhorita”. Mas não é apenas isso. A exclusão de certos lugares, que seria um expurgo social e político – uma opção, portanto – é justificada por algo mais além do social e do político: a natureza. As mulheres não

podem estar nesse lugar porque são “naturalmente mal dotadas”. Há aqui uma naturalização semelhante à dos que afirmam uma relação direta entre corpo e sexualidade e que faz com que a anatomia seja tida como destino.

Imaginamos que, para muitos homens – e muitas mulheres – educados na sociedade patriarcal e racista – onde, sim, anatomia é destino e os que se desviam dela estão fadados ao fracasso, à morte social (e, em muitos casos, à morte física) – deva ser angustiante e intolerável a desestabilização que os ventos do feminismo, dos movimentos LGBTQIA+, das pessoas com deficiência, das lutas antirracistas e de indígenas têm provocado. O que era sólido desmanchou-se no ar. Do medo que essa desestabilização tão necessária causa é que decorre a necessidade de se afirmarem como mais capazes. De construírem fronteiras entre os que podem ou não estar neste ou naquele espaço, dos que podem ou não ver, podem ou não ser. Queimam-se os livros que ousam desconstruir categorias tidas como prefixadas desde sempre. E se mata – e não apenas simbolicamente, como no caso da Daiane – as mulheres que ousam dizer não, os negros que não se mantêm nos seus lugares, os/as/es trans...

É assim que se constrói como Outro o que difere deste “nós, os homens; nós, as mulheres”. Distancia-o, torna-o inferior, exclui-o e, em último caso, aniquila-o. Isso é grave. Estamos vendo nas expressões dos extremistas a construção desse Outro como um inimigo a ser aniquilado. Até quando a misoginia de declarações assim será tolerada? Até quando a violência do essencialismo de gênero será passível de punição branda, na esfera desportiva apenas? Até quando serão aceitas desculpas posteriores estultas como a de Ramón: “Fui mal interpretado, quis dizer uma pessoa decidir sozinha” – quando ele sabe bem que há sempre mais de uma pessoa na sala do VAR?

No futebol, as maiores protagonistas dessas batalhas por igualdade hoje são as futebolistas mulheres, sejam elas heterossexuais, lésbicas, cis ou trans. São elas quem tem se posicionado com coragem contra as possíveis contratações pelos clubes de indivíduos envolvidos em casos de estupros ou outras violências contra mulheres. E, desde 2018, têm exposto publicamente suas famílias queers, dividindo nas redes sociais os seus cotidianos com as namoradas, esposas, filhos e filhas, com o mesmo orgulho das que mostram seus maridos, filhos e filhas. A eloquência de suas vozes contrasta com o silêncio dos futebolistas homens – não todos, pois são louváveis as demonstrações antirracistas lideradas por Taison e Vini Jr.

Já passou da hora de criminalizarmos falas como a de Ramón.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Caroline S. 2019. Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. *Lusotopie*, 18, p. 95-118.

RESENDE DE ASSIS, Luis Guilherme. 2019. *A Proa Presentida: táticas oceanográficas brasileiras para atravessar a duração e avistar baleias no Estreito de Gerlache, Península Antártica*. Tese de doutorado, PPGAS, UFSC.

RIAL, Carmen. ALMEIDA, Caroline S. 2024. O “gênero da bola”: mulheres e futebol na mídia. *Alceu: Revista de Comunicação, Arte e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 24, 2024.

O gênero do ressentimento

Luís Guilherme Resende de Assis

14 de mai. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Luís Guilherme Resende de Assis. Antropologia – UnDF. INCT Futebol. NAVI/UFSC

COMO CITAR:

RESENDE DE ASSIS, Luís Guilherme. O gênero do ressentimento. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.6, 2024.



O gênero do ressentimento © 2024 by [Luís Guilherme Resende de Assis](#) is licensed under [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International](#)

O gênero do ressentimento

Luís Guilherme Resende de Assis

14 de mai. de 2024

“Com respeito aos árbitros, não podemos falar muito. Na última partida, o VAR foi uma senhorita, uma mulher, e foi pênalti. Me parece complicado que no VAR quem tenha que decidir seja uma mulher. Porque o futebol é tão dinâmico, com ações tão rápidas. Hoje não sei se o árbitro também não viu o lance, que me pareceu pênalti” (Ramón Diaz, técnico de futebol, 17 de abril de 2024)

Ordinariamente, os jogos do Campeonato Brasileiro ocorrem no meio e no final de semana. O discurso acima foi proferido por Ramón Diaz, então técnico do Vasco, na rodada de meio de semana (Bragantino x Vasco); mas rememorava lance de jogo ocorrido no final de semana anterior (Vasco x Grêmio). As razões da evocação de lance de jogo anterior para comentar o jogo “atual” justificam o título e são aqui abordadas.

A etnografia lança luz sobre as motivações das ações e discursos, focalizando elementos dispersos nos contextos de prática ou enunciação. As afirmações machistas acima, por exemplo, ocorreram após a derrota do Vasco para o Bragantino, em 17 de abril. No entanto, remetem a um lance de pênalti para o Vasco marcado, e depois desmarcado, na rodada anterior, contra o Grêmio, em 14 de abril. Por isso, trata-se de qualificação negativa da hesitação arbitral, ocorrida nos dois jogos. Ao que tudo indica, o passado fora evocado no presente de uma coletiva de imprensa para dar conta de uma preocupação legítima com a regularidade avaliativa do corpo arbitral do campeonato, no melhor estilo: “se continuar assim, o Brasileirão será bastante problemático”. Um modo típico do meio futebolístico tupiniquim de imprimir pressão sobre a arbitragem para “parar de errar contra meu time”.

Até aí tudo bem: quando juízes “voltam atrás” em suas decisões, ou quando hesitam em julgar, na exigente expectativa de objetividade sobre a performance do apito, as reclamações são quase certas. O problema autoevidente consiste em justificar o reclamo passado, e o receio futuro, partindo de alguma carência inata das mulheres sobre os elementos indispensáveis à arte de julgar. Nesse caso, o contexto das afirmações se reveste da dualidade cisgenérica homem/mulher, dando cores – rosa e azul? – aos mecanismos de seleção de memórias afetivas aptas a balizar um natimorto argumento sobre irregularidades arbitrais em casos de pênalti. Como se diz popularmente, o técnico “perdeu a razão” – no mínimo.

Obviamente, a gravidade irresponsável da afirmação desloca o foco do reclamo para as razões conducentes ao passado em razão do “gênero da hesitação”. Assim foi que uma pretensa análise, com base em evidências de erros anteriores, transformou-se em uma manifestação de ressentimento masculino sobre a impossibilidade de o futebol conviver com a hesitação substancialmente “feminina”. Repiso: a hesitação e a mudança de parecer sobre um julgado qualquer foram tipificadas como comportamento inato feminino. Hesitar, então, converteu-se em atributo feminino e, em consonância com a lógica argumentativa de Ramón, isso não caberia no futebol “moderno”, “dinâmico, com ações tão rápidas”. O encadeamento propositivo é simples: ou banem as mulheres da arbitragem, banindo também a hesitação, ou continuaremos assistindo erros interpretativos de lances “dinâmicos”. Em suma, consignou-se que hesitar é feminino e, no futebol contemporâneo, os árbitros preparados, invariavelmente homens, não hesitam – ou não deveriam. Ao contrário das juízas, os juízes conseguiriam capturar a dinâmica em seu curso dinâmico, sem retroação [sic]. E se – ou quando – alguma retroação for observada, terão sido homens, digamos, com comportamentos arbitrais “afeminados” ou femininos. Para Ramón, isso é temerário.

Note-se: o ainda técnico do Vasco estava, de fato, a reclamar de um pênalti não marcado em favor de seu time na derrota para o Bragantino. Os árbitros eram homens. Para justificar a reclamação, evocou o que considera lance correlato no jogo anterior, na vitória contra o Grêmio. Naquela oportunidade, a árbitra do VAR primeiro marcou o pênalti, e, depois, voltou atrás, desmarcando-o. Conclusão: os árbitros de jogo contra o Bragantino reproduziram um comportamento feminino de hesitação observado no jogo contra o Grêmio. E chamar meninos de meninas, na perspectiva do técnico, parece ser uma ofensa suficiente para encerrar o assunto. Não é isso que quer dizer a pérola: “Hoje não sei se o árbitro também não viu o lance, que me pareceu pênalti”? Ao que tudo indica, sim. E esse é o absurdo grotesco da situação.

Transformada em ressentimento de gênero – masculino –, francamente dependente de uma condição feminina da hesitação arbitral, a justificativa técnica da incapacidade de julgar um “futebol dinâmico” com “ações rápidas” merece ser abordada, já que seus desdobramentos também adquirem gênero exclusivo. Está dito por Ramón que a dinâmica e a velocidade de ocorrência de uma falta dentro da área ensejam levantamentos probatórios masculinos na captura fenomênica, trasladados, na forma de imagens manuseáveis, para o VAR. Também o traslado, a habilidade de produzir e, depois, interpretar imagens com outras durações ou motions, ao melhor estilo bergsoniano, são “coisas de homem”.

Perceba: uma falta é uma interrupção tática insuportável aos elementos envolvidos em um jogo de mútua tentativa de condução de entropias. Admitindo o paradigma tático termodinâmico de Garganta, emprestado de Prigogine e Stengers, o sucesso consiste em conduzir o adversário a se comportar para aquilo que se treinou. O adversário deve ser manipulado para a ocupação de espaços e abertura de vazios típicos das estratégias ensaiadas no Centro de Treinamento reiteradas vezes. Jogar futebol é lidar com a rebeldia do adversário em não se conformar com o “modelo de jogo” imposto, apresentando, em contrapartida, ininterruptas “solucionáticas dadaístas”. No exercício de responder com soluções e obstáculos às propostas rebeldias dos adversários, o limite tático é transgredido: o corpo de outrem e as regras gerais. Falta! Tal é o fenômeno “dinâmico e veloz” que, para Ramón, somente juízes homens [sic] conseguiriam habilmente, i.e., objetiva e rapidamente, capturar, instanciando o sopro do apito.

Sim, há que ser homem – o suficiente? – para interromper a dinâmica tática, acusando falta. Esse era o pensamento furioso de Havelange ao negar muitas vezes a diplomação de Léa Campos como a primeira árbitra futebolística da FIFA nos anos 70. Ramón mostra que a ideologia de gênero misógina segue viva em tempos do VAR, quando “dinâmica e velocidade” transbordam o campo, chegando às telas de uma salinha. Com o VAR, as habilidades para manuseio dos equipamentos passaram a compor as expectativas sobre a performance da objetividade arbitral. Um bom árbitro do VAR é aquele que dirime o tempo de hesitação geral, agora institucionalizado como etapa de julgamento: foi gol, pênalti, impedimento? Logo saberemos... quão “logo” é a questão posta. Então o árbitro do VAR precisa coordenar visão e mãos, premindo botões, traçando linhas num transcurso de tempo quase insuportável para torcida e agentes de TV.

Ora, o que se passou com a implementação desse recurso foi necessidade de hesitar em favor da “verdade dos fatos”. Como dito, a ancestral hesitação da arte de julgar uma partida de futebol deixou de ser uma caixa-preta cognitiva “de campo”, rumo à institucionalização de captura e análises imagéticas: hesitar é preciso. E como as imagens de VAR agora ocupam a TV e as análises pós-jogo da programação, mais do que nunca, “somos todos juízes”. Os fatos, retirados de sua dinâmica e velocidade, são decupáveis em frames, dispondo o julgado futebolístico brasileiro como verdadeiro processo kafkiano. As cenas e áudios de julgamento constituem, hoje, entretenimento – esportivo? – à parte. O que se julga são fotos, não fatos.

Mas as fotos passam à condição de fatos quando adequadamente triadas pelos operadores das máquinas, animando o debate sobre a qualidade ou

correção da arbitragem na sala do VAR, não no campo. A “dinâmica e velocidade” dos acontecimentos se traduz em “dinâmica e velocidade” de transdução de provas de vídeo. Para Ramón, as mulheres, no nascedouro, são inaptas a esse exercício técnico, donde o gênero do ressentimento; inseparável do gênero da hesitação. O futebol se feminilizou. E disso, dirá o técnico, “temos” que reclamar.

O que o futebol tem a dizer sobre o aquecimento global?

Caroline Soares de Almeida, Daniel Machado Conceição
14 de mai. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Caroline Soares de Almeida Coordena a Linha de Pesquisa Futebóis de mulheres, indígenas e LGBTQIA+ no INCTFUTEBOL.

Daniel Machado Conceição Coordena a Linha de Pesquisa Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas no INCTFUTEBOL.

COMO CITAR:

ALMEIDA, Caroline. CONCEIÇÃO, Daniel. O que o futebol tem a dizer sobre o aquecimento global?. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.7, 2024.



O que o futebol tem a dizer sobre o aquecimento global? © 2024 by ALMEIDA, Caroline. CONCEIÇÃO, Daniel. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

O que o futebol tem a dizer sobre o aquecimento global?

Caroline Soares de Almeida, Daniel Machado Conceição

14 de mai. de 2024

Desde o final de abril temos sido bombardeados por imagens alarmantes das cheias no Rio Grande do Sul. Hoje, o estado se encontra em situação de calamidade, com quase todas as cidades comprometidas. O país inteiro mostra-se solidário a fim de levar auxílio a moradores das regiões atingidas. Pode-se afirmar que se trata de uma tragédia sem precedentes na história do país, não somente pela proporção territorial, mas também pelo colapso das estruturas que sustentam o abastecimento de alimentos, água e energia elétrica, além da segurança pública dos municípios e da rede de transportes viários, portuários e aeroportuários. A situação está longe de se normalizar devido às características hidrográficas e da continuidade de chuvas no estado gaúcho.



Jornal
Zero Hora,
CARLOS
FABAL / AFP

O colapso também atingiu o futebol. Cenas como as vistas na Arena do Grêmio e no Estádio Beira-Rio, que ganhou projeção internacional, assombram porque simboliza a fragilidade que nós, enquanto humanidade, estamos submetidos diante do aquecimento global. Os clubes de futebol no Rio Grande do Sul estão com jogos suspensos, sem datas para realização das partidas, afetando parte dos campeonatos Brasileiro séries A, C e D; Libertadores da América; e, da Sul-Americana. A impossibilidade de manter os jogos em função da falta de espaço para treinar, da dificuldade de mobilidade e da interdição de estádios são fatores que impactam os times gaúchos.

Alguns clubes, como o Figueirense, Flamengo, Palmeiras, São Paulo e o Corinthians, ofereceram os estádios e centros de treinamento às equipes. Outros, têm incentivado torcedores a realizar doações em suas sedes. O Sport Club do Recife organizou um bazar beneficente no qual o valor arrecadado com a venda de camisas antigas utilizadas pelos jogadores será destinado às vítimas da enchente. O Atlético Mineiro, que jogaria contra o Grêmio no último sábado, realizou um treino aberto a torcedores com renda destinada às vítimas das cheias. Por todo o país, clubes e federações disponibilizam espaços para arrecadar recursos que serão enviados para o RS.

Alberto Guerra, presidente do Grêmio, em entrevista ao UOL Esporte, ressaltou na última quarta-feira que a solidariedade dos clubes ao oferecer suas estruturas para dar continuidade aos campeonatos representa uma solução de “quem está muito distante do problema”. O dirigente afirma que a realidade vivida hoje em Porto Alegre impossibilita que se pense em futebol:

Tenho certeza que, se isso acontecesse em qualquer outro lugar do Brasil, se as pessoas estivessem aqui no nosso lugar, estariam pensando a mesma coisa, não é nenhuma desculpa técnica, ninguém está querendo benefício para os clubes, até porque o que a gente menos pensa aqui é futebol. A gente tá numa fase de salvar pessoas, correr atrás de água, que é um bem escasso na cidade, está querendo ligar a luz. [...] Não estou preocupado com o que vão fazer com o campeonato, se vai jogar, não vai jogar, não tem tempo pra isso, a gente está preocupado aqui em se ajudar uns aos outros¹.

Guerra quer dizer que em meio às catástrofes naturais que afligem cidades, estados e países, no momento de insegurança e desespero, as cores clubísticas, crenças religiosas, ideologias partidárias etc., não importam quando o desejo é preservar vidas. Posicionamento semelhante foi anunciado por outros dirigentes. Alessandro Barcellos², presidente do Internacional, declarou em entrevista à Sportv: “[...] a gente agradece. Mas a gente quer deixar muito claro isso. Nós não vamos abandonar o nosso povo nesse momento.” Na Serra Gaúcha, Fábio Pizzamiglio, do Juventude, também afirmou que no momento não há “clima para o futebol”³.

Há quem defenda a paralisação do Brasileirão. Solução radical? Não diante da gravidade da situação. Parar o campeonato significa solidariedade e apoio às pessoas atingidas, como também o reconhecimento de que os efeitos das mudanças climáticas têm incidido cada vez mais sobre o cotidiano. Uma realidade que se impõe avassaladora e que cada vez mais estimulará o debate negócio (entretenimento) versus preservação das vidas (solidariedade).

Desde então, Juventude, Grêmio e Internacional emitiram um ofício à Confederação Brasileira de Futebol solicitando o adiamento de todos os jogos das próximas rodadas da Série A. Esse movimento foi acompanhado por boa parte dos clubes que participam da competição e pelo próprio Ministério do Esporte. Em pronunciamento nesta manhã, Ednaldo Rodrigues afirmou que a CBF irá acatar a decisão sobre a paralisação. No entanto, alertou para os problemas que essa medida irá causar: “Não é tão fácil”, disse. Mesmo se mostrando solidária, a CBF até o momento não emitiu qualquer comunicado ou declarou a intenção de incluir em sua pauta de discussões os efeitos do aquecimento global, como o ocorrido no sul do país, no futebol brasileiro.

Esses efeitos climáticos já são sentidos no futebol, a parada técnica para hidratação é um bom exemplo. Embora, alguns acreditem que sua implantação esteja relacionada ao horário dos jogos, o que no primeiro momento foi uma verdade, mas na atualidade mesmo em jogos realizados à noite se faz necessária a hidratação em razão do desgaste físico em decorrência da temperatura elevada e do clima seco. Independente da parada técnica, também nos acostumamos a observar tempestades com chuvas torrenciais repletas de raios e/ou gelo (granizo), que colocam em risco a vida dos atletas e mesmo a continuidade das partidas. Em regiões frias do mundo, nevascas pintam os gramados de branco e dificultam a realização dos jogos. Assim como, em outras regiões, as tempestades de areia também dificultam treinamentos e jogos.

Trata-se de um alerta e de uma denúncia. Não que isso já não venha afetando, mesmo no futebol. Afinal, a parada técnica para a hidratação de futebolistas está se demonstrando um artifício cada vez mais acionado pela arbitragem nos jogos pelas altas temperaturas.

Suspender ou não suspender o campeonato brasileiro, não é uma questão apenas do futebol. Caso seja, justifica sua resistência, já que o futebol é entretenimento. No entanto, os acontecimentos climáticos que afetam a humanidade em diversos lugares pelo mundo e o esporte, como veículo ideológico da modernidade, podem potencializar a reforma do pensamento por meio do discurso de sustentabilidade e preservação.

O futebol, que em suas origens fez parte dos rituais religiosos ligados à natureza, precisa evocar essa relação para mais uma vez as pessoas aprenderem a respeitar a força dos quatro elementos.

Texto escrito em 10/05/2024.

Texto aprovado para publicação em 13/05/2024

¹ *Presidente do Grêmio: 'Oferecem CT porque não sabem o que estamos passando'. UOL Esporte. Acesso em: 08/05/2024.*

² *Em entrevista à Sportv em 08 de maio de 2024. Ver: Redação Globo Esporte. Presidente do Inter diz que o clube não vai sair do RS: "Não vamos abandonar o nosso povo". Acesso em 09/05/2024.*

³ *Reis, Ana Karolina. "Não tem clima para futebol", diz presidente do Juventude sobre enchentes no RS. CNN Esportes. Acesso em 09/05/2024*

Futebol, tragédias e hipocrisias: o tabuleiro da sociedade se movimenta!

Cristiano Mezzaroba, Gustavo Roese Sanfelice

21 de mai. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Cristiano Mezzaroba, Doutor em Educação (UFSC), Professor do Departamento de Educação Física da UFS e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFS), Coordenador da Linha Mídias, Torcidas e movimentos antirracistas do INCT.

Gustavo Roese Sanfelice, Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos), Professor Titular da FEEVALE - Novo Hamburgo/RS, Pesquisador INCT - Linha Mídias, torcidas e movimentos antirracistas.

COMO CITAR:

MEZZAROBA, Cristiano. SANFELICE, Gustavo. Futebol, tragédias e hipocrisias: o tabuleiro da sociedade se movimenta! Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.8, 2024.



Futebol, tragédias e hipocrisias: o tabuleiro da sociedade se movimenta! © 2024 by MEZZAROBA, Cristiano. SANFELICE, Gustavo. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Futebol, tragédias e hipocrisias: o tabuleiro da sociedade se movimenta!

Cristiano Mezzaroba, Gustavo Roese Sanfelice

21 de mai. de 2024

Desde que boa parte do estado do Rio Grande do Sul passou a sofrer com fortes e intensas chuvas, no final de abril de 2024, a catástrofe enfrentada pelos gaúchos ganhou proporções midiáticas que não conseguimos ficar indiferentes ao acontecimento.

A tragédia ambiental – e todas mais decorrentes dela: social, sanitária, humanitária, econômica; e também geradoras dela: política, negacionista, da ganância capitalista da exploração do “agro” – vivida neste momento no estado do Rio Grande do Sul, demonstra a nossa fragilidade enquanto sociedade no que se refere ao entendimento da própria coletividade humana. Uma grande extensão territorial e uma grande parcela populacional do Rio Grande do Sul vive, há dias, um colapso brutal e assustador em relação à “normalidade” em sua forma de vida, com muitas cidades submersas, estradas bloqueadas, pontes destruídas ou levadas pela força das águas, deslizamentos de encostas, risco de ruptura de barragens, cadeia de suprimentos comprometida e, obviamente, milhares de pessoas sem a mínima condição de vida.

Você que começou a ler este texto, talvez provocado pelo seu título, deve estar pensando: cliquei no link do texto errado, era para eu estar lendo sobre futebol! Pois bem, é nossa intenção analisar algo que está acontecendo, no perigo sempre existente de analisar o presente enquanto ele acontece, neste caso, a discussão sobre a suspensão dos jogos das várias séries do Campeonato Brasileiro de Futebol devido à situação gaúcha.

Fomos tocados – provocados? – a colocar nossas ideias neste texto a partir de três materiais que circularam em nossos aplicativos de mensagens, entre os dias 10 a 16 de maio.

No dia 10 de maio, em uma roda de conversas entre jornalistas e cronistas esportivos do UOL Esporte, discutiu-se: “Brasileirão deve parar? Mauro Cezar e Trajano divertem em debate!”

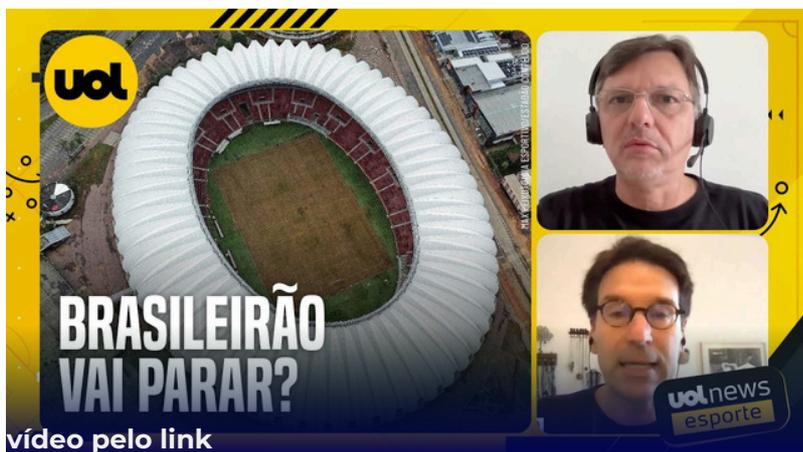


<https://youtu.be/-dZt6S9U3J4>

O comentarista Mauro Cezar Pereira defende a continuação do campeonato brasileiro, argumentando que a discussão sobre o futebol seria secundária, sendo a discussão principal, a dimensão política e ambiental (no que concordamos com ele). Também exemplifica o ocorrido na Turquia, e os efeitos daquele terrível terremoto, em que a solução que o futebol encontrou naquele momento, foi não rebaixar nenhuma equipe, mesmo que perdesse os jogos por WO (não comparecimento). A preocupação do referido jornalista seria: de que maneira o futebol pode ajudar? Para ele, não seria suspendendo ou parando o campeonato que o futebol conseguiria “ajudar” na tragédia.

Depois, no dia 14 de maio, no UOL News Esporte, novamente a temática é tratada por Mauro Cezar Pereira. O jornalista lança a pergunta:

“Pára o campeonato e vai fazer o quê? O que que vai ser feito nessa paralisação?” E argumenta: “Seria mais lógico você continuar jogando, dando contribuições [...] envolvendo clubes, torcedores etc., usando o canhão que é o futebol para não deixar o povo que está longe esquecer o que tá acontecendo, porque continua o problema... o futebol ajuda nisso também. [...] E no momento que já puder jogar Grêmio, Inter, Juventude [...] você ajusta o calendário. [...] Agora, parar agora por nada...”



<https://youtu.be/6qy86RYWT2M>

O último fragmento que apresentamos nessas nossas reflexões, a partir do que circulou nos nossos aplicativos de mensagens, refere-se a uma fala do jornalista esportivo Renato Maurício Prado, no dia 16 de maio. Frase dele: “É a popular demagogia”, crítica dele quanto aos pedidos de paralisação do Campeonato Brasileiro.

Enquanto escrevemos o texto, entre os dias 17 a 19 de maio, a Defesa Civil do Rio Grande do Sul confirma 155 (cento e cinquenta e cinco) mortes decorrentes das enchentes, com 94 (noventa e quatro) desaparecidos. Em números, as fortes chuvas e as enchentes afetaram mais de 2,3 milhões de gaúchos em 461 dos 497 municípios do estado. O impacto recente da tragédia ainda não permite números certos em relação a pessoas feridas, desalojadas e desabrigados.

Em meio a isso, temos a discussão envolvendo o futebol. O nosso esporte mais midiático e popular do país, mais uma vez margeia a realidade vivida pelo povo gaúcho. Como torcedores que somos – um colorado, o outro gremista – mas também como professores e pesquisadores da EF em contexto das Humanidades, vemos os agentes responsáveis pela configuração do espetáculo futebolístico na mídia levantarem suas bandeiras e vozes para dizer que o futebol, oras, não pode parar! Triste coincidência: com a pandemia de covid-19, recém passada, vimos essa mesma discussão: lembremos que o futebol foi a primeira modalidade a voltar (no Brasil). Naquela falaciosa discussão, entre vida versus economia, jornalistas, cronistas, apresentadores (os agentes do campo midiático) defendiam a importância da volta do futebol inclusive para o bem dos cidadãos, porque seria uma forma de “entretê-los” enquanto estariam fechados em suas casas se cuidando do novo coronavírus...

Agora a discussão é: parar ou não parar o Brasileirão, em função das condições precárias (para não dizer sem a menor condição) em que as equipes gaúchas da Série A, Grêmio, Internacional e Juventude, se encontram. A discussão também é válida para as equipes do estado que disputam as séries C e D do Campeonato Brasileiro, Caxias, Ypiranga, São José, Novo Hamburgo, Brasil de Pelotas, Avenida.

Não se pode comparar acontecimentos como o ocorrido em Brumadinho e Mariana, ambos em Minas Gerais, ou mesmo os deslizamentos em Teresópolis, na serra fluminense – ambos vitimando muitos brasileiros também – com este de agora em terras gaúchas, argumentar isso é desconsiderar a amplitude territorial da catástrofe, bem como, ignorar a localização e estrutura dos clubes fortemente impactados com as enchentes.

Lembremos, também, que não há aeroporto capaz de transportar Grêmio e

Internacional para outros estados brasileiros. Ambos estádios da dupla GreNal, bem como seus centros de treinamento, ainda estão debaixo d'água (a Arena do Grêmio no dia 19 de maio continua com muita água; o Estádio Beira Rio com muita lama e destruição).

Interessante também, que a própria mídia esportiva brasileira enaltece a dimensão das torcidas, como parte do espetáculo futebolístico. Lembremos que na pandemia, com os jogos acontecendo sem torcida, quem acompanhava pela televisão sentia que faltava “alguma coisa”. Mesmo jogando em outros lugares, o que parece ser a solução encontrada (com Grêmio treinando no CT do Corinthians, em São Paulo, e jogando em Curitiba; e o Inter treinando em Itu/SP, ainda sem definição de onde levará seus jogos), a “magia” da torcida local dessas equipes não existirá.

Sim, é preciso falar em isonomia, em condições mínimas de igualdade de condições. Se a tragédia teve essas proporções, o grande mercado do futebol não pode esconder condições desfavoráveis e desiguais. Não seria isso, então, a hipocrisia, ou seja, desconsiderar a lógica humanitária de valorização da vida e o foco na reconstrução, com discursos de que doações em dias de treinamentos e jogos? Será que a hipocrisia não está na defesa de seu trabalho (no contexto midiático) mesmo quando uma situação catastrófica exige outras ações?

A resposta humanitária que alguns cronistas esportivos e alguns dirigentes de clubes da Série A do Campeonato Brasileiro comentam remete a um outro lugar que não a realidade vivida pelos gaúchos e gaúchas. Transferir os jogos da dupla GreNal e do Juventude para outro estado seria uma ação que explicita a não equidade do ponto de vista esportivo. O olhar apenas mercadológico do futebol (tendo a mídia e seus agentes como “corpo” dessas ações) traduz-se em um apagamento do maior desastre da história do Rio Grande do Sul, desconsiderando-se, neste momento, o sofrimento dos gaúchos.

Não sejamos hipócritas em afirmar que o Rio Grande do Sul, precisando de toda ajuda neste momento, poderá tê-la a partir de doações vindas em contextos de treinamento e de jogos, e que, por isso, o Brasileirão não pode parar! Não pode parar por quê? Por causa de quem? Encaixes em datas e cronogramas? Dias existem e existirão... As saídas existem, mas é preciso olhar para o todo e não apenas para o “umbigo”.

Em 1993, a banda gaúcha Engenheiros do Hawaii lançou a música “Quanto vale a vida”, e com ela fechamos nosso texto:

“[...] Quanto vale a vida de qualquer um de nós?
Quanto vale a vida em qualquer situação?
Quanto valia a vida perdida sem razão?
[...]
São segredos que a gente não conta
São contas que a gente não faz
Quanto vale a vida quando vale a pena?
Quanto vale quando dói?
São coisas que o dinheiro não compra
Perguntas que a gente não faz: Quanto vale a vida?”

A camisa embarrada do Inter – e o uso de símbolos no futebol atual

Carmen Rial

1 de jun. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Carmen Rial(UFSC) Coordenadora do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. A camisa embarrada do Inter – e o uso de símbolos no futebol atual.

Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.9, 2024.

DOI 10.13140/RG.2.2.32462.88643



A camisa embarrada do Inter – e o uso de símbolos no futebol atual. © 2024 by Carmen Rial is licensed under CC BY-SA 4.0

A camisa embarrada do Inter – e o uso de símbolos no futebol atual

Carmen Rial

1 de jun. de 2024

O Sport Club Internacional foi a campo¹ no dia 28 de maio para enfrentar o clube argentino Belgrano vestindo um uniforme com manchas amarelas que pareciam o barro. Em outro contexto, o barro nas camisas e nos calções seria visto como sujeira, algo que deveria ser retirado. De fato, é comum que os jogadores troquem de uniforme no intervalo quando o sujam de barro durante o primeiro tempo do jogo. Nunca antes tinha se visto uma equipe entrar em campo já suja de barro, como aconteceu no dia 28 de maio de 2024.

A sujeira, como a antropóloga britânica Mary Douglas (1976) nos explicou, até pode ter a ver com falta de higiene, mas é antes de tudo um estar fora do lugar. Por mais limpo que esteja o cabelo após o xampu e o condicionador, um fio dele no prato de comida será visto como sujeira: uma aberração, algo que deve ser imediatamente excluído. O argumento central de Douglas é que a sujeira não é só uma questão de higiene ou limpeza, mas de ordem cultural. A sujeira seria assim uma matéria fora do lugar (“a matter out of place”). Algo está sujo quando está fora da classificação cultural adequada. Como as camisas do Inter embarradas no início do jogo, pelo menos no contexto futebolístico, pois, embora o trabalho de Douglas enfatize que a sujeira não é universal, e sim culturalmente relativa, o futebol tem um vocabulário quase universal.

De fato, no mundo do futebol – nos mais de 200 países onde se pratica o futebol – o barro das camisas é visto como sujeira e por isso mesmo incomoda. É por isso que precisa ser excluído, eliminado, purificado. Como toda a sujeira, ameaça a estrutura e a cosmovisão social. Limpar é uma operação que ordena de acordo com um determinado código cultural, no caso, o código futebolístico.

A intenção do Inter era claramente a de provocar o incômodo que a sujeira nos causa. O barro foi usado como signo na mensagem de que aquele não era um dia qualquer e aqueles futebolistas não estavam representando torcedores que viviam dias quaisquer, dentro de uma ordem social qualquer. Eles estavam no campo de futebol, mas vinham de um lugar momentaneamente em desordem, onde a água tinha tomado o lugar da terra, se misturado com ela, virando barro, tornando o lugar sujo.

A água é limpa quando se mantém no rio ou no lago, mas quando ultrapassa 3 metros de altura e, pela imprevisão, incompetência e ganância dos governantes, não encontra barreiras, ela invade a cidade de Porto Alegre e a suja. Está fora do lugar e obrigou mais de 600 mil pessoas a também ficarem fora do seu lugar, de suas casas, em abrigos improvisados, pois nem abrigos tinham sido previstos para uma situação que já não era nova, já que duas outras invasões de água haviam ocorrido recentemente no estado. As ruas viraram rios ou pântanos, havia garças brancas passeando no Praia de Belas, e peixes nadavam em frente ao Centro Cultural Mário Quintana. Cento e sessenta e nove pessoas tinham morrido. E a faixa preta usada comumente nas camisetas como símbolo de luto não era suficientemente forte para expressar a tragédia vivida pelo lugar de onde vinham aqueles futebolistas. Alguns entre eles tinham entrado na água e carregado nos braços pessoas, outros tinham servido comida para os desabrigados. Viram o barro de perto. E o vestiram, certamente, com orgulho de estarem falando do caos aos que assistiam o jogo na Arena Barueri, a mil quilômetros do seu inundado estádio Beira-Rio, sua casa esportiva – eles também, desse modo, eram desabrigados. Por isso, falaram com eloquência por meio de um símbolo bem mais forte: a sujeira. Quem poderia pensar que o barro pudesse remeter à tragédia do Rio Grande do Sul? De fato, se fossemos usar a semiótica, o barro nas camisetas no Inter é índice (Peirce 2005)², pois mantém com o que representa uma relação quase direta. A sujeira das camisetas do Inter como que traz o barro de lá para cá, do Rio Grande do Sul para São Paulo, de Porto Alegre para Barueri.

O futebol (e o esporte em geral) tem sido palco de muitos signos e criado símbolos. É prolixo nisso. Não falo das mensagens de parabéns a parentes e amigos que futebolistas homens e mulheres escrevem nas camisetas sob o uniforme e mostram na hora do gol, do balançar de braços embalando bebê de Bebeto na Copa de 1994, da bola sob a camiseta para saudar nascimentos próximos, do dedo em forma de bigode que alude a pais, aos coraçõezinhos com as mãos para amadas e amados, ao L (não o de Lula, mas a do nome do filho e da filha do atacante Germán Cano, do Fluminense) ou dos dizeres de *I love Jesus* nas bandanas ao final de campeonatos vencidos. Mas poderia, já que esses também são signos e passam mensagens, pessoais ou religiosas, às vezes até políticas.

Historicamente, penso no braço erguido e no punho cerrado de Tommie Smith e John Carlos no pódio, remetendo à luta dos Panteras Negras, que lhes valeram a perda das medalhas olímpicas em 1968. E penso na papoula vermelha que honra os mortos na Primeira e Segunda Guerra Mundial, pregada nos uniformes das equipes britânicas em novembro³. Mais recentemente, no ajoelhar de Colin Kaepernick no futebol americano como gesto antirracista e de apoio ao movimento *Black Life Matters* – o que lhe

custou o emprego –, que foi transportado para o futebol, especialmente no Reino Unido. Ou no gesto de flechar com o qual Paulinho do Atlético Mineiro homenageia o seu orixá, Oxóssi, e as religiões afro-brasileiras, alvo de tantos ataques atualmente.

Penso também, e especialmente, no gesto comovente dos futebolistas do clube chileno Palestino que entraram no campo igualmente no dia 28 de maio de 2024 levando pela mão “crianças invisíveis” para denunciar o massacre de meninos e meninas em curso na faixa de Gaza. Uma vez no meio de campo, na tradicional fila, eles deixaram cair no gramado à sua frente suas jaquetas pretas, como se estivessem querendo proteger do frio as crianças invisíveis⁴.

Os símbolos, como as noções de sujeira, limpeza, poluição e pureza, podem evoluir e mudar com o tempo, à medida que as convenções e os entendimentos culturais mudam. A flexibilidade dos símbolos permite que eles se adaptem a novos contextos e significados. E os seus significados dependem de que se entenda a convenção, ou seja, dependem de quem lê – leitor/a, diria Umberto Eco (1988) –, de quem recebe – receptor/a, diriam as teorias de comunicação –, de quem interpreta – interpretante, diria Peirce (2005). Já os índices são mais diretamente compreendidos devido à sua conexão factual com o objeto, sua quase contiguidade: as pegadas, a fumaça, o barro num uniforme. Seja como símbolo (manchas de tinta que evocam o barro) ou índice (terra molhada), o Inter teve êxito na força da sua mensagem. O futebol – clubes, futebolistas e organismos dirigentes – tem entendido que pode enviar mensagens. E atingir grandes audiências com elas.

¹ “Ir à campo” é um modo comum entre os gaúchos de se referir a entrar no gramado, ir para o jogo, e tantas outras expressões que designam a entrada dos futebolistas no palco de jogo. “Ir a campo” de algum modo se relaciona com o trabalho dos gaúchos boiadeiros, que também iam ao campo – não para plantar soja, como agora, mas para cuidar do gado. Sobre os significados dessa memória “do campo”, veja Oliven (1992)

² Na sua teoria semiótica, Charles Peirce (2005) distingue entre três tipos de signos: ícones, índices e símbolos. Cada um desses signos se relaciona com seu objeto de maneira diferente. O índice é um signo que tem uma conexão física ou causal direta com seu objeto. A relação entre o índice e o objeto é de contiguidade ou de causa e efeito. Por exemplo, a fumaça como um índice de fogo ou as pegadas como um índice da presença de uma pessoa ou animal. Os índices tendem a ser imediatos e diretos na sua relação com o objeto, já que dependem de uma conexão real e observável. Já o símbolo é um signo cuja relação com seu objeto é estabelecida por uma convenção ou regra. Não há uma conexão física ou direta entre o símbolo e seu objeto; a relação é arbitrária e baseada em um acordo cultural ou social. Exemplo de símbolo são as palavras, os números, os sinais de trânsito, as bandeiras dos países ou dos clubes de futebol. Ou a pomba, símbolo da paz desde que Picasso a pintou a pedido do Partido Comunista.

REFERÊNCIAS:

Douglas, Mary. 1976. Pureza e Perigo. Uma análise dos conceitos de poluição e Tabu. São Paulo: Perspectiva.

Eco, Umberto. Lector in fabula. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Oliven, Ruben. 1992. A parte e o Todo A Diversidade Cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Editora Vozes.

Peirce, Charles Sanders. 2005. "Semiótica". São Paulo: Editora Perspectiva.

³ O uso da papoula como símbolo de lembrança foi inspirado pelo poema *In Flanders Fields*, escrito pelo tenente-coronel John McCrae, que descreve como as papoulas vermelhas cresceram nos campos de batalha da Flandres, na Bélgica, após a devastação da guerra. Desde então, a Royal British Legion promove o uso da papoula vermelha em novembro, especialmente no Dia da Memória (Remembrance Day), para homenagear os militares caídos.

⁴ <https://rtbrasil.com/noticias/2568-time-futebol-chileno-crian%C3%A7as-invis%C3%ADveis/> consultado em 29 de maio de 2024.

O Caribe do “menino Neymar” e os marinheiros russos

Carmen Rial

4 de jun. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Carmen Rial (UFSC) Coordenadora do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. O Caribe do “menino Neymar” e os marinheiros russos. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.10, 2024.

DOI: 10.13140/RG.2.2.29081.22886



O Caribe do “menino Neymar” e os marinheiros russos
© 2024 by Carmen Rial is licensed under CC BY-ND 4.0

O Caribe do “menino Neymar” e os marinheiros russos

Carmen Rial

4 de jun. de 2024

Ele já apoiou o 17 e o 22, votando no candidato da extrema-direita nas duas últimas eleições presidenciais no Brasil. Portanto, não deveríamos nos surpreender ao vê-lo ao lado daqueles que querem privatizar as praias brasileiras, acabando com uma legislação criada no século XIX que até hoje garantiu o livre acesso de todos a esse bem da Humanidade que é o mar.

Seu apoio à Proposta de Emenda da Constituição (PEC) n.º 3, de 2022, tem um interesse claro: ele é sócio de um empreendimento no nordeste (sul de Pernambuco, praia dos Carneiros, e norte de Alagoas) que ganharia milhões com essa privatização. Em uma postagem no Instagram, explicou de viva voz:

“Estou junto com a Due na criação da Rota Due Caribe Brasileiro. Vamos transformar o litoral nordestino e trazer muito desenvolvimento social e econômico para a região. Em breve, mais novidades.”

E acrescentou nos comentários:

“Em parceria inédita, a @due.inc e @nrsports se unem para criar a Rota DUE - Caribe Brasileiro! Com inicialmente 28 empreendimentos no litoral de Pernambuco e Alagoas, estamos transformando e impulsionando o desenvolvimento socioeconômico no Nordeste. Juntos, vamos além do turismo, gerando empregos, promovendo inclusão social e valorizando a cultura local. Vamos construir um legado de prosperidade para as próximas gerações! TMJ DUE! Novidades em breve.”

A PEC da privatização das praias tem como relator ninguém menos que o senador Flávio Bolsonaro. O texto acaba com a taxa de 5% paga à União, o chamado *laudêmio*, cobrada sempre que um imóvel considerado “de marinha” é vendido de uma pessoa para outra. Embora esses imóveis sejam ocupados e comercializados por particulares, a propriedade formal é da União, que perderia esse direito, abrindo a possibilidade de grandes resorts ameaçarem o meio-ambiente, comunidades de pescadores e o acesso livre de todos aos mais de 6 mil quilômetros de litoral que fazem do Brasil o país com a maior costa marítima democrática no mundo.

Que Neymar defenda essa proposta não chega a assombrar. Tentativas assim de privatização do espaço à beira-mar têm sido feitas, por exemplo,

em Jurerê Internacional, em Florianópolis – onde ele costumava passar o réveillon, antes de migrar as suas festas para Itapema e Camboriú. A Justiça teve que agir para acabar com a farra dos bares chiques de Jurerê, que alugavam o espaço na areia por até 6 mil reais. A aprovação da PEC significaria a extensão dessa farra por todo o litoral do país.

As opiniões socialmente nocivas de Neymar não teriam grande importância, não fosse ele um “influencer” com milhões de fiéis seguidores. Estes assistiram, por exemplo, a pegadinha que fez com o filho em um Natal, lhe dando um pacote grande cheio de livros com a intenção de “trolar o menino”, para depois lhe dar o verdadeiro presente: um patinete¹. Livros são motivo de risada, ensina Neymar ao filho.

Minha experiência na pesquisa que tenho realizado com os futebolistas brasileiros homens é de um distanciamento das questões políticas, inclusive das questões que dizem respeito ao futebol (a posição das mulheres é bem diversa, trataremos disso em outra ocasião). Claro que já tivemos, no passado, quem expunha especialmente suas opiniões e ousava rebelar-se, mesmo vivendo os “anos de chumbo”: a democracia corinthiana de Sócrates, Casagrande, Wladimir e Zenon é sempre lembrada. No entanto, poderíamos falar também de Afonsinho, do Botafogo, que nos anos setenta deixou crescer uma barba. O clube não permitiu, pois ela era considerada subversiva, e ele teve que ficar muito tempo na reserva por isso. Ali já estava a defesa da ideia de que os jogadores deveriam poder controlar seu próprio corpo. Ou poderíamos lembrar das comemorações do Reinado, do Atlético Mineiro: o punho erguido no gesto antirracista dos Black Panthers, o que provavelmente lhe custou um posto na seleção brasileira.

Pelé nunca foi político no sentido de posições diretamente de direita ou esquerda, como Neymar. Pelé foi político quando, depois de fazer o milésimo gol de sua carreira, implorou por educação para a infância e proteção às crianças no Brasil. E foi político quando, em seu início nos Estados Unidos como jogador do Cosmos, fez o estádio gritar “love, love, love”, no mesmo sentido de um John Lennon, pedindo paz. Mas essas manifestações não foram entendidas assim na época, na qual se cobrava um engajamento mais explícito e não uma política do cuidado ou do afeto. Pelé foi muito útil para a FIFA e para os governantes da ditadura no Brasil. Em muitos eventos, era o escolhido como representante oficial, o jogador bonzinho, ao contrário de Maradona, que era (e é) símbolo de rebeldia.

Mas há alguma política-do-bem entre os jogadores atuais? A luta de Vini Jr contra os racistas destaca-se e teve reconhecimento oficial com o Prêmio Sócrates da FIFA. Se for indicado como melhor jogador do mundo, como pediu em coro a torcida do Madrid na semana passada, terá maior

repercussão ainda – e já há quem diga que, pela importância que manifestações assim têm no mundo, deveria ser considerado para o prêmio Nobel da Paz²! Mas Vini Jr é, senão uma exceção, um caso raro que, de algum modo, confirma um dos meus achados de pesquisa. Encontrei uma maior conscientização entre os jogadores que têm circulado pelo mundo – e que chamei de “marinheiros russos”. Antes de Vini Jr, Taison já erguia o braço denunciando o racismo nas comemorações de gol, por exemplo.

Do mesmo modo, foram os que já estiveram no estrangeiro que lideraram, durante o governo de Dilma Rousseff, um movimento político no Brasil chamado Bom Senso FC (2013-2016). A iniciativa buscava melhores condições de trabalho no futebol brasileiro, e apresentava reivindicações que impactavam especialmente os futebolistas atuando em divisões inferiores, para lhes proporcionar um calendário durante o ano todo e assim garantir seus empregos. O lema era: “Bom Senso F.C., por um futebol melhor para quem joga, para quem torce, para quem transmite, para quem patrocina, para quem apita”. O movimento conseguiu obter mais de 300 assinaturas de atletas dos principais clubes brasileiros no manifesto lançado no dia 30 de setembro de 2013, com cinco pontos principais a serem discutidos com a CBF: o calendário do futebol nacional, as férias dos atletas, um período adequado de pré-temporada, o fair-play financeiro (abordando as dívidas dos clubes com os atletas) e a participação nos conselhos técnicos das entidades que regem o futebol. Ronaldo Fenômeno, em matéria publicada no Estadão, o elogiou e pediu que fossem incluídas menções ao futebol feminino e à situação dos jogadores que já se aposentaram.

Por que “marinheiros russos”? Trotsky, ao estudar a revolução na Rússia³, explicou que ela começou com os marinheiros. Esses marinheiros eram originalmente camponeses (e, na teoria marxista, essa não é uma classe particularmente favorável às mudanças). No entanto, ao saírem do campo e viajarem, eles adquiriram uma nova consciência, alterando sua visão sobre a sociedade, as condições de trabalho e as relações de poder. Da mesma forma, penso que os futebolistas que circularam pelo mundo passaram por uma transformação semelhante. Por mais que vivam em uma bolha protetora – especialmente densa quando são celebridades e atuam em clubes globais⁴ –, essa exposição a diferentes culturas e realidades tem o potencial de expandir sua compreensão do mundo e influenciar suas perspectivas sociais e políticas. Mais diretamente, veem como se organizam colegas de profissão em outras ligas. Em uma palavra, crescem. Não todos, pois há os que permaneçam “meninos”, sem a inocência que a palavra evoca.

¹ <https://www.tiktok.com/@cdmeninoneyyt/video/7070146485525990662>

² Quem primeiro defendeu essa indicação foi o jornalista José Alberto Andrade, da Rádio Gaúcha.

³ Trotsky, Leon. *História da Revolução Russa*. Brasília: Ed. do Senado Federal, 2017.

⁴ Rial, Carmen. *Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system*. In: Eliot, Richard; Harris, John (Orgs.). *Football and migration*. London; New York, 2015. p. 61-75.

O bocejo da jovem em Roland Garros: o que isso tem a ver com o tempo no esporte

Carmen Rial

13 de jun. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Carmen Rial (UFSC) Coordenadora do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. O bocejo da jovem em Roland Garros: o que isso tem a ver com o tempo no esporte. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.11, 2024.

DOI: 10.13140/RG.2.2.28512.70407



O bocejo da jovem em Roland Garros: o que isso tem a ver com o tempo no esporte © 2024 by Carmen Rial is licensed under CC BY-NC 4.0

O bocejo da jovem em Roland Garros: o que isso tem a ver com o tempo no esporte

Carmen Rial

13 de jun. de 2024

Pode parecer estranho um blog dedicado ao futebol, como é o Bate-Pronto, ter como título de um dos seus textos o nome de um torneio de tênis, o Roland Garros, disputado nas margens do Bois de Boulogne, não muito distante do estádio Parc de Princes, este sim uma casa de futebol. Casa essa que já viu brilhar muitos brasileiros, um dos quais ainda atua por lá – mas isso é outra história. Voltemos ao Roland Garros.

De fato, falar do torneio é só uma desculpa para tocar em um tema mais abrangente no esporte, e que inclui o futebol. A predominância do imperativo televisivo e o desprezo atual pelo tempo. Eram três horas da manhã (sic!) em Paris, e Djokovic e Musetti ainda trocavam bolas na quadra Philippe-Chatrier, diante de alguns torcedores entusiasmados e outros tantos bastante sonolentos. Eu vi uma jovem bocejar em pleno tiebreak. Não havia lance emocionante que conseguisse vencer nela a letargia daquele adiantado da hora.

Esse desprezo pelo tempo reflete uma tendência maior no mundo dos esportes, em que o calendário e os horários dos eventos são muitas vezes definidos sem levar em consideração o bem-estar dos atletas e dos torcedores presenciais. Partidas de futebol que começam ao meio-dia em pleno verão, jogos de basquete que se estendem até altas horas e torneios de tênis que avançam madrugada adentro são exemplos de como o espetáculo, a audiência televisiva e os patrocínios frequentemente prevalecem sobre a saúde e a experiência dos envolvidos. Os imperativos da audiência da televisão cada vez mais dominam o calendário esportivo, passando o público presencial a ser acessório.

Não lembro de ter visto uma audiência presencial tão pequena em um jogo envolvendo um número 1 do tênis no mundo, ainda mais jogando na quadra central Philippe-Chatrier, com capacidade para 18 mil espectadores. Fosse um jogo em um horário (digamos) normal, estaria lotado o pequeno estádio¹, e duvido que alguém ali bocejasse durante as 4 horas e 29 minutos da partida. Sim, foi uma partida longa, mas essa duração não é algo excepcional no tênis em torneios de Grand Slam masculino, em que as disputas podem ter até cinco sets, como foi o caso. Excepcional foi ter terminado às três horas da manhã. Como assinalou um contrariado

Djokovic na entrevista final, apontando para as crianças e adolescentes da plateia: “Isso é hora de vocês estarem na cama. O que estão fazendo aqui?”

Essa revolução nos horários esportivos parece ter se iniciado no México, na Copa do Mundo de Futebol de 1970, a primeira televisionada ao vivo globalmente. Apesar das altas temperaturas por lá, muitos jogos foram agendados para o calor do meio-dia, para alcançar uma plateia matinal na Europa e noturna na Ásia. De lá para cá, só cresceu o poder da televisão de determinar horários para os jogos. Sem dúvida, isso pode beneficiar quem assiste pela TV. Não me queixo de, aos sábados pela manhã, iniciar assistindo a Premier League, em seguida as ligas alemãs, italianas ou francesas e terminar com a liga espanhola e a brasileira, tudo bem orquestrado, num domínio total do tempo que, assim, é transnacionalizado em acordos não oficiais. No Brasil, houve uma tentativa de agendar jogos do Brasileirão para as 11h da manhã – e, em alguns lugares, como no Rio Grande do Sul, com sucesso entre o público dos estádios. Mas parece que, neste ano, desistiu-se da ideia.

No caso de Djokovic e Musetti, a persistência dos jogadores e a resistência dos torcedores podem ser vistas como um testemunho do que se faz pelo esporte -- seja por paixão ou por interesse econômico ou de carreira. No entanto, também levanta questões sobre limites. O cansaço inevitável afeta o desempenho dos atletas, a atenção dos espectadores e, em última análise, a qualidade do espetáculo. A jovem bocejando durante o tiebreak simboliza essa tensão: mesmo os momentos mais emocionantes perdem o brilho quando confrontados com a exaustão.

Fala-se muito de calendários sobrecarregados, mas há outros fatores que podem ter implicação na saúde dos atletas. E a flexibilidade de horários, que faz com que se almoce no café da manhã ou que se durma quando o sol já está no alto, bagunçando a rotina alimentar e o sono, pode comprometer o desempenho físico e mental dos futebolistas, levando a lesões e desgaste precoce.

Em outro texto, no qual abordei a retórica esportiva da mídia televisiva², previa que, depois de dominar o espaço, seria o tempo que a televisão dominaria. Porém, não antecipei ali que esse domínio se daria na distribuição escalonada das partidas e no desrespeito pelas altas horas da noite no agendamento dos jogos como hoje começamos a ver.

O tempo (como o espaço) é uma representação coletiva, como diria Durkheim. Para Fabien, na sua crítica à visão colonialista/evolucionista na Antropologia – que coloca o “outro” num tempo (e num espaço) diferente do nosso –, tempo é uma categoria política. Por sua vez, estudando em Bali,

Geertz afirmou que tempo é uma categoria relativa. Para ser mais próxima, DaMatta também nos indica isso, quando nos conta que, na região dos Andes, o tempo já teve como unidade “o tempo de uma mijada”.

Entre eles, só DaMatta pensou o tempo nos esportes. Para ele, os torneios esportivos têm um tempo próprio, diferente do nosso tempo cotidiano. Porém, a ideia de DaMatta de que essa diferenciação se dava pela prevalência de outra lógica que a utilitária parece não mais estar valendo.

Em torneios esportivos, a regra de ouro da vida burguesa que utilitariamente submete o tempo ao mundo prático dos negócios, afirmando que não se pode perder tempo e que o tempo é uma mercadoria – “tempo é dinheiro” –, podendo ser vendido e comprado, é subvertida, pois nos torneios esportivos, o tempo não tem como medida nenhum objetivo prático, exceto servir como moldura para as ações contidas pelo evento esportivo que o engendra. Com isso, o espaço e o tempo podem ser expandidos ou reduzidos, sendo agora contados em jardas, metros, centímetros e até mesmo em milímetros, segundos e seus décimos, o que os torna portentosos aliados ou temíveis adversários nas provas atléticas, quando uma fração de segundo ou de centímetro pode decidir um campeonato mundial ou um recorde. Ou seja: no campo do esporte, tempo e espaço surgem como aliados ou adversários dos competidores que tentam superá-los numa dramatização bastante próxima do que acontece nas fábricas e nos escritórios, onde uma noção de tempo impessoal, burocrático, autônomo e independente das atividades sociais é um inimigo do empregado e um parceiro do patrão, conforme revelou, entre outros, o historiador social E. P. Thompson num estudo clássico. Mas com a diferença básica de que, no esporte, esse tempo não pertence exclusivamente ao patrão, mas ao jogo.
(DaMatta, 2006, p. 148-149)

Olhando noutra perspectiva, podemos dizer que o que nos revela o bocejo da jovem em Roland Garros é que, sim, e cada vez mais, o tempo é dinheiro no esporte e que, sim, e cada vez mais, ele pode ser um inimigo dos atletas e um parceiro do patrão.

REFERÊNCIAS:

DAMATTA, Roberto. A bola corre mais que os homens. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FABIAN, J. Time and the Other: how anthropology makes its object. New York: Columbia University Press, 1983.

¹ Digo “pequeno” pois essa foi a sensação que tive ao entrar pela primeira vez ali (e também no Court Suzanne Lenglen): parecia um estádio de futebol em miniatura! Eram tempos do reinado de Guga Kuerten.

² Rial, Carmen. Le Football et la rhétorique des médias sportifs télévisuels. Vibrant, Brasília, v. 6, n. 2, p.186-201, 2009. “A televisão nos fez dominar o espaço através da multiplicação dos canais (atualmente podemos viajar do Japão para a Alemanha, da França para a Inglaterra, mudando os canais a cabo) e agora se prepara para nos fazer dominar o tempo (por meio de programas que nos levam a anos específicos, pois já existem canais que escolheram o passado como terreno: aqueles que transmitem apenas filmes antigos – como o Ciné Classic – e aqueles cuja grade de programação é centrada na repetição: a repetição diária do jornal televisivo de 30 anos atrás). Isso significa que, em breve, provavelmente teremos canais que repetem a programação de uma certa década (os anos 1950, 60, 70 e assim por diante). Poderemos escolher o ano em que gostaríamos de nos encontrar, exatamente como escolhemos o país.”

Ah, porque a imagem de um aviador? O torneio homenageia com o nome o aviador Roland Garros (São Dinis, 6 de outubro de 1888 — Ardenas, 5 de outubro de 1918) foi um pioneiro da aviação francesa.

O corpo da mulher como campo de batalha: futebol e estupro

Antonio Jorge Gonçalves Soares
17 de jun. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Antonio Jorge Gonçalves Soares: Professor visitante titular na UFRN, professor titular na UFRJ, bolsista de produtividade do CNPq, cientista do estado na FAPERJ, e coordenador da linha de pesquisa “Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas” no INCT Futebol.

COMO CITAR:

SOARES, A. J. G. O corpo da mulher como campo de batalha: futebol e estupro. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.12, 2024.



[O corpo da mulher como campo de batalha: futebol e estupro](https://www.inctfutebol.com.br/post/o-corpo-da-mulher-como-campo-de-batalha-futebol-e-estupro) © 2024 by Antonio Jorge Gonçalves Soares is licensed under [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

O corpo da mulher como campo de batalha: futebol e estupro

Antonio Jorge Gonçalves Soares

17 de jun. de 2024

“O Corpo da Mulher como Campo de Batalha”, do dramaturgo romeno Matei Vişniec, é uma obra teatral que aborda a violência de gênero em tempos de guerra, particularmente durante o conflito na Bósnia dos anos 1990. A peça é uma análise crua, dura e sensível das cicatrizes físicas e emocionais deixadas pela guerra, explorando o trauma das mulheres que se tornam vítimas de violência sexual. Dorra, uma das personagens principais, encarna uma mulher bósnia que sofreu estupro durante a guerra. Ela é atendida por Kate, uma psicóloga americana enviada para ajudar as vítimas. Dorra representa as mulheres que enfrentaram a brutalidade e a desumanização do estupro usado como arma de guerra. No texto de Vişniec, o corpo da mulher é uma metáfora poderosa, sugerindo que, durante a guerra, ele se torna um campo de batalha, onde se inscrevem as violências e os abusos.

A declaração de independência da Bósnia e Herzegovina da Iugoslávia, em março de 1992, fez eclodir uma guerra civil que durou até 1995. “Os vizinhos” de diferentes etnias – bósnios (muçulmanos), sérvios (cristãos ortodoxos) e croatas (cristãos católicos) –, que habitavam a antiga Iugoslávia e viviam de forma civilizada, passaram a protagonizar os horrores de um dos maiores conflitos étnicos no Séc. XX. O estupro de mulheres foi uma das armas dos contendores no conflito na Bósnia. Essa estratégia de utilizar mulheres, sequestrando ou estuprando, para humilhar os inimigos é um recurso que remonta aos tempos mais antigos, e essa prática tem sido documentada em quase todas as grandes guerras e conflitos conhecidos no mundo. O corpo da mulher, nesse caso, é objetificado como posse masculina, e o ataque sexual dirigido a ela se torna motivo de orgulho dos guerreiros na pilhagem imposta ao inimigo.

Os casos de estupro recentes, protagonizados por jogadores brasileiros, estão na pauta do dia. Daniel Alves esteve preso por 14 meses na Espanha e atualmente está em liberdade provisória naquele país sem direito a se ausentar do território espanhol. Robinho, condenado a 9 anos de prisão em 2022 na Itália, cumpre pena no Brasil em regime fechado. Cuca e seus companheiros do Grêmio, Henrique Etges, Eduardo Hamester e Fernando Castoldi, teriam cometido um estupro coletivo contra uma menina de 13 anos em 1987, num hotel em Berna, na Suíça. Em 1989, Cuca, Etges e Hamester foram condenados à revelia a 15 meses de prisão por atentado ao

prudor com uso de violência, enquanto Castoldi foi absolvido da acusação principal, mas condenado por estar envolvido no ato. Nunca cumpriram pena. Em 2023, o Tribunal Regional de Berna-Mittelland reabriu o caso, tentou localizar a vítima, Sandra Pfäiffli, e descobriu que ela não estava viva. Seu herdeiro, Sven Sghluep, optou por não entrar no processo. Em 3 de janeiro de 2024, a Justiça suíça anulou a condenação de Cuca e de seus parceiros. A decisão de anulação não abordou o mérito da acusação, mas apontou falhas processuais, como a ausência de defesa adequada para os acusados na época do julgamento. Em 2023, sob pressão da torcida corinthiana, Cuca se viu forçado a pedir demissão da função de treinador do clube.

Esses casos provocam o debate sobre o tipo de socialização que jovens-atletas recebem na sociedade e no futebol de homens. Sabemos que não há uma relação direta entre futebol e a cultura do estupro, pois esse crime está na sociedade, e as maiores vítimas são meninas no seio de suas próprias famílias. Apesar desse tipo de crime e desvio ser um fenômeno social, reitero a pergunta: o que a formação no futebol de homens pode auxiliar na construção de subjetividades de “masculinidade intensa”¹ que lê o corpo da mulher como troféu ou campo de batalha?

Antes de ensaiar uma resposta parcial para essa pergunta, pois sei que não darei conta de respondê-la de forma mais densa, devo ponderar que a forte repercussão e protesto dos casos de estupro no futebol (brasileiro e mundial) está diretamente associada às agendas da política e dos movimentos sociais que assumiram a crítica às formas de dominação masculina, ao machismo, à misoginia, à objetificação e as violências contra a mulher e à falta de respeito às diferentes formas de expressão de gênero que reivindicam igualdade de status social. Estamos diante de uma nova mentalidade e prática social que se conflita com a leitura conservadora que pensa o mundo como cisgênero e as demais expressões de identidade sexual e de gênero como anormais ou patológicas.

A visibilidade do crime de estupro contra mulheres se tornou possível a partir de uma reorganização institucional e legal. Do ponto de vista normativo, nosso código penal indica que o estupro fere a dignidade sexual da pessoa, pois tal direito está associado ao princípio constitucional da dignidade humana. O estupro, no Brasil, é também considerado um crime hediondo. Na mesma direção, institucionalmente foram criadas delegacias da mulher, serviços de canais de denúncia de violência doméstica e redes de apoio e de albergamento para mulheres que sofrem violência doméstica ou sexual². Outra conquista desse movimento foi a noção jurídica de feminicídio que deu visibilidade aos assassinatos cometidos por homens contra mulheres, lembrado que, antes disso, esses crimes eram ocultados

nas estatísticas de homicídio. Todavia, as tentativas de dar “marcha à ré” na história não cessam. Nos últimos dias, a Câmara dos Deputados, a despeito do que pensa a população, entrou com o Projeto de Lei nº 1.904/2024, em caráter de urgência, que torna o aborto homicídio simples quando realizado acima de 22 semanas de gestação e aumenta de 10 para 20 anos a pena máxima para quem realizar o procedimento. Esse tema está na pauta da opinião pública no Brasil.

Após essa digressão, retomo a questão em outros termos: como se estrutura o ambiente de formação de atletas no futebol de homens que pode favorecer a socialização de comportamentos misóginos, de desrespeito ao “não” dado pelas mulheres e a emulação³ através do “corpo da mulher como campo de batalha”? Mapearei uma possibilidade de interpretação a partir de cinco eixos:

Eixo 1: O futebol de homens se estrutura num ambiente quase totalmente masculino. É como se fosse “área masculina reservada”, como descreve Eric Dunning⁴. O futebol também pode ser lido como mimese da guerra (Elias; Dunning, 1992) ou como uma “guerra de infantaria”, como bem descreveu Arthur da Távola (1985)⁵. Com isso, o “*ethos do guerreiro*” está presente na gramática do futebol de tal forma que molda subjetividades e valores fortemente associados a um tipo de “masculinidade intensa” e guerreira. Por exemplo, os atletas, desde jovens, ouvem as prédicas nos centros de treinamento sobre eles deverem ser agressivos, ágeis, fortes, corajosos, disciplinados, competitivos, resilientes, resistentes e inteligentes nas tomadas de decisão. Tanto na guerra quanto no futebol, alguns comportamentos devem ser aprendidos, pois não se pode hesitar, ter dúvidas e demonstrar medo diante dos adversários ou inimigos. Num estudo que realizamos, sempre lembro de um senhor que formava atletas afirmar o seguinte: “aqui não se forma só atletas, mas homens”⁶. A noção de homem aqui se refere a um tipo de masculinidade associada ao “modelo do macho destemido”, disciplinado e corajoso. O “outro” desse tipo de masculinidade intensa é a mulher ou as pessoas rotuladas como “não-homens”.

Eixo 2: Quem são os jovens que se aventuram na carreira de atletas de futebol? São adolescentes em pleno desenvolvimento físico e hormonal, oriundos, em geral, das camadas populares, que vivem boa parte desse período, até o início da vida adulta, em regime de albergamento ou com suas agendas totalmente absorvidas pelo esporte. A conciliação com a educação básica, por exemplo, é secundarizada pelos atletas e suas famílias, como apontam nossos estudos⁷. Nos trabalhos de campo que acompanhamos, esses jovens recebem, mesmo ainda quando são apenas potenciais, mimos e concessões que outros jovens da mesma idade não

experimentam. Possuem dinheiro, celulares de última geração e roupas de marca, que provavelmente não tinham antes de adentrarem na carreira. São tratados pelo clube, pelos empresários e pelas famílias como “vacas premiadas”. Com isso, a estrada para formação de uma personalidade narcísica ou infantil está asfaltada, apesar da narrativa de humildade que quase todos apresentam quando falam em público. Se, por um lado, o discurso de humildade é o socialmente esperado nesse espaço social, por outro, a arrogância salta aos olhos quando fazem “gol” e seguram o escudo do clube na camisa, batem no peito e parecem expressar com seus gestos: “eu sou o cara!”; depois apontam com os indicadores para o céu agradecendo aos seus deuses.

Eixo 3: Num ambiente dominado majoritariamente por homens, alguns assuntos são centrais: futebol, mulheres e consumo, não necessariamente nessa ordem. Esses jovens vivem um quase regime de “colégio interno” com pouco tempo para uma vida social normal. Nesse ambiente “testosteronizado”, há um forte controle da masculinidade pelos pares e um tipo de imposição de demonstração constante de heterossexualidade. A virilidade e habilidade com as mulheres se expressa pela capacidade de “pegar mulher” com a demonstração permanentemente, para si e para os outros, que são “homens”. Não é à toa que muitos desses atletas, quando concretizam o primeiro contrato, expõem um belo carrão e uma mulher, como marcas de sucesso e, por extensão, de virilidade. Música, carreado, mulheres, experiências sexuais e crenças religiosas são motivos de conversação e “zoação” no ambiente desses jovens. Esse tipo de clima e conversação não exclui os vínculos afetivos, religiosos e sociais que os atletas possam experimentar, mas, como já dito, eles devem afirmar o tempo inteiro suas masculinidades.

Eixo 4: Constantes viagens e pouco tempo para vida social transformam os jovens atletas e mesmo os profissionais em “turistas no mundo”. Quero argumentar que essas experiências de viagens, troca de hotéis e a vida em bando de homens estimulam aquilo que podemos nomear de “comportamento de turista”. O “comportamento de turista” cria um clima de desinibição, suspensão do superego e uma conformação das atitudes e ações ritualísticas em acordo com as demandas grupais. A desindividualização sugere que em grupos, especialmente em situações em que a identidade individual é suprimida, as pessoas podem agir de maneiras menos restritas pelos padrões pessoais de comportamento que possuem em suas vidas no cotidiano.

Eixo 5: O sucesso financeiro, a transformação de garotos pobres em celebridades, não deve ser fácil, e isso não se limita ao campo esportivo. O sucesso meteórico e os ganhos financeiros mexem com a psiquê de

qualquer um. Não é incomum que astros do cinema, da música e do esporte percam o “princípio de realidade” e passem a ter as exigências mais esdrúxulas nos seus cotidianos privados e profissionais. Assim, parte dos atletas de futebol de sucesso também vivem o deslumbramento natural de qualquer astro. Uma das colunas de fofoca traz o seguinte: “Gabigol, do Flamengo, curte festa com oitenta mulheres, diz colunista”⁸.

Esses eixos acima nos ajudam a pensar como a socialização de jovens no futebol de alto rendimento pode ser um incremento na afirmação de um tipo de ethos masculino que nomeei de “intenso”. Ethos que fornece lentes e moralidades para tratar as mulheres como objetos de conquista e exposição, indicador de virilidade e tema de resenhas íntimas no ambiente de camaradagem que se mistura com “boleiragem”. Todavia, a socialização nesse tipo de ambiente não cria estupradores potenciais e também não justifica os casos antes descritos. Pois, antes de tudo, tais casos são crimes. Por outro lado, devemos observar que a maioria dos atletas, mesmo socializados nesse ambiente de “masculinidade intensa”, não cometem esse tipo de violência sexual em relação às mulheres.

Os casos de estupro cometidos por Daniel Alves e por Robinho, e o de Cuca que foi posteriormente absolvido quase trinta anos após a denúncia do crime, apresentam uma estrutura comum. Todos estavam no exterior acompanhados de seus “parças”, “turistando” no tempo livre em bando, com dinheiro no bolso, com o prestígio de astros e com consumo de bebidas alcoólicas em algum ambiente festivo. Esses “machos latinos” em bando se sentiram liberados para possuírem e violarem os corpos de mulheres, a despeito do consentimento delas. Isso fica demonstrado, por exemplo, no caso de Robinho e seus comparsas, pois, após cometerem tal crime, ainda gravaram um vídeo rindo e comentando o ocorrido com o prazer de quem conquistou um “troféu” ou acumulou mais uma história torpe para suas resenhas íntimas.

Penso que o futebol de homens, enquanto mantiver essa estrutura pedagógica de “masculinidade intensa”, estará contribuindo para formar homens com uma visão arcaica e violenta de mundo que hierarquiza homens, mulheres e pessoas não-cis. Esse ambiente dominado por homens, com formação numa espécie de instituição total, acaba por transformar o “corpo da mulher” em mais um campo de batalha para além das quatro linhas. O remédio para esse mal parece justamente ter cada vez mais mulheres e outras pessoas não-cis atuando nesse esporte, nas funções de árbitras, treinadoras, auxiliares técnicas, jornalistas, médicas, massagistas, presidentas e gestoras de clubes e de federações, e em outras funções que a atividade absorve. Penso que só assim poderemos criar um ambiente civilizado que atenda às necessidades democráticas e humanizadoras de

nosso tempo.

Agradeço a leitura atenta e as contribuições dos parceiros Cristiano Mezzaroba e Vanrochris Vieira.

¹ Uso essa noção de “masculinidade intensa” para reforçar a centralidade e o controle social do “fazer-se homem” nesse espaço de socialização do futebol de homens.

² Ver: <https://mulhersegura.org/preciso-de-ajuda/categoria/violencia-contra-a-mulher-canal-de-denuncia?tipo=denuncia>.

³ No sentido do sentimento que leva o indivíduo a tentar igualar-se a ou superar outrem na afirmação de sua identidade.

⁴ Dunning, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: Elias, Norbert; Dunning, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 389-417.

⁵ Távola, Arthur. *Comunicação é mito: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

⁶ Souza, Camilo Araújo Máximo de; Vaz, Alexandre Fernandez; Bartholo, Tiago Lisboa; Soares, Antonio Jorge Gonçalves. *Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 14, p. 85-112, 2008.

⁷ Correia, Carlus Augustus Jourand; Soares, David Gonçalves; Soares, Antonio Jorge Gonçalves. *Estratégias e visões familiares na escolarização de jovens atletas*. Educação e Realidade, v. 47, 2022.

Rocha, Hugo Paula Almeida da; Melo, Leonardo Bernardes Silva de; Costa, Miguel Ataíde Pinto da; Soares, Antonio Jorge Gonçalves. *Educação e esporte: analisando o tempo escolar do estudante-atleta de futebol*. Educação em Revista, v. 37, 2021.

⁸ Ver: <https://www.itatiaia.com.br/esportes/famosos-do-esporte/2024/06/06/gabigol-do-flamengo-curte-festa-com-oitenta-mulheres-diz-colunista>.

⁹ Conversas próprias do universo de jovens jogadores de futebol com seus códigos restritos.

Futebol entre apostas e vícios

Alexandre Fernandez Vaz

26 de jun. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Alexandre Fernandez Vaz: Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq).

COMO CITAR:

Fernandez Vaz, Alexandre. Futebol entre apostas e vícios. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.13, 2024.



Futebol entre apostas e vícios © 2024 by Alexandre Fernandez Vaz is licensed under [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Futebol entre apostas e vícios

Alexandre Fernandez Vaz

26 de jun. de 2024

Há poucas semanas, o Jornal Folha de São Paulo noticiou que o crescimento do vício em apostas no Brasil tem causado endividamento crescente entre trabalhadores, que passam a recorrer de forma intensa a seus empregadores em busca de adiantamentos salariais. Como se pode deduzir, a coisa não tem fim: dívidas e apostas são um par incessante que se retroalimenta, jogando com a expectativa de ganhos que se materializam, necessariamente, em frustrações. A banca nunca perde, seja na forma dos sites de aposta, seja no mercado financeiro. O eventual sucesso de um ou outro apostador é apenas um mecanismo para manter as coisas em ordem, ou seja, para todos os outros perderem. Não deve ser fácil para quem joga, uma vez que alguns possivelmente supõem de si mesmo serem dotados de muita perspicácia e capacidade de análise, além de sorte, tomados, quem sabe, por uma névoa narcísica das mais espessas. Associado esse quadro ao puro e simples vício, temos uma situação desoladora: jogar para ter o pico de esperança que logo será nova frustração, até a insolvência completa.

Coisa de gente doente? Sim, pelo menos uma parte desse grupo é formada por pessoas que precisam de apoio e proteção, e o melhor seria, então, que a cirandas das apostas não existisse. Estaríamos mais ou menos protegidos. Mas não é assim que acontece, muito menos ainda em tempos de internet, em que se pode acessar um site desses quase que instantaneamente. Para aumentar o estrago, muitos programas esportivos, assim como clubes de futebol, são patrocinados por empresas de apostas. Como se já não bastasse as muitas logomarcas que conspurcam as camisas das equipes, há a presença de algumas que são pra lá de constrangedoras, como escrevi há poucos anos¹. Mas nada se compara ao elogio da dependência, que são as propagandas das casas de jogos nos uniformes dos jogadores. O mau exemplo, aliás, começa com o time pelo qual torço, o Corinthians. Ou começava, já que o contrato entre ele e uma empresa dessas foi recentemente cancelado por suspeitas agudas de corrupção. “Ah, mas, sem tal investimento, o futebol não vive!” Se é assim, prefiro então que o esporte, neste formato, morra.

Já se fez no esporte muita publicidade de produtos geradores de dependência, como álcool e cigarro. Bjorn Borg simulava bebericar uma dose de whisky, a título de relaxamento, depois de um treino ou jogo. O maior tenista de sua geração, cinco vezes campeão em Wimbledon e sete em Roland-Garros (isso tudo entre 1976 e 1981, muito antes, portanto, da era

dos superatletas) não consumia álcool, diferente de outros que, de fato, apresentavam produtos que efetivamente consumiam, ainda que não necessariamente da mesma marca. Não sei se Gerson, o grande Canhotinha de Ouro, era adepto dos cigarros Vila Rica, que ele divulgava, mas, como é mais que sabido, ele fumava muito já nos tempos de jogador de futebol. Nos anos 1970, depois de encerrada a carreira, ele dizia preferir aquele fumo porque era gostoso, suave e não irritava a garganta. Então, perguntava: “Por que pagar mais caro se o Vila me dá tudo aquilo que eu quero de um bom cigarro? Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também, leve Vila Rica!” O grande craque ficou estigmatizado pela frase que, fora do seu sentido original, virou sinônimo de oportunismo. Era a tal “lei do Gerson”. Tudo isso foi uma injustiça para com ele, assim como aconteceu – mas por vias ainda mais tortas – com o autor original da Lei Rouanet, o diplomata e então secretário nacional da cultura, um dos maiores intelectuais brasileiros do século vinte, Sérgio Paulo Rouanet. Ele ganhou triste notoriedade pelos insultos que sofreu de bolsonaristas entre 2018 e 2023. Em seu contumaz *modus operandi*, esses porta-vozes da irracionalidade e da mentira não sabiam o que estavam dizendo, tampouco a que se referiam, vociferando idiotices nas redes sociais.

Nos anos 1980, uma marca de cigarros estabeleceu um modelo de propaganda que associava seus produtos a esportes radicais, na natureza, protagonizados por jovens, principalmente. O mote era definitivo: “Hollywood, o sucesso!” Havia surfistas patrocinados pela marca que, ademais, emprestava seu nome a campeonatos de vela assim como a festivais de música. A Fórmula 1, por sua vez, durante muitos anos teve seus bólidos cobertos de publicidade de tabaco, também presentes nos macacões e bonés dos pilotos: Gold Leaf, John Player Special, Marlboro, Camel, Gitanes, Rothmans e Mild Seven eram algumas delas.

Já não se propagandeia nicotina, tampouco álcool, nos esportes, mas o jogo segue firme e forte. A pitada de amargura sobre o sofrimento de tantos apostadores veio da grave acusação contra Lucas Paquetá, ótimo jogador e destaque na Premier League e na seleção brasileira, que teria tomado propositalmente cartões amarelos para beneficiar apostadores. Outros brasileiros já foram condenados. Eles, todos com nível técnico e padrão salarial muito abaixo dos do meia-atacante formado no Flamengo, teriam recebido dinheiro pelos atos praticados. Algo semelhante ocorreu com o tenista João Souza, o Feijão, banido do esporte por envolvimento em manipulação de resultados. Esportistas sabem o que estão fazendo e são responsáveis por seus atos, mas a positividade do jogo (“faça sua fezinha”) só ajuda a abrir um espaço para a realização de malfeitos. Torço muito para que Paquetá seja inocente.

No limite, a própria noção de malfeito precisaria ser relativizada, já que supõe uma pureza que o esporte não tem, nunca teve, tampouco terá, a prosseguir o modelo vigente. Mesmo assim, não se pode admitir que os contendores não desejem vencer e deixem de dar o máximo para isso, coisa que, no entanto, tampouco acontece sempre. Sem tal expectativa, a relação com o futebol fica muito prejudicada, já que a fantasia é suspensa e, sem ela, a identificação com fenômeno se esvai. Tudo isso é importante, mas não é porque as casas de aposta têm prejuízo com os arranjos de resultados. Lamento muito, aliás, que elas existam.

¹ <https://ludopedio.org.br/arquibancada/brusque-futebol-clube-e-a-publicidade-nas-camisas/>

As perguntas que nos pegam: o que é o futebol para você

Eduarda Moro

7 de jul. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Eduarda Moro: Psicóloga, mestra em educação e doutoranda em ciências humanas (ufsc). Pesquisa o processo de subjetivação do jogador de futebol em formação. Interessa-se por temáticas vinculadas a arte, a imagem, estética e produção do sensível.

COMO CITAR:

MORO, Eduarda. As perguntas que nos pegam: o que é o futebol para você. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.14, 2024.



As perguntas que nos pegam: o que é o futebol para você. © 2024 by Eduarda Moro is licensed under CC BY-NC 4.0

As perguntas que nos pegam: o que é o futebol para você

Eduarda Moro

7 de jul. de 2024



<https://www.inctfutebol.com.br/post/as-perguntas-que-nos-pegam-o-que-%C3%A9-o-futebol-para-voc%C3%AA>

Das coisas para as quais retornamos, uma em específico marcou minha vida enquanto *pessoa que pergunta*. Fui uma criança com pequenas obsessões. O programa Mundo da Lua (1991), da TV Cultura, talvez tenha sido a maior destas. Nos primeiros episódios da série, o protagonista Lucas Silva e Silva ganha como presente de aniversário um aparelho gravador. De memórias e de voz. A única coisa que interrompia o mundo da lua do qual eu fazia parte enquanto assistia o programa e acompanhava Lucas Silva e Silva voltando no tempo era o intervalo.

O intervalo era como uma pausa bruta no tempo do mundo da lua – no meu e no de Lucas Silva e Silva. Não queria pausar. Podia passar o dia inteiro naquele espaço. Trocava de canal, queria acelerar o tempo. Uma propaganda abrupta invadia a tela para dizer com voz pesada: não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas.

Uma violência ao tempo, à experiência, ao pensamento, ao mundo da lua. Que de algum modo me fizeram buscar por essas outras coisas capazes de fazerem o tempo pausar, de desdobrá-lo, para poder retornar ao mundo do pensamento.

Quer dar uma pausa aí pra eu pensar?

Quando futebol e ciência humana se encontram, tudo parece partir de uma

violência ao pensamento que, em nosso fazer pesquisa, reverbera na seguinte pergunta:

O que é o futebol pra você?

É assim que o trabalho começa, a partir de uma questão feita a oito jogadores da categoria sub-21 do Figueirense¹, com a intenção de respondê-la no decorrer do processo de fazer um filme – que é *sobre e com* esses jovens que agora, além de atletas, são também cineastas.

A resposta é o que menos interessa. Nossa vontade de saber mora na tensão que se cria com aquilo que chega em formato de ponto de interrogação. Como pesquisadores, com as palavras sabemos dizer melhor, por isso perguntamos. Um desejo de saber dizer melhor daquilo que só alcançamos por meio das palavras, porque nos falta a experiência do corpo. E assim seguimos, questionando o que é possível questionar. E sempre há o que questionar. Vivemos neste espaço-tempo buscando conceituar e descrever aquilo que experimentamos observando. Nossa experiência é guiada pelas visibilidades, por aquilo que se repete, mesmo que percorramos diferentes campos de futebol. Talvez more aí a urgente necessidade de perguntar:

O que é o futebol pra você?

Está posta a tentativa de acessar isso que é do outro que faz desejar uma vida-futebol, que mesmo com resposta pronta não parece configurar uma resposta particular de experiência, dizendo de um todo e não só de um. Essa vida que é inteira futebol, que é também de um, mas é primeiramente de um todo, que faz responder à questão com afirmações, como: “é tudo”, “minha vida”, “amor”, “sem o futebol eu nada seria”. A resposta é o que menos nos interessa. Ainda assim, o que fazer com isso que é do outro, que chega em estado sólido de resposta? A nós, mãos que escrevem, que acompanham o futebol do lugar que nos cabe, como *escreventes*, nos resta continuar a perguntar. Até que seja possível chegar numa outra forma de fazer pensar sobre isso que parece ser respondido mais como um impulso corpóreo, como tantos outros que foram incorporados durante os anos de formação futebolística.

O futebol é minha vida.

Foi Léo Zonta quem disse isso. Um menino de 18 anos que é cobrado por não *demonstrar ter garra em campo*. Mas também foi Danyllo quem disse. Para quem o futebol é a vida, mesmo agora vivendo um momento difícil após ter sido dispensado do Figueirense e estar atuando na várzea. O

futebol também é vida para Vini Nucci, que, com 21 anos, já viveu o sonho e se vê agora tendo que sonhar novamente. Ele atingiu o objetivo de assinar contrato profissional, mas se lesionou e, após retornar ao elenco principal, foi convidado a “descer” para a base mais uma vez.

O que é o futebol pra você?

- *O futebol é minha vida!*

Pesquisar futebol nos coloca diante de um *eterno retorno* a essa questão. E que, constantemente, nos devolve uma resposta que exprime tanto de vida, e que, ao mesmo tempo, parece não levar a saída alguma. Talvez porque não busquem saída, talvez porque o sonho os consuma tanto que não é possível enxergar muito além daquilo que é do movimento do corpo em campo. Cabe dizer: uma preocupação excessiva com isso que é o *corpo ideal*, para ser o próximo a ter a chance de ser escalado em um jogo do profissional. E que se traduz numa vida regrada e repetida entre: igreja, videogame, resenhas com os parças do futebol e da igreja, shopping com o empresário, videochamada com a família e consumo de coaching sobre “como dominar sua mente”.

A ideia de fazer um filme com jovens-jogadores, mostrando o que é o futebol que diz de uma vida, in-tensiona esse movimento de retorno nietzschiano. Colocar um ponto de interrogação naquilo que é ponto final no modo como tantos meninos concebem a vida de jogador de futebol, nos permitindo uma aproximação outra. Que mexe com outros sentidos que não só dos olhos e ouvidos, que se traduz naquilo que Léo Moura soube dizer melhor com palavras:

- Futebol pra mim? Ixi, não sei... Eu ia falar amor, mas não chega a ser amor, assim... Futebol pra mim é... Nossa, complicado. Quer dar uma pausa aí pra eu pensar? Nossa, mas pera aí, essa pergunta me pegou.

As perguntas que nos pegam... São sempre elas, as perguntas. O eterno retorno do pesquisador. Se eles têm shopping com empresário, nós as produções no Lattes. Se repetem em igreja e resenha com os parças, nós repetimos nossos pensadores preferidos nas nossas conversas com os parças também, os da academia. Se eles têm respostas, nós temos perguntas. Experiências estéticas similares, vivemos entre jogos de poder. Com um descaso em comum: a disposição de ser afetado.

Explicamos, a partir do conceito de *partilha do sensível*, de Jacques Rancière. A ideia diz de um comum que é partilhado, e como cada um toma parte deste comum, considerando sua experiência individual. “Assim, ter

esta ou aquela 'ocupação' define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum etc." (Rancière, 2009, p. 16). Ou seja, a partilha do sensível se refere às possibilidades de viver aquilo que é comum em determinado espaço, mas que é acessado de diferentes maneiras, dependendo da territorialização sociopolítica de cada indivíduo neste espaço que é comum. Pensar a vida enquanto espaço de pergunta, é para nós, pesquisadores das humanidades, um território comum, tal como é comum para os jovens-jogadores disporem seus corpos de maneira ordenada no campo. Mesmo que cada corpo seja diferente e seja de diferentes maneiras afetado, há ainda assim um comum na forma de pensar o espaço do corpo dentro de campo. O futebol é nosso ponto de encontro, de um jeito ou de outro. Mas como fazer esses *comuns* se encontrarem?

E o que é comum a nós, além do universo futebolístico? Não nos referimos agora à territorialização comum, mas aquilo que partilhamos como objeto que se deseja no contemporâneo. O desejo de fazer parte. O desejo de ser o melhor. O desejo de ser o primeiro. O desejo de ser único. O eterno retorno acaba sempre nos guiando até nós mesmos. Mas é a diferença na forma pela qual chegamos até isso que se repete, que produz aquilo que Schiller (citado por Rancière, 2009, p. 68) denomina de educação estética do homem. Uma experiência do sensível que assume outros formatos e, justamente por isso, produz afecções por meio de perguntas que nos pegam.

E o que é que nos pega? Ou melhor, como se deixar ser pego? Por que só algumas perguntas nos pegam e outras não? E como isso tudo desemboca na pergunta que continua a retornar: o que é o futebol pra você? E pra nós, o que é? Perguntas e respostas que parecem novamente nos guiar para um território comum, que não é o futebol e do qual tentamos escapar:

os afetos.

É na proposição 51 que Spinoza (2009, s. p.) diz:

“Homens diferentes podem ser afetados diferentemente por um só e mesmo objeto, e um só e mesmo homem pode, em momentos diferentes, ser afetado diferentemente por um só e mesmo objeto”.

A noção spinozana de afeto, somada à ideia de partilha do sensível, nos convida a pensar sobre aquilo que constitui nossa formação como pesquisadores e estudiosos do futebol. Percebemos uma tendência na formação de jogadores futebolistas que também se repete em nossa

própria, na ciência. Um descolamento disso que é a experimentação do comum como um lugar do sensível. Da possibilidade de colocar o pensamento a pensar por meio de “atos estéticos como configurações da experiência” (Rancière, 2009, p. 11).

O movimento de deixar ser afetado. Pelas perguntas, pelas respostas, por uma cruzada de bola que parece ter sido retirada de um poema de Clarice Lispector, porque mexe com algum lugar do sensível que faz querer gritar do lado de gente que nem se conhece só pra poder dizer junto: você sentiu aquilo? E saber que o outro sentiu também, pois olhávamos todos para a mesma direção. Não do campo, mas dos afetos que o campo traz junto.

Futebol. Coisa que nos coloca tão perto disso que é o campo. Tanto do gramado, quanto do sensível. Que retoma ao questionamento: o que é o futebol pra você? E que faz perguntar outra pergunta: o que é a pergunta pra você?

No lugar da pesquisa, de encontro com o outro, a pergunta é o que nos aproxima e distancia. Perguntar errado, atropelado, sem pensar, ou pensá-la demais. Na pergunta parece morar um desconforto, que é de quem a faz e de quem a responde. Um anseio de ambos os lados de saber dizer, perguntando ou respondendo.

Tava impedido? Você viu aquele passe? Por que o Bernabé não tá jogando? Vamos assistir ao jogo pela CazéTv? O que esse cara tava pensando com essa escalação? Tem alguém que ainda espera algo do Neymar? Eles vão mesmo demitir o Diniz? Ninguém percebeu a situação em que aqueles meninos do Ninho moravam? O Cuca pensa sobre o que fez como a gente pensa no que ele fez? O Robinho sente alguma culpa? Por que a Marta ganha menos que o Neymar?

No campo do comum, pesquisadores e futebolistas se perguntam a mesma coisa. Mas o quanto isso tudo que é elemento discursivo nos aproxima de uma experiência do sensível na formação? Futebolística, humanística e da ciência. O quanto perguntar nos faz forçar o pensamento a pensar e produzir afecções no corpo?

É logo no início de O circuito dos afetos, de Vladimir Safatle (2015), que somos lembrados, com a figura de Kafka, da importância de inventar outros modos de dizer nos espaços institucionalizados. Inventar outra língua dentro dela própria. Inventar outros modos de ocupar o lugar que nos é comum: o campo. Mas, como nos lembra o próprio pensador:

“Se quisermos mudá-lo, será necessário começar por se perguntar como

podemos ser afetados de outra forma” (p. 7)

Implicando ativamente em “forçar a produção de outros circuitos” (*op. cit.*) de afetos. Fazer falar com imagens. Repetir Léo Moura, que diz:

- Futebol pra mim? Ixi, não sei... Eu ia falar amor, mas não chega a ser amor assim... Futebol pra mim é... Nossa, complicado. Quer dar uma pausa aí pra eu pensar?

Uma pausa para pensar. Talvez essa seja a pretensão desse texto – e ele tem pretensão? –, das perguntas que fizemos, da repetição dos encontros com os parças da academia e da igreja. Um momento para poder dizer de novo e mais uma vez “ixi, não sei” e assumir esse lugar como um lugar do comum, porque, de algum modo, faz bambejar a linha de pensamento e do gramado. Que deseje uma pausa pra poder pensar porque sentiu alguma coisa outra que fez experimentar o lugar do sensível. Que então leva a isso de se perguntar mais uma vez, quase que como um ritual antes de entrar em campo:

O que é o futebol pra você?

REFERÊNCIAS

Rancière J. A partilha do Sensível: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

Safatle, Vladimir. O circuito dos afetos. São Paulo: CosacNaify, 2015.

Spinoza, Baruch. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

¹ Este ensaio é parte da pesquisa de doutorado de Eduarda Moro, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, sob orientação de Alexandre F. Vaz e coorientação de Antonio Jorge G. Soares. O trabalho de campo aconteceu entre os anos de 2022 e 2023 no Centro de Formação do Figueirense, com a categoria de base sub-21, durante a disputa da Copa SC Sub-21. A proposta da intervenção foi a de construir um filme que narrasse a vida de um jogador de futebol em formação. Os jogadores foram responsáveis pelas próprias filmagens, todas feitas com uma handycam antiga.

Futebol de poesia, cultura futebolística e gratidão única a um ídolo: primeiras reflexões sobre minha pesquisa na Itália

Ronaldo Helal

15 de jul. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Ronaldo Helal: Professor Titular da UERJ

COMO CITAR:

HELAL, Ronaldo. Futebol de poesia, cultura futebolística e gratidão única a um ídolo: primeiras reflexões sobre minha pesquisa na Itália. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.15, 2024.

Futebol de poesia, cultura futebolística e gratidão única a um ídolo: primeiras reflexões sobre minha pesquisa na Itália. © 2024 by Ronaldo Helal is licensed under Creative Commons Attribution-NoDerivatives 4.0 International

Futebol de poesia, cultura futebolística e gratidão única a um ídolo: primeiras reflexões sobre minha pesquisa na Itália

Ronaldo Helal

15 de jul. de 2024

A ideia de nação brasileira, muito tímida no século XIX, começou a ganhar força no início do século XX, durante e após a Semana de Arte Moderna de 1922. O futebol, que deixou de ser uma prática amadora e começou a se tornar um esporte profissional no início dos anos 1930, teve um papel preponderante nesse processo. O jornalista Mario Filho, nome oficial do estádio Maracanã, e o cientista social Gilberto Freyre foram dois importantes artífices na junção do futebol, sobretudo da seleção brasileira, com a nação.

A partir de um artigo de Gilberto Freyre, publicado no Diário de Pernambuco, em 17 de junho de 1938, a equação “seleção + nação brasileira” se tornou evidente e passou a ganhar força, fazendo com que, alguns anos mais tarde, o dramaturgo e cronista esportivo Nelson Rodrigues a alcunhasse de “a pátria de chuteiras”.

Meu interesse no tema me levou a uma série de reflexões sobre as narrativas da imprensa sobre a seleção masculina de futebol em períodos de Copas do Mundo. Ao mesmo tempo, passei a pesquisar as narrativas do estrangeiro sobre nós tendo como foco o futebol, principalmente a seleção. A opinião de fora parece realmente ter tido muita importância na construção da identidade nacional brasileira. A Semana de Arte Moderna de 1922, mencionada anteriormente, reuniu um grupo de intelectuais e artistas que queriam romper com as influências da cultura europeia, principalmente francesa, e, assim, inspirar-se no que seriam as nossas raízes. No entanto, o olhar de fora continuou sendo preponderante no Brasil.

Em 2005 e 2006, realizei pesquisa de pós-doutorado em Buenos Aires, justamente para estudar as narrativas da imprensa argentina sobre o futebol brasileiro durante as Copas do Mundo de 1970 a 2002. Entre junho e agosto de 2017, fiz um estágio sênior de pesquisa na França, investigando as narrativas da imprensa francesa sobre a seleção brasileira. E agora me encontro em Nápoles, para outro estágio sênior, com o objetivo de pesquisar as narrativas da imprensa italiana sobre nossa seleção.

Sobre as pesquisas na Argentina e na França, o que encontramos foram narrativas carregadas de estereótipos sobre a cultura brasileira, sendo que as da imprensa francesa eram carregadas de um “eurocentrismo” e “exotismo”, que depositavam na suposta natureza imaginada dos brasileiros a explicação para o sucesso e o fracasso da seleção¹.

O material coletado na Emeroteca Tucci de Nápoles abrangeu todas as partidas entre Brasil e Itália nas Copas do Mundo: 1938, 1970, 1978, 1982 e 1994. Os jornais selecionados foram *La Gazzetta Dello Sport* e *Corriere della Sera*. Uma das coisas que tinha em mente, além das reflexões sobre as pesquisas anteriores, era um artigo de 1971 do cineasta Pier Paolo Pasolini, intitulado “*Il calcio è un linguaggio con i suoi poeti e prosatori*”, em que o futebol brasileiro é visto como um futebol de poesia.

A análise do material está ainda no início, mas já foi possível investigar as narrativas dos dois jornais durante a Copa de 1938, um Mundial emblemático para a construção de nossa identidade, que gerou o famoso artigo de Gilberto Freyre, mencionado antes.

De uma forma geral, as matérias de 1938 destacam as habilidades dos brasileiros, chamados de malabaristas da bola, mas ressaltam a suposta carência de jogo coletivo e organização. Falam até em acrobacias inúteis. E dizem que a Itália merecia ter vencido por 3 a 0. Ressaltam também a ausência de Leônidas, o “malabarista dos malabaristas” (“*il giocoliere dei giocolieri*”), mas questionam se o resultado teria sido diferente.

Em certo sentido, esse tipo de narrativa possui, à primeira vista, alguma semelhança com o que encontrei no *L'Equipe* da França. Mas não foi ainda possível observar uma narrativa etnocêntrica, mesmo quando se verifica a crítica a uma suposta carência de jogo coletivo. A ideia de um futebol de poesia é latente em 1938 e deve ter ganhado força após a conquista do tricampeonato em 1970, justamente vencendo a Itália na final por 4 a 1. As narrativas italianas em 1938, apesar de enaltecem a habilidade dos brasileiros, não se curvam a ela em nenhum momento e ainda enfatizam que o placar de 2 a 1 para a Itália deveria ter sido maior.

O restante do material, ainda que não analisado, parece seguir a mesma tendência. Devemos ter em mente que a tradição futebolística e de conquista nesse esporte é maior aqui do que na França. A Itália já era campeã do mundo e estava disputando o bicampeonato (o que acabou acontecendo). Dando uma olhada no material de 1970, Copa do Mundo que deve ter influenciado Pasolini a escrever o artigo mencionado acima, as narrativas italianas buscavam diminuir a suposta diferença técnica entre as duas equipes, apostando em seus jogadores e em seu suposto estilo,

conhecido aqui como *catenaccio*, um jogo defensivo que aposta nos contra-ataques. Mesmo após a derrota por 4 a 1, algumas matérias enfatizavam que a partida foi equilibrada até metade do segundo tempo, quando a seleção brasileira marcou o segundo gol.

Durante este período, tenho conversado com o sociólogo Luca Bifulco, quem me convidou para realizar meu projeto na *Università degli Studi di Napoli Federico II*, e com alguns de seus colegas e pesquisadores. Nessas conversas, fica evidente que a partida mais emblemática para os italianos, considerando os confrontos com o Brasil, é a de 1982, quando a Itália derrotou a seleção brasileira por 3 a 2. Já dei uma olhada rápida nesse material e vi que se ressalta ainda um quarto gol supostamente mal anulado pelo árbitro.

Antes de vir para cá, me orientei também com o semiólogo Paolo Demuru, da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Demuru publicou em 2014 o excelente livro *Essere in gioco: calcio e cultura tra Brasile e Italia*. Certamente, o livro merece uma segunda leitura, que será realizada após o meu retorno ao Brasil. É dele também o artigo *Malandragem vs Arte di arrangiarsi: Stili di vita e forme dell'aggiustamento tra Brasile e Italia*, que mostra semelhanças e diferenças nessas duas representações dos cotidianos dos dois países.

O deslocamento para outros países e o contato com diferentes culturas viabilizam a construção de novas perspectivas interpretativas sobre a sociedade na qual vivemos. Estar imerso no país onde se pesquisa as narrativas é uma forma crucial de ter acesso à produção de conhecimento².

Por fim, nesse momento, não poderia deixar de destacar a minha surpresa ao ter a sensação de que a idolatria a Maradona na cidade de Nápoles é maior do que em Buenos Aires. Luca Bifulco e Pablo Alabarces já escreveram a respeito. Mas é realmente algo que não tem como passar despercebido. Maradona está em quase todos os lugares. Seu gigantismo está estampado nas ruas, paredes, murais, quiosques, bandeiras, flâmulas, camisas, bonecos e até em uma famosa bebida aqui, a Maradona Spritz. Todo o debate sobre o melhor da história tende a ficar ofuscado sobre quem foi o mais importante. A qualificação de “o melhor” é frequentemente enviesada pelos afetos que temos aos nossos ídolos. No entanto, o certificado de “o mais importante” tenderia a ser mais objetivo.

A importância de Maradona para os napolitanos é imensa. A cidade sempre sofreu e sofre até hoje preconceito do norte do país. Nos estádios, se escutam cânticos ofensivos e até faixas agressivas contra os napolitanos. Maradona trouxe orgulho para a cidade, reforçou sua identidade e, não

menos importante, conquistou títulos importantíssimos. A gratidão a ele é incomensurável.

REFERÊNCIAS:

HELAL, Ronaldo. Exotismo e irracionalidade. *Alceu*, v. 21, p. 30-51, 2021.

HELAL, Ronaldo. Jogo bonito y fútbol criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación. In: Alejandro Grimson (Org.). *Pasiones nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Edhasa, 2007, v. 1, p. 349-385.

HELAL, Ronaldo. Las narrativas de la prensa francesa sobre el fútbol brasileño en los mundiales de 1958 y 1998. *Ludicamente*, v. 8, p. 1-20, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Esporte, comunicação e sociologia: uma leitura da trajetória acadêmica e da produção intelectual de Ronaldo Helal. *Alceu*, v. 22, p. 143-164, 2022.

¹ Os resultados desses projetos podem ser conferidos em Helal (2007) e Helal (2019, 2021).

² Ver a respeito em Hollanda (2022).

Impressões do racismo no futebol

Alexandre Jackson Chan-Vianna, Pedro Henrique Lima Soares

23 de jul. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Alexandre Jackson Chan-Vianna é Professor Associado na UnB, atua na formação de professores-treinadores da educação física e do esporte, vinculado ao ProEF. É autor de "Meninas que Jogam Bola" (Appris, 2021) e "Karate Kiokushin no Brasil" (CRV, 2021).

Pedro Henrique Lima Soares é bacharelado em Educação Física na UFRJ, atuou como estagiário em escolinha de futebol society sub-13 e é bolsista de iniciação científica do Programa PIBIC-UFRJ.

COMO CITAR:

CHAN-VIANNA, Alexandre. SOARES, Pedro. Impressões do racismo no futebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.16, 2024.

[Impressões do racismo no futebol](#) © 2024 by Alexandre Jackson Chan-Vianna. Pedro Henrique Lima Soares is licensed under [CC BY-NC 4.0](#)

Impressões do racismo no futebol

Alexandre Jackson Chan-Vianna, Pedro Henrique Lima Soares

23 de jul. de 2024

A questão das desigualdades raciais está presente no debate público. Essa demanda mobiliza afetos e visões de mundo diferentes, que são captadas pelas mídias, fazendo a comunicação circular, se retroalimentando e construindo consensos mais ou menos hegemônicos na sociedade em cada tempo histórico. Contemporaneamente, o racismo tende a ser reprimido pelas leis, pelas políticas de reparação e pelas novas sensibilidades que se formam no mundo. No campo do esporte, em especial no futebol, pela sua relevância social e por combinar um desprendimento da vida ordinária com a potência da expressividade coletiva, as injúrias raciais ocorrem como uma espécie de válvula de escape desses sentimentos racistas, reprimidos no cotidiano, levando a consequentes críticas e punições a essas atitudes consideradas crime.

Considerando o esporte pela metáfora do teatro¹, os atletas ocupam posição de ator principal. Apesar dos outros atores também se movimentarem na cena, são eles quem convergem a atenção para suas personas, representando os afetos da plateia que, por sua vez, constrói o debate público explorado pela mídia para conduzir essas interpretações. Nesse sentido, partimos do entendimento de que o atleta age baseado nessas interações. Como qualquer indivíduo, ele estabelece um projeto em nível individual. Ancorado nas avaliações que percebe da realidade, lida o tempo todo com a apresentação de si, as explorações e toda sorte de disposições em complexos processos de negociação que constituem a vida social. Longe da autonomia absoluta, ele toma decisões dentro de um campo de possibilidades, ou seja, uma combinação do seu potencial interpretativo do mundo simbólico com as condições em que se estabelece o processo sócio-histórico em que se encontra².

Nesse sentido, o que esse ensaio pretende é afinar as lentes analíticas para observar o debate impresso nas mídias sobre o tema do racismo no mundo do futebol. Para isso, partiremos de um corte descritivo e sintético da carreira de quatro esportistas de envergadura mundial, dois brasileiros do futebol e, comparativamente, dois norte-americanos do basquete, que, em comum, tiveram suas opiniões sobre a questão racial capturadas e exploradas na mídia. Avaliaremos a circularidade da informação para tentar apresentar algumas considerações que contribuam para o debate. No percurso, convidamos à reflexão de nossos próprios engajamentos no debate público sobre o racismo.

Vinicius Junior e Neymar

Vinicius Junior, que tem origem na periferia da cidade do Rio de Janeiro, a cada ano que passa, vai ganhando corpo como personalidade midiática no universo do futebol. Jovem revelação do Flamengo, se profissionalizou em 2016, ainda com 16 anos, e, 4 anos depois, já era titular do Real Madrid, um dos times mais poderosos do mundo. No entanto, diferentemente de outras trajetórias similares, o jogador é retratado na mídia pela sua condição de pessoa negra. Se ele é um craque ou não, se conseguirá ser o novo líder da seleção brasileira, se jogaria mais bem centralizado ou pelas pontas, são temas que tratariam de seu talento para o futebol, mas é inegável que sua atitude, diante das seguidas injúrias raciais que sofreu, o tornou um símbolo da luta antirracista no futebol. Após atuação destacada com gol na final do título da Champions League 2024, por exemplo, se consagrava como favorito a receber o prêmio de melhor do mundo. No entanto, o destaque das reportagens ainda dividia seus méritos atléticos, suas jogadas, com seus estigmas originais de “Neguebinha”. O binômio performance-racismo chegou ao extremo, para os defensores do seu merecimento ao prêmio, no argumento de que, se perdesse, as desconfianças recairiam nas injustiças raciais⁴.

Na dimensão dos negócios, a imagem carismática e irreverente do atleta identificada com o público jovem atrai o interesse de grandes empresas, o que lhe rende contratos de publicidade tanto com produtos populares quanto de alto luxo. Ele representaria a jornada do herói, saindo de uma comunidade pobre, desacreditado, para brilhar como astro mundial. Em 2020, após uma análise de marca, o jogador adaptou seu nome – Vini Jr –, para universalizar a pronúncia, e criou uma logo pessoal com visão estratégica para o mercado asiático⁵. Na dimensão social, tem seu nome sempre lembrado como atuante na causa antirracista, levantando constantemente na mídia em geral ou nas redes sociais posições contra as injúrias raciais que sofre, cobrando das autoridades efetiva punição e se posicionando como porta-voz das minorias racializadas. Vini ainda concentra ações sociais como promotor de um instituto vinculado à causa da superação das desigualdades socioeconômicas. A ação principal do instituto é promover um aplicativo de internet com jogos educativos para incrementar a motivação de estudantes de escola pública para estudarem. Ação apoiada em parcerias do poder público com instituições privadas⁶.

Neymar e Vini Jr são brasileiros sudestinos, contemporâneos, com trajetórias de carreira similares e, portanto, num enquadramento histórico e contextual bastante próximo. No entanto, o primeiro apareceu para o grande público no Santos uma década antes, em 2010, aos 18 anos, tendo ali, como primeira resposta aos enfrentamentos do debate do racismo, a

afirmação de que não poderia ter sofrido injúrias por não ser preto.

Uma década mais tarde, já com a carreira consagrada, jogando em times europeus de primeira linha e sempre em evidência para disputar o prêmio de melhor do mundo sem nunca ter ganhado, Neymar passou a se posicionar em relação ao tema. Em um dos fatos mais noticiados, em 2020, defendeu sua equipe e a do adversário por abandonarem o campo de uma partida da Champions League, após supostos comentários racistas de um funcionário, afirmando que o racismo “não tem lugar no futebol ou na vida”. No mesmo ano, também jogando na França, o brasileiro reclamou de ofensas racistas, dessa vez contra si, que teriam sido proferidas por um zagueiro espanhol. O contexto do fato era a sua expulsão por ter agredido esse adversário. Nas redes sociais, imediatamente declarou ser “negro, filho de negro, neto e bisneto de negro”, que “o racismo existe [...], mas temos que dar um basta” e que o “único arrependimento [...] é não ter dado na cara desse babaca”⁷. Os atos provocaram na mídia um apelo de redenção do atleta em relação à sua negação juvenil, com afirmações da chegada da maturidade e a vivência da questão racial no contexto europeu que lhe teria, em tese, dado maior consciência da causa. Vale lembrar, porém, que 2020 é o ano das intensas manifestações globais provocadas pelo caso George Floyd nos Estados Unidos, amplamente repercutidas na mídia, e também de grande questionamento do desempenho de Neymar que, então, estava às voltas com inúmeras lesões e problemas de relacionamento entre os companheiros de time.

Jordan e Lebron

Michael Jordan é o atleta mais icônico da era pós-Pelé. Não apenas é considerado o melhor jogador de basquete de todos os tempos, mas, sob sua dinastia nos anos de 1990, foi fulcral em transformar a NBA na mais bem sucedida liga de esporte profissional de dimensões globais de então. Jordan se consagrava como o atleta que reunia os predicados para atender ao modelo contemporâneo do esporte espetáculo em que a performance atlética, os números, as atitudes individuais deveriam convergir em imagens para o consumo de entretenimento popular na mídia televisiva⁸. Inevitavelmente, negro, naquela sociedade, Jordan não ficou imune aos questionamentos sobre se posicionar pela causa antirracista. No entanto, orientou toda sua carreira de atleta para não se pronunciar sobre o tema, o que foi visto à época como uma isenção conservadora e individualista ao priorizar seus interesses comerciais acima da causa racial. Uma repercussão argumentativa nesse debate era a suposta afirmação dele sobre não defender candidaturas antirracistas pois “republicanos⁹ também usam tênis”¹⁰.

Do outro lado, os agentes de marketing do atleta questionavam qual ação antirracista mais efetiva poderia haver do que conseguir ter pendurado o pôster de um negro no quarto de cada menino branco das classes médias conservadoras do país com o slogan “Like Mike”¹¹. Para além do argumento da disputa e com distanciamento temporal, é possível refletir sobre os resultados da carreira e do legado dele se tivesse assumido a posição pública de defesa dos direitos civis. Em uma época muito mais conservadora, possivelmente, ele não teria tido o mesmo acesso às mídias que os atletas politicamente engajados após seu tempo dispuseram. De certo, teria muito mais dificuldades para se tornar um porta-voz dessa causa enquanto jogador, ao mesmo tempo que não teria sido capaz de construir o fabuloso capital financeiro e simbólico que lhe permitiu se tornar o primeiro negro dono de uma franquía e disputar os destinos da liga como parte da classe esportiva dominante.

Lebron James, igualmente negro, protagonista longo da NBA desde os anos 2010, que alimenta os debates midiáticos rivalizando se seria ele o melhor de todos os tempos, tem tomado em sua carreira atitudes diferentes de Jordan. Em relação às demandas públicas sobre o racismo, o atleta é reconhecido ativista da causa e exemplo contrapondo a suposta isenção de atletas brasileiros notórios¹². Na esteira de outros tantos atletas norte-americanos de diferentes modalidades desse período, o intitulado “King James” comumente se posiciona publicamente em eventos de comoção extrema, como nos casos Breonna Taylor e George Floyd. Depois desses pronunciamentos, não perdeu patrocinadores ou teve suas atitudes questionadas publicamente em uma escala que importunasse seu desempenho em quadra, pelo contrário, a liga, em 2020, patrocinou com ele o movimento “Black Lives Matter”¹³, o que, por óbvio, indica conformidade de agenciadores, patrocinadores e a mídia que exploram o espetáculo. Mas, assim como Neymar, Lebron James tem seu ativismo concentrado nos pronunciamentos em redes sociais e entrevistas.

A circularidade da informação

Optamos aqui por nos distanciarmos de julgamentos morais sobre as atitudes dos atletas. Seguimos o pressuposto de que cada um deles construiu a trajetória possível, equalizando uma negociação entre um projeto de vida imaginado com os constrangimentos sociais que enfrentaram na questão racial. Ocorre que, no calor do debate público ordinário, todos nós rotulamos esses atletas, dotando-os de predicados que nos agradam ou não, de acordo com nossos afetos e crenças combinados com as informações que dispomos. Essas expressões não se restringem às opiniões esportivas. Incluem temas como o racismo, que são prementes em nossa sociedade, de modo que não apenas torcemos pelos personagens

esportivos, mas por incorporações, imagens, que moralmente nos empenhamos em enaltecer ou repudiar. A causalidade e o tempo são dois aspectos cruciais para analisar esse mecanismo complexo.

A causa do processo comunicativo não é exclusividade de um emissor. Atleta, público e mídia são responsáveis pela dinâmica comunicacional, dado que a recepção é também uma instância geradora de sentidos, de modo que essa prática está vinculada aos constrangimentos e contradições típicas de qualquer dinâmica social. Nessa triangulação dos atores, todos atuam como emissor e receptor. Assim, uma pauta precisa estar em consonância com os interesses do público e do atleta, não apenas do veículo de mídia, pois, só assim, existe o engajamento e se conclui a comunicação, inclusive do ponto de vista mercadológico para os financiadores do veículo. Os atletas fazem uma leitura dessa realidade, mediando aquilo que é possível ser feito combinado com o que se espera que eles façam. Alguns possuem até agentes e estrategistas que realizam essa leitura da conjuntura. O público, por sua vez, materializa no atleta aquilo que está em debate. Em outras palavras, uma notícia de jornal é o resultado do que se pretende transmitir e o que se espera ler, pois, cada receptor também impõe a pauta a ser consumida e dialoga com ela constantemente, exigindo do emissor da vez que equalize o conteúdo que vai comunicar. Assim, o consumo da mídia provoca e é provocado por múltiplos sentidos e entendimentos que os atores fazem de cada informação, alimentando a circularidade da prática comunicativa¹⁴. No entanto, se por um lado a mídia tem o poder de disseminar essa circularidade do debate, por outro, ela filtra os fatos e reduz a informação aos acontecimentos que engajam mais diretamente os afetos.

Essas notícias, em especial, quando impressas ou digitais, são um documento da história. Elas registram ao longo do tempo essas discussões colocadas em pauta na sociedade, permitindo analisar o contexto vinculado aos embates, fruto das relações sociais num dado momento histórico. Ocorre que essas impressões são um quadro que pode variar de interpretação conforme a época em que ele é revisto¹⁵. É nesse sentido que as atitudes dos atletas sobre o racismo podem possuir a mesma tela e moldura no retrato de um tempo, mas com diferentes tons e contornos em outro. Significa dizer que muita coisa pode ter mudado em relação ao enfrentamento do racismo e permitido que uma personalidade do esporte se veja compelido ou motivado a defender a causa antirracista, e a mídia disposta a repercutir isso, apesar de se manterem, em boa medida, as hierarquias sociais baseadas nas relações interraciais¹⁶. As distintas informações codificadas coletivamente no presente se misturam com os signos já consagrados pela cultura, e o processo da construção histórica da matéria jornalística se constitui num campo de disputa das representações

sobre as pessoas, seus grupos e instituições. Trata-se, pois, da dinâmica concorrencial do comando do espaço público e da circulação dos bens culturais pela luta no campo discursivo. Evidentemente, com cotas de poder distintas entre esses concorrentes.

Detalhes e distâncias

Em tempos de uma sociedade em que a tecnologia da informação conecta as pessoas em tempo real e escala global, mas que cada vez mais é controlada por um grupo menor de pessoas, a mídia exerce um papel fulcral na circularidade do debate público. Nesse sentido, é inescapável que o racismo tanto mais se apresente em pauta quanto mais decorram os processos de sensibilização formados sobre as desigualdades nas relações raciais. Do mesmo modo, é inescapável que o universo do esporte, em especial escala o futebol, seja um palco privilegiado para que esse debate ganhe circularidade exponencial, demandando da mídia notícias diárias.

Contudo, o que também não pode nos escapar é a atenção para os detalhes e as distâncias dos fatos. Dos detalhes, nos aproximando de como cada um dos atores – jogadores, torcedores, dirigentes, agentes patrocinadores, donos das mídias – atuam num dado contexto sócio-histórico e, de acordo com o campo de possibilidades e as cotas de poder que cada um possui, como cada qual lança mão do seu discurso estratégico para manusear a causa antirracista. Da distância, por sua vez, nos afastando no tempo e no espaço, observando de longe e para o todo que resultados as ações efetivamente constituirão de forma mais consolidada.

Como plateia ativa desse teatro do cotidiano, é evidente que não conseguiremos ter todos os detalhes e nos distanciarmos de nossos afetos como torcedores e de nossas visões de mundo como agentes públicos no debate. Nos cabe, ao menos, sermos cuidadosos, reconhecendo como se imprimem as notícias e como o esporte se apresenta como veículo de retrocessos/progressos no processo civilizatório contra as desigualdades raciais.

¹ Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

² Velho, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

³ Ver: <https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/vinicius-junior-mais-do-que-favorito-para-ser-o-melhor-do-mundo-gol-dribles-no-15-titulo-da-01062024/>

⁴ Ver: <https://www.bol.uol.com.br/esporte/2024/06/01/se-o-vini-jr-nao-ganhar-a-bola-de-ouro-sera-atestado-de-racismo-diz-juca.htm>

⁵ Ver: <https://revistapoder.uol.com.br/2023/07/12/nasce-uma-estrela/>

⁶ Ver: <https://institutovinijr.org.br/>

⁷ Ver: <https://oglobo.globo.com/esportes/por-que-ney-mar-reagiu-pela-primeira-vez-apos-sofrer-racismo-24638797>

⁸ David Halberstam. *Michael Jordan: a história de um campeão e o mundo que ele criou*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

⁹ O contexto da polêmica se deu pela disputa para o Senado em seu estado natal, quando o candidato democrata era negro e o republicano abertamente segregacionista.

¹⁰ Ver: <https://slate.com/culture/2016/07/did-michael-jordan-really-say-republicans-buy-sneakers-too.html>

¹¹ Em interpretação livre, o sentido publicitário era utilizar o apelido comum dos homônimos do atleta junto com o desejo de comprar os produtos que ele divulgava. Ao mesmo tempo, convergia interesse de pais e filhos em enaltecer comportamentos dele, que representavam o ideal de sucesso naquela sociedade. Tudo isso estaria corporificado, de forma inédita e em grande escala, na imagem de uma pessoa negra.

¹² Ver: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-03/esporte-brasileiro-carece-de-um-lebron-james.html>

¹³ Ver: https://www.espn.com/nba/story/_/id/29528067/lebron-james-calls-black-lives-matter-walk-life-advocates-breonna-taylor

¹⁴ Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

¹⁵ Pasquini, Adriana Salvaterra; Toledo, César de Alencar Arnaut de. *Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação*. Interfaces Científicas – Educação, Aracaju. v. 2, n. 3, p. 257-267, jun. 2014.

¹⁶ Campos, Walter de Oliveira. *Discriminação racial e imprensa no início dos anos 1950: um retrato da Lei Afonso Arinos em sua concepção e nascimento*. Patrimônio e Memória, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 283-304, jan./jun. 2015.

Notas sobre a abertura dos Jogos Olímpicos: escritas no calor da emoção

Victor de Andrade Melo

28 de jul. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Victor de Andrade Melo: Professor Titular da UFRJ e membro do INCT Futebol

COMO CITAR:

MELO DE ANDRADE, Victor. Notas sobre a abertura dos Jogos Olímpicos: escritas no calor da emoção. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.17, 2024.

[Notas sobre a abertura dos Jogos Olímpicos: escritas no calor da emoção](#) © 2024 by MELO DE ANDRADE, Victor. is licensed under [CC BY-NC 4.0](#)

Notas sobre a abertura dos Jogos Olímpicos: escritas no calor da emoção

Victor de Andrade Melo

28 de jul. de 2024

Se não foi a melhor, foi a mais incrível cerimônia de abertura que assisti. Foi corajosa em todos os detalhes, até mesmo no tradicional desfile de atletas e na cerimônia da tocha. Saiu do usual em tudo, recriando a tradição, sem abandonar. Incorporou sem parcimônia antigos e novos arranjos das linguagens – artes plásticas, cinema, literatura, dança, música, moda, colocando de forma explícita o esporte nesse quadro.

Prestou tributos ao passado francês, mas foi paulatinamente o conectando com o presente, com aquilo que a França (o mundo?) pode (deve?) ser: da música clássica à eletrônica, de Lumière e Méliès a Minions, de Mona Lisa ao grafite, do balé às danças urbanas, do atletismo ao breaking – inovações esportivas na cidade que já sediou duas outras edições dos tempos primordiais da competição. Passado, presente e futuro em continuum. Cruzou, sem economia, imagens e símbolos de tempos distintos. Antiguidade, medieval, moderno e pós-moderno em diálogo constante.

Desfilou bandeiras atuais, corpos diversos, gentes diversas, desejos de respeito à diversidade, liberdade, fraternidade/sororidade – na cerimônia, as velhas bandeiras da Revolução Francesa foram relidas, assim como o hino nacional francês. Num cenário em que avança a extrema-direita, é um grito de contraposição. Explícita o quanto o esporte pode ser bandeira de luta, ou veículo de luta, ou sempre é a expressão do que há de melhor e pior dos seres humanos, por isso, tão fascinante.

É utopia? É. E isso é algo bom do esporte. Quem pode viver sem utopia? Mesmo que em si o campo esportivo não seja ingênuo e não esteja fora das tensões de qualquer quadro social – lógico que não! –, é um sopro de projeto utópico em meio a um mundo cada vez mais distópico. Não se trata de ser ingênuo. Nem de desconhecer todas as ambiguidades e contradições. Nem todos os problemas. Apenas se trata de crer que símbolos podem também ser importantes. Recorde é um conceito-chave do esporte. É ele que permite pensar que é sempre possível se superar. Por isso a história é tão importante para o esporte. Talvez seja uma lição legal. Inclusive para criticar o próprio esporte.

Além de tudo, a cerimônia foi de uma competência técnica impecável para

quem viu. Foi televisiva, sim. Mas o que não é? Por que não ser? Colocou a tecnologia a serviço da emoção. Não sei se foi bom para quem assistiu ao vivo. Já vivi Jogos Olímpicos na minha cidade. É bem mais bacana assistir em outras cidades. Imagino os milhares de problemas e tensões que enfrentaram os parisienses nesses anos. Imagino, não, lembro bem. Mas se nos ativermos à cerimônia de abertura, foi um magnífico começo. Pelo menos para quem viu de longe.

Mais, foi corajosamente parisiense, algo que não fomos no Rio com o papo de que eram Jogos do Brasil. Descaradamente exaltou Paris. E quem dirá que a Cidade Luz não merece? Pode-se gostar mais ou menos dela, só não se pode negar a sua importância na história dos últimos séculos.

Ao mesmo tempo, a partir de sua capital, a França gritou para o mundo que ainda é a antiga França do imaginário de tempos em que exalava as ideias de amor, poesia e liberdade. E de novidade, a terra da Nouvelle Vague, da Nouvelle Cuisine, da avant-garde, do maio de 1968. Podemos acreditar nisso, no passado e no presente? Não, exatamente. Mas também não podemos discordar exatamente. E podemos sonhar, né? E também não é para isso que servem os Jogos?

Foi linda a cerimônia. Foi emocionante a cerimônia. E me deixou ainda mais convicto de que o esporte é das mais incríveis invenções humanas por tudo que pode dramatizar. É sempre bom lembrar que os seres humanos podem fazer coisas legais. Que alegria ter dedicado parte significativa de minha vida para estudar (e me deliciar) com esse treco chamado esporte.

Vou tomar uma água para me reidratar. E um vinho. Um Bordeaux que tenho por aqui. Para celebrar a esperança. Tem muita emoção pela frente!

Sobre a polêmica “Santa Ceia” dos jogos de Paris 2024

Antonio Jorge Gonçalves Soares

30 de jul. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Antonio Jorge Gonçalves Soares: é Professor Visitante da UFRN; Professor Titular da UFRJ e membro do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SOARES, A. J. G. Sobre a polêmica “Santa Ceia” dos jogos de Paris 2024. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.18, 2024.

[Sobre a polêmica “Santa Ceia” dos jogos de Paris 2024.](https://www.inctfutebol.com.br/post/sobre-a-pol%C3%AAmica-santa-ceia-dos-jogos-de-paris-2024) © 2024 by SOARES, A. J. G. is licensed under [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Sobre a polêmica “Santa Ceia” dos jogos de Paris 2024

Antonio Jorge Gonçalves Soares

30 de jul. de 2024

No último domingo, 28 de julho, disparei pela minha caixa de mensagens o texto “Notas sobre a abertura dos Jogos Olímpicos: escritas no calor da emoção” ¹, publicado no blog Bate-Pronto, do INCT Futebol, e escrito pelo meu amigo Victor Melo, um grande especialista e pesquisador da história do esporte no Brasil e na África. O texto dele, como o próprio título informa, foi escrito no calor da emoção. E foi nesse calor do fato que foi publicado no referido blog (o mesmo em que este texto também está sendo publicado), como uma descrição e análise que traduz alguém apaixonado pelo esporte e antenado com a perspectiva de que o papel desse fenômeno social não se limita às competições esportivas nas quadras, campos, raias, ondas, pistas, ringues, dojos, etc. Esse fenômeno é, como nos alertou DaMatta (pensando o futebol no Brasil, o que eu o amplio para o esporte), o lugar do drama em que as rivalidades, as paixões, as vitórias e as derrotas no campo refletem as tensões, os conflitos e as aspirações da vida cotidiana e das nações, revelando as divisões e hierarquias sociais, preconceitos, valores, assim como lugar de oportunidades de mobilidade, de superação e de transformação de indivíduos e coletividades. Acho que o ritual de abertura dos Jogos de Paris significou mais que uma mera etapa que marca o início da Olimpíada.

Nas mais de 500 mensagens que enviei via WhatsApp, me perdi nas repostas que diziam que o texto trazia exatamente aquilo que as pessoas assistiram e sentiram pela televisão. Inclusive, uma colega que estava assistindo ao vivo, a cores e debaixo de chuva, disse o seguinte: “Adorei o texto. Estou em Paris, peguei muita chuva e vi basicamente pelo telão. Fiquei encharcada, de água e de alegria. Foi antológico. Sobretudo pra uma fã de Rafa Nadal, Teddy Riner, Zidane e Marie-José Perec. A circulação tava bem chata, mas quem veio pra cá sabia disso. Nada a reclamar”.

Se recebi várias mensagens efusivas, ainda no calor da emoção dos leitores, também recebi aquelas que diziam que, apesar do texto ser interessante, a abertura teria quebrado com a tradição, tendo sido muito poluída, longa e dispersa pela cidade; ao contrário das anteriores que foram concentradas dentro de um estádio. Mas, a crítica mais contundente foi que a cerimônia de abertura deveria ter explorado as riquezas do país sede (acho que explorou) e agregado união e paz ao invés de polêmicas que mexem com a religião e “promovem a desagregação”. A cena que teria alimentado a

polêmica foi a da Santa Ceia envolvendo personagens LGBTQIAPN+ e pessoas de diferentes etnias como uma releitura de um mundo mais diverso e plural. As redes sociais ficaram inflamadas.

Recebi no Facebook uma postagem, da qual reproduzo parte aqui, que aponta uma forma de leitura diversa daqueles que viram a Santa Ceia na abertura dos Jogos: “Durante a cerimônia de ontem à noite, uma cena envolvendo personagens LGBTQIA+ gerou polêmica. Muitos acreditaram que a inspiração fosse ‘A Última Ceia’ de Leonardo da Vinci, mas, na verdade, foi ‘A Festa dos Deuses’ de Jan van Bijlert! Eu, como mestre em história da arte, percebi que os personagens representavam deuses da mitologia e não os apóstolos. A Festa dos Deuses se passa no Monte Olimpo, onde os deuses estão reunidos para um banquete celebrando o casamento de Tétis e Peleu. Apolo, coroado e identificável pela sua lira, preside no centro da mesa. (olha o Jesus dos desinformados)”². Compartilhei essa mensagem com um amigo crítico da abertura para falar que outras possibilidades de leitura estavam no debate, que rapidamente me enviou uma imagem comparativa da pintura de da Vinci e a cena de abertura.

Afirmar que achava interessante tal polêmica, porque a arte afeta as pessoas de alguma forma. Essa cena na abertura foi uma obra de arte, pois afetou muita gente que se sentiu incluída nesse mundo e outras que pensam que o mundo deve ser apenas de seus iguais, e que as tradições inventadas – por sinal, como todas são – devem ser “respeitadas e mantidas de forma estática”. Em tese, não vejo problema algum naquela representação feita na abertura dos jogos, seja “A Última Ceia”, seja “A Festa dos Deuses”, no Monte Olimpo.

Não sou especialista e nem conhecedor de arte. Mas o quadro de da Vinci é claramente uma representação criada para a Igreja Católica; ele cria ficticiamente uma das versões da Santa Ceia que em nada deve ser semelhante à vivida por aquelas pessoas naquele tempo e depois descritas na Bíblia – livro também reconstruído a partir de uma série de textos dos “cristianismos primitivos” até sua unificação em livro sagrado³. A Santa Ceia é representada como um altar de santos. Normalmente, os convivas não se sentam apenas de um lado da mesa, a não ser que seja para uma fotografia (que não era, por questões tecnológicas, possível) ou num palco ou altar para uma pintura (os caras estavam fugindo do Império Romano). Da Vinci cria da sua imaginação um altar de santos. A própria Bíblia atual e traduzida traz versões da Santa Ceia em Mateus 26:26-29; Marcos 14:22-25; Lucas 22:19-20 e Coríntios 11:23-26 (esse último capítulo escrito pelo Apóstolo Paulo que foi perseguidor de Jesus). Lembro que o Apóstolo Paulo não conviveu face a face com Jesus durante o ministério terrestre do último. Ele se tornou

cristão após a morte e ressurreição de Jesus. Paulo, originalmente chamado Saulo, era um fariseu zeloso e perseguidor dos cristãos. Sua conversão ocorreu enquanto ele estava a caminho de Damasco para prender cristãos. Nesse caminho, ele teve uma visão de Jesus ressuscitado que o chamou para ser um apóstolo aos gentios. Paulo se autodenominou apóstolo, tal como Valdomiro, Edir Macedo e outros que, sem nenhuma mediação institucional, também se autodenominaram apóstolos no presente e fizeram seus bons e rentáveis negócios da fé.

Voltando à Paris da abertura dos Jogos, penso e intuo que essa cena no espetáculo geral também acaba por criar um tensionamento com a história recente dos assassinatos dos jornalistas do Charlie Hebdo, quando fizeram uma charge de Maomé. Penso que um estado livre e laico tem que dar direito de expressão a qualquer opinião ou sátira livremente sobre qualquer religião, tal como as religiões possuem direito de dizer o que é certo e o que é errado para os seus adeptos e de criticar publicamente os comportamentos sociais que não aprovam para os seus fiéis – elas fazem isso livremente sem nenhum constrangimento imposto pelo estado. A religião da república idealizada é a laicidade, a liberdade, a lei, por outro lado, devo lembrar mais uma vez que as religiões (e boa parte é fundamentalista por natureza) expressam como deve ser o mundo excluindo a diferença. Excluindo, por exemplo, a homossexualidade – que, no caso da Igreja Católica, é recorrente entre o clero e não assumida como prática –, a bigamia, a poligamia e outras formas culturais e de expressão de gênero e sexualidade. Assim, no espaço público, o estado deve permitir a luta por outras formas de representação do mundo e de existência, apesar daquilo que desejam as religiões e seus líderes seculares.

Não vejo problema que o espetáculo dos Jogos tenha trazido, em tese, essa cena para dizer o oposto do que diz o catolicismo que inventou essa representação a partir de uma encomenda feita ao Leonardo da Vinci. Da Vinci pintou um Jesus loiro e branco, a imagem idealizada de um “europeu bonito”, com vestes impecáveis numa mesa farta com uma toalha linda, vinho, etc. É mais que improvável que um grupo de perseguidos pelo Império Romano tenha se reunido dessa forma, isso se a Santa Ceia tenha realmente existido ou não tenha sido um lanche, um cafezinho ou uns copos de vinho com pão, com bebedeira ou não, em algum “aparelho” usado naquele momento de clandestinidade e fuga.

A Última Ceia, de da Vinci, foi pintada a pedido de Ludovico Sforza, o Duque de Milão. Ludovico Sforza, também conhecido como Ludovico il Moro – não posso perder a piada: não deve ter sido boa coisa pelo nome e devia estar arrumando alguma boquinha no governo da época... (risos) – que foi mecenas de Leonardo da Vinci durante o tempo em que o artista viveu em

Milão. A obra foi encomendada para o refeitório do Convento de Santa Maria delle Grazie, em Milão, onde ainda pode ser vista hoje. A Última Ceia foi pintada entre 1495 e 1498 e é considerada uma das maiores obras de arte do Renascimento. Portanto, estamos diante de invenções de tradições que a Igreja se apropriou e criou, e posteriormente se espalharam por seus altares e nas paredes das casas de cristãos.

Voltando à abertura dos Jogos, se a polêmica cena se refere, como apontam, à representação de da Vinci que se tornou tradição inventada no catolicismo a partir das escrituras sagradas, faz sentido que os idealizadores da abertura façam sua releitura e pensem em inflexões dessa tradição. Acho que deram uma bola dentro criando um tensionamento para dar visibilidade àquilo que o mundo escondeu e não “dá mais para segurar, ocultar ou esconder, explode o coração” (parafraseando Gonzaguinha). Explodiu os corações de conservadores que querem “seu mundo de volta” e dos progressistas que lutam por um mundo diverso. Nesse espaço do debate, com esses freios de arrumação, poderemos pensar um mundo diferente que já se tornou visível também na classe média branca com seus filhos e filhas que desafiam a tradição quando se assumem héteros, trans, gays, lésbicas, bi e outras formas de expressão e identidades no mundo.

Se foi realmente a Santa Ceia representada na abertura dos Jogos, penso que para um leitor atento às escrituras (várias vezes reescritas ao longo dos séculos), Jesus estaria feliz, segundo o que foi escrito pelos seus apóstolos:

Mateus 11:28-30: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

João 6:37: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.”

João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

João 7:37: “E, no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba.”

Romanos 10:13: “Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”

Apocalipse 22:17: “E o Espírito e a noiva dizem: Vem. E quem ouve diga: Vem. E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida.”

Pelo jeito que narram os livros da atual Bíblia (no Novo Testamento), Jesus não discordaria da releitura na abertura dos Jogos de Paris 2024, seja ela de da Vinci ou de “A Festa dos Deuses”, no Monte Olimpo – pouco importaria. Jesus provavelmente diria que da Vinci não representa a imagem daquelas pessoas da cena na refeição e muito menos representa o sufoco que viveram naqueles dias em que, com o cerco final do Império Romano, não deve ter sido fácil e nem tranquilo se esconder naquele mundo.

Por fim, como diria meu amigo Victor Melo (no texto que repassei nas redes sociais), a abertura dos Jogos de Paris “incorporou sem parcimônia antigos e novos arranjos das linguagens – artes plásticas, cinema, literatura, dança, música, moda – colocando de forma explícita o esporte nesse quadro.” A arte serve para isso: para afetar e fazer pensar. Em conversa com Victor sobre a polêmica, ele me disse: “Os caras que bolaram a abertura devem estar felizes com o furdunço que criaram! Fizeram pra isso né? E conseguiram! No frigir dos ovos, você pode gostar ou não gostar, tá tranquilo, direito de cada um!”

P.S.: Se há algo que faltou ser representado no ritual de abertura de Paris, foi a abissal desigualdade econômica entre pessoas, povos, nações, estados e continentes nesse mundo desigual que será bem representado no quadro final de medalhas. Os ideais da Revolução Francesa, “Igualdade e Fraternidade” ainda estão longe de serem realizados, devem ser perseguidos num mundo no qual as guerras, a fome, a indignidade pública não foram debeladas para dizermos que vivemos num mundo livre, igualitário e fraterno.

¹ <https://www.inctfutebol.com.br/post/notas-sobre-a-abertura-dos-jogos-ol%25C3%25ADmpicos-escritas-no-calor-da-emo%25C3%25A7%25C3%25A3o>

² <https://www.facebook.com/100002323094894/posts/8095341157219907/?mibextid=oFDknk&rdid=IJz6TBM03rTYbJ3>

³ <https://www.gospelprime.com.br/quando-ocorreu-a-divisao-entre-antigo-e-novo-testamento-na-biblia/>

Sobre valores esportivos, rivalidades e contradições: a dupla GRENAL em evidência

Cristiano Mezzaroba, Gustavo Roese Sanfelice, Daniel Machado Da Conceição
5 de ago. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Cristiano Mezzaroba, UFS/INCT-CNPq

Gustavo Roese Sanfelice, FEEVALE/INCT-CNPq

Daniel Machado Da Conceição, NEPESC/UFSC/INCT-CNPq

COMO CITAR:

MEZZAROBA, Cristiano. SANFELICE, Gustavo. CONCEIÇÃO, Daniel. Sobre valores esportivos, rivalidades e contradições: a dupla GRENAL em evidência. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.19, 2024.

Sobre valores esportivos, rivalidades e contradições: a dupla GRENAL em evidência. © 2024 by MEZZAROBA, Cristiano. SANFELICE, Gustavo. CONCEIÇÃO, Daniel. is licensed under CC BY-NC 4.0

Sobre valores esportivos, rivalidades e contradições: a dupla GRENAL em evidência

Cristiano Mezzaroba, Gustavo Roesse Sanfelice, Daniel Machado Da Conceição
5 de ago. de 2024

Difícilmente algum(a) brasileiro(a) não se sentiu tocado diante das enchentes, inundações e grande destruição que acometeu boa parte do território gaúcho a partir de final de abril de 2024 e boa parte de todo o mês de maio. A mídia brasileira mobilizou sua estrutura e seus profissionais e fez uma ampla e, por vezes, saturada cobertura diante daquela situação em que a realidade, impactada pela resposta voraz da natureza às ações humanas, ia se apresentando por meio da chuva que não parava, da destruição que aumentava e assustava, da grande quantidade de pessoas que buscava se salvar e encontrar um abrigo para depois tratar de seguir sua vida.

Como é próprio desses momentos, de forma semelhante ao que vimos recentemente com a pandemia de Covid-19, circulam discursos que enfatizam a tomada de consciência, a solidariedade, a empatia, a união, etc. Não foi diferente com a tragédia enfrentada pelo Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre e sua região metropolitana. E, num estado em que o futebol é parte da cultura e explicita aspectos de sua historicidade combativa, que contribui para a divisão clubística dos gaúchos na formação daquilo ao qual hoje se tornou banal se referir pelo termo “polarização” (no senso comum da política, por exemplo, embora bastante errôneo, por sinal, como se houvesse uma esquerda, que é quase centro, versus uma direita, que está bem para seu extremo), o azul, representado pelo Grêmio, e o vermelho, representado pelo Internacional, não ficam de fora dos acontecimentos e reflexões.

Com toda sua estrutura impactada e comprometida para treinamentos e jogos, as duas equipes, em estratégia inédita, no dia 21 de maio, uniram-se para divulgar uma campanha para ajudar na reconstrução dos lugares atingidos pelas enchentes, com a ação intitulada “Jogando Junto – Pela reconstrução do RS”, mobilizando atletas, dirigentes (o presidente gremista, Alberto Guerra, e o presidente colorado, Alessandro Barcellos), torcedores, empresas e a mídia de forma geral. A junção das duas instituições clubísticas gerou a criação de uma imagem, na cor roxa, resultado da mescla entre o azul gremista e o vermelho colorado. Divulgou-se que as equipes iriam ceder espaços em seus uniformes e também em suas mídias sociais para dar visibilidade a empresas que participassem de ações para a

reconstrução do Estado e das pessoas afetadas. Cogitou-se, também, a possibilidade do Grêmio ceder seu centro de treinamento ao Inter, e o Inter, por sua vez, ceder o Estádio Beira Rio para jogos do Grêmio. Segundo dados do Portal Terra, na data da publicação da matéria, a estratégia já havia viabilizado o montante de R\$ 28 milhões.

Ainda sob os impactos da tragédia, pensamos: que iniciativa interessante, os dois grandes adversários que dividem com suas cores o estado quando o assunto é futebol, unidos em prol de algo maior, ainda mais em tempos de discursos de ódio e de enxurradas de desinformação e *fake news*, já que temos experienciado que as tragédias têm sido momentos para o mal se alimentar!

Com grandes dificuldades nas competições que participam, Grêmio e Inter sofrem mais que seus adversários em relação a deslocamento (é necessário considerar que o aeroporto de Porto Alegre segue sem operação e provavelmente apenas no final de 2024 voltará a operar voos normalmente), o que impacta, também, nas rendas de bilheteria e outras implicações. Até a presente data de elaboração dessas reflexões, 21 de julho, o Grêmio encontra-se na zona de rebaixamento no Campeonato Brasileiro, o Inter está na 13ª posição – embora ambos com jogos a menos; o Inter não se classificou para as oitavas de finais da Copa do Brasil e perdeu o primeiro jogo da segunda rodada na Copa Sul-Americana, necessitando vencer o jogo de volta para seguir na competição. Ou seja, não há dúvidas de que os fatores decorrentes da tragédia em Porto Alegre afetam de forma direta os dois clubes!

Passado o momento de sensibilização da tragédia, com o arrefecimento da discursividade midiática, da ideia – como também vimos com a pandemia de Covid-19 – de “volta à normalidade” da vida comum, eis que entre os dias 18 e 19 de julho surgem publicações em portais de internet informando que o Grêmio pediu emprestado o Estádio Beira-Rio ao Internacional para ter o mando de campo em Porto Alegre, e o clube colorado recusou. Segundo o Portal UOL, a justificativa para a recusa seria técnica, em função do aumento da quantidade de jogos no Beira-Rio, o que poderia danificar o gramado, além de a diretoria colorada ter sido aconselhada a não ajudar o Grêmio, em função da rivalidade.

No Portal GZH, temos a manifestação do técnico gremista Renato Portaluppi, que, em sua entrevista coletiva no dia 19 de julho, comentou: “A verdade é que ninguém quer ajudar o Grêmio. Essa é a realidade. Todo mundo, na hora da enchente, ‘ah, vamos dar as mãos’. O Grêmio pede ajuda e ninguém dá essa ajuda aí.”

Redes sociais coloradas, logo em seguida, trouxeram postagens mesclando as matérias que deram destaque ao não empréstimo do Beira-Rio ao Grêmio com a fala rápida de Renato Gaúcho, que assim afirma: “O Internacional nunca vai ter nossa ajuda, pode ter certeza disso. Nunca! Enquanto eu estiver aqui, o Internacional não vai ter ajuda do Grêmio nunca!”. Este “nunca” de Renato está contextualizado a possíveis resultados de vitória do Grêmio que beneficiaria o Internacional (em outros momentos), mas o peso da palavra se perde no ar e se recoloca no imaginário da torcida para “todas” as situações possíveis. Inclusive, reviver situações como a ocorrida em 2009, em que Internacional e Flamengo disputavam o título. Na última rodada daquele Campeonato Brasileiro, Flamengo e Grêmio se enfrentaram, um empate daria o título para o Inter, mas o rival entrou com time reserva e repleto de meninos do sub-20. No pênalti que decretou a vitória do Flamengo, o goleiro gremista nem esboçou reação para evitar o gol.

Essa rivalidade infantil, pueril e birrenta, que se reduz ao “quanto pior o outro estiver, melhor eu estou”, significa, na prática, ausência de conquistas para ambos clubes, isto é, os monumentos esportivos (títulos), mas não só: reconhecimento de elencos e atletas, recursos financeiros com patrocínios, fortalecimento do clubismo fora das fronteiras do estado gaúcho, entre outros impactos promovidos pelo êxito em campo. Essa rivalidade e egoísmo talvez explique o motivo de Grêmio e Inter, na era dos pontos corridos, não terem sido campeões brasileiros, enquanto a região sudeste acumula títulos, justificados somente pela questão econômica na montagem dos elencos vencedores.

A discussão que propomos aqui, diante desse exemplo, refere-se aos ditos valores esportivos, como, neste caso, a união, a solidariedade, a empatia. Não se trata de uma discussão clubística, porque, para conhecimento de quem nos lê, os autores são grenais (Cristiano, gremista; Gustavo e Daniel, colorados). Trata-se de evidenciar que a propagação de belos discursos, envolvendo agentes do campo esportivo e do campo midiático, como no caso da tragédia ambiental (e política!) gaúcha, no momento de crise, procura sensibilizar, mas com a vida seguindo seu curso, constatamos que se refere apenas a uma discursividade.

Não se traduz de forma efetiva em união e solidariedade (nem precisamos falar aqui sobre o universo da política) e em conscientização. Quando se fala em ajuda, remete-se a um futuro em que a decisão do tipo de ajuda que será dada está circunscrita a outro conjunto de forças (seja o desejo da torcida, ou até de dirigentes e conselhos deliberativos e de gestão). A solidariedade ou tão somente a fala sobre ela termina quando há outros interesses em “jogo”, ou seja, um valor de altruísmo e de ajuda ao próximo

(neste caso, instituições esportivas), quando se está vinculado a uma paixão clubística.

É mais um exemplo claro de que a dimensão do cotidiano, na esfera que for, é dominada por valores do capitalismo: o individualismo, a competição, a sobrepujança... e, no caso de agentes do campo esportivo, na figura do treinador gaúcho, das contradições e hipocrisias humanas. Justo ele, vangloriando-se “malandro”, que costuma dizer que não há problema tirar vantagem. Temos aí mais um exemplo do universo do futebol em relação direta com nosso modo contemporâneo de viver, sofrendo as consequências ambientais e evidenciando dimensões políticas e econômicas. Precisamos falar mais das hipocrisias que se referem aos tais “valores do esporte”! Por essa razão, o esporte, especificamente o futebol, revela nosso drama social e seu protagonista, o “homem cordial”, que atua soberano.

Referências:

Grêmio e Internacional se unem em prol do RS e lançam campanha Jogando Junto. Portal Terra, 21 de mai. 2024. Acesso em: 20 de jul. 2024.

GRÊMIO pede Beira-Rio emprestado para mando de jogos, e Inter recusa. Portal UOL, 19 de jul. 2024. Acesso em: 20 de jul. 2024.

INTER recusa pedido do Grêmio por empréstimo do Beira-Rio. GZH, 10 de jul. 2024. Acesso em: 20 de jul. 2024.

“NUNCA vai ter nossa ajuda”: Renato Portaluppi se manifesta após ser questionado sobre favorecimento ao Inter. Bolavip, 29 de jan. 2021. Disponível em: Acesso em: 21 de jul. 2024.

Mulher tem vez? - A participação de mulheres leitoras da revista Placar através da seção Camisa 12

Maria Karolinne Mello

15 de ago. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Maria Karolinne Mello é Cientista Social pela Universidade Federal de Viçosa. Mestranda no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT - UFMG).

COMO CITAR:

MELLO, Maria. Mulher tem vez? - A participação de mulheres leitoras da revista Placar através da seção Camisa 12. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.20, 2024.

Mulher tem vez? - A participação de mulheres leitoras da revista Placar através da seção Camisa 12 © 2024 by Maria Karolinne Mello is licensed under CC BY-SA 4.0

Mulher tem vez? - A participação de mulheres leitoras da revista Placar através da seção Camisa 12

Maria Karolinne Mello

15 de ago. de 2024

A revista Placar foi criada em março de 1970, consolidando-se como a revista esportiva de maior circulação no país (Rocco; Belmonte, 2014). Por meio de edições semanais e comemorativas, publicou, ao longo dos anos, centenas de capas. Durante mais de cinco décadas de atividade, passou por diversas transformações, entre elas, a inserção de um teor crítico em suas publicações nos anos 80 e a conversão de suas publicações semanais para mensais na virada dos anos 90 (Saldanha, 2009).

Sua estrutura era composta por várias colunas escritas por diversos jornalistas influentes, sendo conhecida também por suas seções. A Camisa 12 foi uma delas, sendo observada na revista durante as décadas de 70 e 80. Sob o comando do personagem fictício Capu, era destinada à troca de correspondências entre seus leitores. Dessa maneira, incentivava a sociabilidade entre torcedores de diversas regiões do Brasil. Tal característica pode ser observada através de seu lema “A torcida entra em campo e mostra o seu jogo”. Durante os anos, a seção sofreu diversas transformações, sendo que, em períodos de maior visibilidade, chegou a ganhar três páginas exclusivas na revista (Mello, 2024).

Além disso, outras características da Camisa 12 devem ser destacadas, como, por exemplo, a publicação de figuras de futebol de botão em quase todas as suas edições, palavras-cruzadas futebolísticas, escudos de times sob pedido dos leitores e uma subseção destinada à troca de cartas, selos, flâmulas e revistas. Outras subseções da Camisa 12 são: Lugar ao Sol, Minha Opinião, Você & o Ídolo, Boca no Trombone, Dica de Graça, Alô Mamãe, entre outras (Mello, 2024).

Sendo identificada como uma “revista masculina”, a participação das mulheres se deu de maneira acanhada e caricata. Através de sua linguagem, humor, fotos e colunistas, a Placar reproduzia diferentes valores que reafirmaram a influência dos homens nesse esporte (Saldanha, 2009), não à toa, a grande maioria dos leitores identificados nas cartas enviadas a Camisa 12 eram homens. Perpassado pelas disputas presentes nesse meio, “o futebol é entendido como produtor de práticas culturais e, por vezes, reproduzidor de práticas sociais enraizadas” (Januário, 2019, p. 17).

Na década de 70, as cartas publicadas enviadas por mulheres podem ser identificadas de duas maneiras. Primeiramente, há um grande número de cartas de leitoras criticando a postura de seus clubes, dirigentes e jogadores. Tal representação pode ser observada na edição de nº 55, em 1971, em que uma torcedora do Flamengo faz duras críticas ao treinador Yustrich. Outro exemplo é observado em 1978, na edição de nº 417, quando a carta de uma leitora é publicada. Nela, a torcedora critica quem invade as partidas de futebol e, segundo ela, acaba com a magia do jogo.

Além disso, por outro lado, muitas cartas eram em formas de elogios: aos seus clubes, a jogadores, aos editores da Placar. Tais discussões também foram observadas em forma de pedidos para que a revista publicasse imagens dos jogadores que possuíam suas belezas exaltadas pelas leitoras, além de destacar suas atuações em campo. Um exemplo pode ser observado na edição de nº 16, em 1970, em que a Placar publicou uma série de cartas de leitoras pedindo fotos do jogador Rivelino, solicitando também que a revista publicasse o endereço do atleta.

Um forte aumento em tal característica foi observado durante o início da década de 80, quando torcedoras se mobilizaram para conseguir votos para o concurso que buscava eleger o Craque Sexy do Brasil. Em diversas edições, leitoras enviaram cartas pedindo votos para os seus jogadores favoritos e incentivando a torcida por sua vitória. Essa característica foi aproveitada pela revista ao aplicar piadas machistas, sugerindo que as mulheres só se interessavam pelo futebol devido à beleza dos jogadores. Lamentavelmente, tal prática preconceituosa era apoiada pelas próprias leitoras nas edições seguintes.

Além disso, durante todo o período de existência da seção *Camisa 12*, as mulheres apareceram nas subseções *Correios e Escreva Para*. Divulgando seus endereços, tais leitores buscavam trocar correspondências com torcedores de seus clubes ou que residiam em suas regiões. Uma subseção chama a atenção ao ser identificada como um espaço exclusivo para as mulheres, sendo intitulada como *Mulher tem vez*. Sob o lema “Tem mulheres no pedaço. Aqui na *Camisa 12*, toda bola pra elas!”. Diversas cartas escritas por mulheres eram divulgadas e, principalmente, discussões sobre o futebol feminino eram frequentes.

A primeira menção ao futebol feminino na seção *Camisa 12* ocorreu na edição de nº 233, em 1974, em que a leitora Maria Inês Eduardo escreve: “os homens morrem de medo de que tomemos os seus lugares [no futebol], por isso nos mandam para o tanque”. Outras cartas em apoio ao futebol feminino foram localizadas nas edições de nº 533, 534, 535, 540 e 648, também nos anos 80.

Leitoras expunham as dificuldades em praticar o futebol no Brasil enquanto sua prática era ilegal, uma proibição que perdurou por 40 anos. Além disso, elas buscavam patrocinadores, jogadoras, apoiadores e equipes de futebol feminino para que se iniciasse um campeonato dessa modalidade no país. Por meio de pedidos para que a revista publicasse o nome das jogadoras e suas respectivas equipes, elas ampliavam as discussões sobre a temática. Segundo Goellner (2021, p. 2), “a presença das mulheres nas mais diferentes ocupações e manifestações do futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu”.

Ademais, também foram observadas publicações de cartas que continham a indignação de outras mulheres sobre os problemas enfrentados ao adentrar em um ambiente masculino, como o futebol. Denunciando o teor sexualizado com que as mulheres e, principalmente, as torcedoras eram representadas nas páginas da revista Placar.

Nos anos 90, esse ambiente disponibilizado aos torcedores se desfez por completo, visto que não foi encontrado em nenhuma edição. O fim da seção Camisa 12 não teve explicações por parte da revista, mas podemos imaginar que tenha ligações com o início da marginalização sofrida pelos torcedores organizados. Tal problemática também foi observada nas próprias páginas da revista, alimentando tal exclusão. Durante a sua fase “Futebol, Sexo e Rock and Roll”, nos anos 90, a revista Placar passou a distanciar-se das torcidas organizadas (Saldanha, 2009). E, logo, uma de tais medidas foi eliminar o seu espaço dentro da revista.

Ainda assim, é necessário ressaltar que a revista continuou com outras seções de cartas em suas páginas destinadas aos seus leitores, porém com um teor menos participativo, principalmente para as mulheres. Restringindo-se à oportunidade de trocar edições da revista, descobrir curiosidades do futebol e também para a publicação de correspondências com teor humorístico.

Por fim, é crucial ressaltar o importante papel que essa seção teve para as mulheres. Ao se tornar um espaço de interação, sociabilidade e divulgação das torcidas, possibilitou que discussões provenientes dos anseios e críticas das leitoras fossem divulgadas. Além de disponibilizar um espaço para que a discussão sobre o futebol feminino tomasse forma. Infelizmente, ao longo de sua trajetória, a revista Placar apoiou timidamente essa modalidade, tal problemática pode ser observada no fato de que sua primeira capa com uma jogadora de futebol feminino só ocorreu em 2019 (49 anos após a criação da revista). Dessa forma, pode-se questionar se as mulheres realmente tiveram vez na revista Placar.

Referências Bibliográficas:

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. Movimento, Porto Alegre, v. 27, jan./dez. 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

MELLO, Maria Karolinne Rangel de. “Camisa 12”: um espaço de sociabilidade e paixão clubística na revista Placar. Ludopédio, São Paulo, v. 178, n. 32, 2024.

PLACAR, edição nº 16. São Paulo: Editora Abril, 1970.

PLACAR, edição nº 55. São Paulo: Editora Abril, 1971.

PLACAR, edição nº 233. São Paulo: Editora Abril, 1974.

PLACAR, edição nº 417. São Paulo: Editora Abril, 1978.

PLACAR, edição nº 530. São Paulo: Editora Abril, 1980.

PLACAR, edição nº 648. São Paulo: Editora Abril, 1982.

ROCCO JUNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da revista Placar. In: Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, p.1-15, 2014.

SALDANHA, Renato Machado. Placar e a produção de uma representação de futebol moderno. 2009. 101 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

E as bets? Devemos proibir pobres do Bolsa Família de apostarem?

Carmen Rial

2 de out. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Carmen Rial é Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. E as bets? Devemos proibir pobres do Bolsa Família de apostarem? Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.27, 2024.

E as bets? Devemos proibir pobres do Bolsa Família de apostarem? © 2024 by RIAL, Carmen. is licensed under [CC BY-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

E as bets? Devemos proibir pobres do Bolsa Família de apostarem?

Carmen Rial

2 de out. de 2024

Até setembro de 2017, eu nunca tinha parado para pensar na importância das apostas esportivas. Muito menos no perigo delas. Isso aconteceu pela primeira vez em um jantar. Peço licença aos leitores e leitoras para contar essa história usando um “nariz de cera”¹, como dizem os(as) jornalistas. Ela aconteceu em setembro de 2017, quando eu estava em Atenas participando de um evento organizado por um grupo de historiadores de futebol da Harvard University². O evento foi patrocinado pelo dono do Olympiacos, um dos maiores times de futebol da Grécia³. Tudo muito chique. Limosine nos levando do aeroporto a um hotel cinco estrelas – viajei no carro com o sociólogo Richard Giulianotti⁴, conversando sobre futebol e o nordeste brasileiro, que ele conhecia bem. Sala para as apresentações no interior do estádio com um café que tinha mais opções que o Starbucks. Ônibus para tours na cidade e visita guiada ao Parthenon e ao Museu Arqueológico – que havia sido inaugurado há pouco tempo e foi fechado para que o visitássemos sem a massa de turistas.

O irônico é que eu tinha feito pesquisa de campo em Atenas uns cinco anos antes. Na época, fui ao mesmo estádio do Olympiacos sem ter tido meu acesso liberado para visitá-lo ou fazer qualquer entrevista – ainda assim, subi no elevador e percorri os corredores luxuosos que dão para os camarotes, antes de um vigia vir me caçar⁵. E agora, éramos recebidos com tapete vermelho. Minha apresentação foi assistida por ninguém menos que dois futebolistas campeões mundiais: Karembeu e Lilian Thuram.

Na última noite, fui a um evento de coquetel e jantar na cobertura do Museu, com os convidados em traje de gala e vista para o Parthenon iluminado. Entre um salgadinho e outro, conversei animadamente com um senhor que me pareceu muito simpático. Depois, ele foi chamado a discursar para abrir o jantar, antes do desfile de garçons e bandejas. Foi então que descobri que ele era ninguém menos que John Boehner, um ex-presidente do congresso (the Speaker of the House) dos Estados Unidos! No jantar, se pudesse escolher, eu teria sentado ao lado de um(a) dos(as) colegas dos diversos países presentes. Ou com Karembeu, com quem tinha passado bons momentos durante os dias do Colóquio – ele apaixonado pelo Brasil. Mas, claro, jantares assim têm lugares marcados nas mesas. E acabei sentada entre dois desconhecidos, o que, às vezes – e foi o caso – pode ser muito mais produtivo para quem pesquisa. Já tinha aprendido muito no

trajeto ao Parthenon por ter sentado, ao acaso, ao lado de um advogado que estava negociando a compra de um clube da Primeira Liga Inglesa para o dono do Olympiacos – mas isso é tema para outro momento.

Conversa vai, conversa vem na mesa de jantar, e acabei descobrindo que um dos meus colegas próximos, um jovem pai, era, na verdade, um dos maiores patrocinadores do clube e proprietário de uma casa de apostas. Como antropóloga que sou, fui fazendo perguntas, e ele me explicou em detalhes como funcionava uma bet. Ele também contou sobre a sua história de vida: um simples programador empregado por uma bet que se deu conta de quanto era lucrativo o setor e resolver abrir a sua própria “empresa”.

Não esqueço a resposta que me ele deu quando lhe perguntei qual era o maior problema que ele enfrentava – já que ele só falava coisas boas sobre o negócio. Como em todas as perguntas, eu tinha respostas hipotéticas: dificuldades com a internet, a rotatividade de empregados (já que ele mesmo tinha saído de uma firma), falhas no sistema. Mas o que ele disse foi completamente inesperado, e eu nunca esqueci: “O maior problema? São os viciados em jogos”. Ora, como qualquer corporação capitalista, a dele deveria querer fidelizar clientes, deveria considerar uma boa ter pessoas que usassem a empresa o máximo possível. E, no entanto, ele estava apontando isso como um problema. Os viciados em jogos eram quem se endividava para jogar. Os que perdiam casas, automóveis, faziam empréstimos em bancos, arruinavam-se apostando em possíveis vencedores de jogos, em esperados cartões amarelos, em improváveis pênaltis ou num número de escanteios que só sua imaginação vislumbrava.

Talvez isso fosse um problema por conta de sua consciência pesada por ser responsável por tanta desgraça, pois até os capitalistas mais obstinados em obter lucro devem ter uma. Não descarto isso. Mas certamente os processos judiciais que tinha que enfrentar por conta desses “viciados em jogos” importavam muito. De qualquer modo, eu que sou do tempo dos cartões perfurados de uma loteria esportiva promovida pela Caixa Econômica Federal e até já apostei nela – poucas vezes, é verdade –, desde essa noite passei a olhar com muita desconfiança para os sites de jogos.

Voltando para o presente, tem sido um choque ver a rápida ascensão das bets no Brasil, país onde cassinos são proibidos, e o “jogo do bicho” sempre foi clandestino – ainda que considerado uma das poucas coisas sérias e confiáveis no país⁶. As bets entraram sem a poesia da nomenclatura totêmica dos animais associados aos números, sem “o universo onírico como parte de uma loteria popular que destemidamente reintegrava o ‘primitivo’ e o mágico com o racional e o utilitário” (DaMatta; Soárez, 1999, p. 31). Vieram

vestidas de modernidade, com nome em inglês. Muitas delas transnacionais e com sede em outros países. Associadas a aplicativos (os ditos “apps”), requerendo que o usuário tenha celular ou computador e domine o sistema de apostas. Ou seja, tudo muito diferente do brasileiríssimo jogo do bicho, em que se apostava na banca da esquina ou da antiquada Loteria Esportiva.

As apostas esportivas entraram pela porta dos fundos, nos últimos dias do governo do golpista Michel Temer⁷, e não foram regulamentadas, como o previsto no decreto assinado por ele, durante o desgoverno do inominável. Entraram como um tsunami lento, e hoje já são 520 registradas e mais 56 que operam no Brasil sem registro, na semilegalidade⁸, numa farra que tem data para acabar: outubro de 2024.

O governo e o congresso se apressam para chegar a uma lei que resolva os problemas todos que as bets trouxeram, entre eles, o apontado pelo meu companheiro de mesa na cobertura do Museu Arqueológico de Atenas, o de como impedir que os viciados no jogo joguem.

Países que convivem com as bets há mais tempo, como a Inglaterra, sabem que esse é um problema público grave, pois impacta o sistema de saúde pública ao afetar milhares. Um relatório produzido pelo National Centre for Social Research e pela University of Glasgow descobriu que 2,5% dos adultos britânicos enfrentaram problema com jogos, oito vezes mais do que se pensava anteriormente. Mas a taxa estimada de “problem gambling” foi de 4,1% para aqueles que jogaram durante o último ano⁹. E há jogos piores ainda do que os esportivos. A pesquisa mostrou que 24,5% dos entrevistados que jogaram em caça-níqueis online no ano passado tiveram sinais de vício (“problem gambling”), quase seis vezes mais alto do que a taxa de todos aqueles que jogaram no mesmo período.

E no Brasil?

As pesquisas do Banco Central (BC)¹⁰ e do Datafolha divulgadas nesta semana acrescentaram mais dados e abrem uma polêmica. A do Datafolha mostrou que 15% da população brasileira apostaram pelo menos uma vez no último ano. E que as pessoas gastam 20% do salário-mínimo em apostas.

A pesquisa do BC, que respondeu a uma demanda do senador Omar Aziz (PSD-AM) foi além: analisando as transferências por Pix, o BC concluiu que entre 18 a 21 bilhões são investidos mensalmente por brasileiros em apostas esportivas. O BC identificou 24 milhões de apostadores, os tais 15% da população, mas o que chamou a atenção e mereceu as manchetes (e uma suposta “irritação” de Lula) foi o fato de que 5 milhões entre os apostadores são beneficiários do Bolsa Família, sejam eles titulares ou familiares¹¹.

Apenas no mês de agosto, 3 bilhões de reais do Bolsa Família (BF) teriam sido usados para apostas em bets. Ou seja, um quinto dos recursos destinados mensalmente pelo governo ao programa está sendo usado para apostas e não para cobrir as despesas básicas das famílias situadas abaixo da linha de pobreza. Se as pesquisas forem confiáveis, parte dos nossos impostos estariam enriquecendo os donos das empresas de bet, aqui e no exterior.

Flávia Oliveira, jornalista do Grupo Globo, interpelou a pesquisa indicando que o valor do Bolsa Família é, em média, R\$ 684,27. Se foram 3 bilhões gastos em bets, isso dá 600 reais por pessoa que recebe o BF, ou seja, ou todos os recebedores do BF jogaram ou pode ter havido apropriação de CPFs para “lavar” dinheiro.

[...] não dá para cravar, até aqui, se foram eles mesmos que jogaram ou se seus CPFs foram usados por criminosos em operações indevidas para lavagem de dinheiro. Não é incomum ver dados de beneficiários de programas sociais em registros de imóveis, empresas e até doações eleitorais. Muitas vezes, sem que eles saibam. É importante que não sejam estigmatizados, criminalizados ou prejudicados por ser vítimas de vício ou do crime. (Oliveira, 2024)

Lavagem de dinheiro não é privilégio apenas das bets. Lembro bem do escândalo dos congressistas (entre outros) que, na época de ouro da Loteria Esportiva, compravam apostas ganhadoras como meio de “lavar” dinheiro de corrupção.

O tema é realmente sério. Devemos nos questionar – e espero que pesquisas etnográficas sejam realizadas em breve – qual o impacto dessas apostas para as camadas mais pobres da população. E qual o seu significado. Será que o fato de muitos brasileiros se considerarem especialistas em futebol está jogando contra eles? Estaria uma parte importante desses apostadores (22%) vendo as apostas esportivas como forma de investimento, como mostra outra pesquisa, a da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima)? Seriam, de fato, as maiores motivações para as apostas: ganhar dinheiro rápido em um momento de necessidade (40%); ganhar uma grande quantia de uma vez (39%); e só por último a diversão (26%)¹²?

O que fazer – como já diria o conhecido líder bolchevista?

As bets representam hoje uma mina de ouro para os cofres públicos – com os bilhões arrecadados com os impostos vindos dos jogos –, para as

empresas jornalísticas, para a CBF – que nomeou nosso principal campeonato com o nome de uma delas –, e para os próprios clubes – que as têm como patrocinador master.

Sem proibir, a regulamentação por parte do Estado se faz urgente. A Inglaterra pode servir de inspiração – como já serviu quando criamos o Sistema Único de Saúde, o PHE servindo de modelo para o nosso ISSN. Ela deve levar em conta dimensões econômicas, sociais e de saúde. Uma regulamentação que não pode ser tuteladora dos mais pobres, das camadas baixas economicamente.

O Estado não pode dizer onde os favorecidos pelo BF devem gastar o seu dinheiro – algo parecido foi tematizado quando se instaurou o programa e se discutiu se o cartão deveria poder ser usado apenas para a aquisição de alimentos. Decidiu-se acertadamente que os recursos poderiam ser usado onde fossem mais necessários. O que não significa que não devemos ligar o sinal de alerta, pois é muito grave que uma parcela significativa dos recursos da BF estejam sendo usada em apostas esportivas.

A regulamentação governamental deveria mirar na oferta. Impedir que as 56 empresas atualmente atuando fora do controle do BC e que movimentaram a maior fatia dos bilhões arrecadados continuem operando. Deveria visar também a publicidade, até agora sem nenhum controle, com os nossos ídolos futebolistas incentivando o jogo sem passar as informações do perigo desses. Deveria alertar dos perigos do vício do jogo, o que não fazem grande parte dos jornalistas esportivos de múltiplas empresas, que aceitam o dinheiro que vem de bets sem nenhum pudor. E deve, especialmente, colocar em ação mecanismos de prevenção à lavagem de dinheiro.

Não se trata de proibir, mas de agregar informações¹³, como quando se passou a obrigar a difundir imagens tenebrosas nas carteira de cigarro, que podem não ter resolvido o problema do tabagismo, mas provavelmente levou alguns a pensarem duas vezes antes de começar a fumar.

Notas:

¹ *Nariz de cera, no jornalismo, é um trecho de introdução que não entra diretamente no assunto do texto.*

² *O evento “Reinforcing, crossing, and transcending borders: soccer in a globalized world”, ocorreu em Atenas (Grécia), nos dias 4 e 5 de setembro de 2017.*

³ *O dono do Olympiacos era um dos mais ricos armadores gregos, ficava atrás apenas do Onassis.*

⁴ Richard Giulianotti, sociólogo, é professor na Loughborough University, Reino Unido. Integra o Conselho Internacional do INCT Futebol.

⁵ É verdade que me foi indicado o escritório do clube, onde eu poderia ir para ter a autorização para os contatos, mas não deu tempo de ir lá. Em compensação, fui ao escritório do rival, o Panathinaikos, onde pude entrevistar os quatro futebolistas brasileiros que atuavam lá, visitando o centro de treinamento, secretários, tradutores, e até ter acesso a contratos (Rial 2015).

⁶ O que é uma falácia. Veja aqui: <https://carloswagner.jor.br/blog/jogador-compulsivo-e-questao-da-saude-publica-funcao-do-governo-e-regular-os-jogos-online/>

⁷ Segue a cronologia desse processo, segundo Estudo I (2024):

- 12 de dezembro de 2018: Temer sanciona a lei de apostas esportivas com cota fixa (o apostador sabe de antemão quanto receberá se vencer a aposta) prescrevendo sua regulamentação em até 4 anos.
- Março de 2022: Ministério da Economia envia decreto para a Casa Civil com a regulamentação.
- Dezembro de 2022: o prazo se encerra e o inominável não assina o decreto.
- 11 de maio de 2023: Lula envia ao congresso decreto com a regulamentação. Prevê sede no Brasil e o pagamento de 30 milhões de reais para operar.
- 22 de dezembro de 2023: Câmara aprova a regulamentação do governo.
- 29 de dezembro de 2023: Lula sanciona a regulamentação das apostas
- 23 de fevereiro de 2024: Fazenda publica primeira (já são 19) portarias que regulamenta as apostas
- 1 de outubro de 2024: Prazo limite para as empresas se cadastrarem
- 1 de janeiro de 2025: Regulamentação passa a valer para no Brasil.

⁸ E são essas que abocanham a fatia maior das apostas, como afirma Oliveira (2024): “Este último grupo [o das empresas operando sem CNPJ] recebeu, apenas em agosto, R\$ 20,8 bilhões, mais de dez vezes o valor arrecadado pelas loterias (R\$ 1,9 bilhões) e quase 70 vezes o volume de Pix das empresas de jogos e apostas corretamente classificadas (R\$ 300 milhões)”

⁹ Nos últimos anos, a preocupação com os danos associados ao jogo tem aumentado e, em março de 2018, o Public Health England (PHE), o INSS da Inglaterra, confirmou em documento como uma das prioridades do PHE os jogos e a necessidade de que “informasse e apoiasse ações sobre danos relacionados ao jogo como parte do acompanhamento da revisão de máquinas de jogos e responsabilidade social liderada pelo Departamento de Digital, Cultura, Mídia e Esporte”. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/publications/gambling-related-harms-evidence-review/gambling-related-harms-evidence-review-summary--2>>. Acesso em: 29 de set. 2024.

¹⁰ Não consegui acesso direto ao relatório do BC, por isso, tive que usar fontes secundárias.

¹¹ Outras pesquisas são ainda mais eloquentes: “Um levantamento produzido pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) indica que as bets, como ficaram conhecidas as plataformas virtuais de apostas esportivas, podem gerar um prejuízo anual de R\$ 117 bilhões aos estabelecimentos comerciais do país. Os resultados do estudo, divulgados na última semana, mostram ainda que, entre junho de 2023 e junho de 2024, os brasileiros gastaram R\$ 68 bilhões em apostas nas bets. O montante representa 0,62% do Produto Interno Bruto (PIB) do país e 0,95% do consumo total no período” (Rodrigues 2024).

¹² Mais informações em: <<https://www.infomoney.com.br/onde-investir/14-da-populacao-brasileira-apostou-ao-menos-uma-vez-em-2023-mais-ricos-apostam-mais/>>. Acesso em: 29 de set. 2024.

¹³ Outros têm se pronunciado assim, como é o caso de Schwartzman (2024).

Racismo, futebol e castas: o caso Vinicius Jr.

Antônio Jorge Gonçalves Soares

28 de out. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Antônio Jorge Gonçalves Soares: é Professor Visitante da UFRN; Professor Titular da UFRJ e membro do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SOARES, A. J. G. Racismo, futebol e castas: o caso Vinicius Jr. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.30, 2024.

[Racismo, futebol e castas: o caso Vinicius Jr.](#) © 2024 by [Antônio Jorge Gonçalves Soares](#) is licensed under [CC BY-NC 4.0](#)

Racismo, futebol e castas: o caso Vinicius Jr.

Antônio Jorge Gonçalves Soares

28 de out. de 2024

Vinicius Jr., brasileiro que joga pelo Real Madrid, tem sido reiteradamente vítima de ações racistas durante uma partida de futebol. Não vou aqui descrever os detalhes do fato que foi amplamente divulgado pelas mídias. Um, dois ou mais torcedores do Valencia, à beira campo, protagonizaram ações racistas, através de gestos e falas, comparando grotescamente Vinicius Jr. a macacos. Essa não foi a primeira vez que Vinicius teria sido alvo desse tipo de agressão racista e gratuita. Sua reação foi forte, esbravejou e agiu solicitando a interrupção do jogo. A partida de jogo transcorreu num clima tenso que culminou na sua expulsão ao final dela.

Mesmo após a repercussão do episódio em escala global, os dirigentes do futebol espanhol tentaram minimizar o fato, mas tiveram que recuar, anular a suspensão do jogador e assumir a bandeira do antirracismo. Poderíamos listar outros episódios de ações racistas de torcedores que jogaram bananas no campo, ou mesmo de jogadores que tentam desestabilizar os adversários com ofensas do mesmo tipo ou homofóbicas. Mas, a questão que nos interessa aqui é entender a configuração desse esporte e quais significados se exprimem nessas manifestações racistas durante a competição.

O futebol se conformou como espaço de expressão da masculinidade ou como coito privado masculino, como disse Eric Dunning. Tal como outros esportes de invasão de território, este também se caracteriza como um jogo que mimetiza a guerra. O futebol seria uma “guerra de infantaria” que demanda avanço no território do adversário, já o voleibol se assemelharia à “guerra de artilharia” por jogar seus mísseis no território do adversário sem invasão, assim pensava Artur da Távola. Não é à toa que parte da gramática do próprio esporte, inclusive da mídia e dos torcedores, utiliza termos associados à guerra. O modelo disponível de guerra que temos se dá entre estados ou nações, assim, também as identidades coletivas são acionadas para combater o adversário no esporte que, certas vezes, é visto como inimigo. Na guerra, há normas que regulam esse tipo de confronto entre estados-nação ou nações, mas sabemos que elas nem sempre não são obedecidas e temos em nossa história as maiores atrocidades protagonizadas pelos humanos. Para além da estrutura e da gramática que configura o esporte, o equilíbrio psicológico diante do adversário se torna fundamental para que as táticas e os desempenhos técnicos e físicos

tenham eficácia.

Faço esse movimento para dizer que as expressões e agressões racistas no futebol poderiam ser lidas como uma das formas utilizadas, por jogadores em campo ou torcedores, para desestabilizar o adversário; associado a isso poderia se dizer que tais agressões expressam a masculinidade guerreira mimetizada no futebol. Para além do fato que tais ações racistas possam ser afloradas pelos elementos que configuram uma tensa competição, o clima do jogo não justifica ou atenua que o racismo surja como estratégia para agredir ou desestabilizar jogadores em função da cor da pele.

O futebol moderno, como uma espécie de contrato social “perfeito”, coloca, em tese, todos em pé de igualdade diante das regras do jogo. O futebol é, assim por dizer, um tipo de ritual disjuntivo, pois, iguala para diferenciar. Historicamente, pretos e/ou pobres foram segregados do futebol dos grandes clubes, mas esse esporte rapidamente se popularizou, se profissionalizou e tornou-se parte da indústria do entretenimento. Com isso não pôde prescindir dos talentos oriundos das camadas populares. Além disso, os esportes, e o futebol principalmente, sempre fizeram parte de um mercado de apostas, assim, em muitos casos os preconceitos de raça e classe eram secundarizados em favor do desempenho das equipes. De fato, o alto desempenho é um dos principais valores da competição esportiva e configura a estrutura desse fenômeno. Desta forma, a seleção de talentos e virtuosos no futebol, independentemente da cor da pele, permitiu que negros e outras etnias localizadas na base na pirâmide social tivessem acesso a esse tipo de profissão, mesmo antes de sua legalização. Poder-se-ia perguntar: como um esporte que se populariza, permite mobilidade econômica para negros e/ou membros das classes populares, valoriza financeiramente o alto desempenho, está estruturado num contrato social, permite que agressões racistas apareçam aqui e acolá? Como jogadores negros que estão no topo carreira esportiva, se tornaram milionários e famosos pela competência técnica e física que apresentam nos gramados, ainda são vítimas de racismo numa sociedade de classes?

Como sabemos, as promessas das democracias liberais, que os indivíduos seriam medidos e recompensados por seus méritos e competências, independente da origem, cor da pele, do corpo, não se cumpriram para muitos grupos sociais. Temos uma longa história de luta para que origem social, parentesco, religião e cor da pele não sejam adscrições que definam privilégios ou lugares dos indivíduos e grupos na estratificação social. Devemos ter consciência que a sociedade de classes não conseguiu romper com a estrutura de castas presentes no velho mundo. As estruturas de casta e de classe convivem em nossa cultura. Se, economicamente, pode haver mobilidade para negros, isto não significa que deixem de ser encarados

como aqueles que pertencem às castas mais baixas na sociedade. Na estrutura de castas não há mobilidade, o status está definido no nascimento e/ou pela materialidade do corpo. Assim, as castas baseadas na cor da pele tomaram pretos e pretas como impuros, brancos e brancas como sinais de pureza e transformaram os corpos com cor, com matizes de cor entre os extremos em castas intermediárias. Isso significa que quando um negro está no alto da pirâmide intelectual ou econômica, a gramática da casta deve lembrar que ele está no lugar errado. Negros, mesmo com contas bancárias recheadas de dólares ou euros, não são poupados de diferentes constrangimentos no espaço público. Ser negro é ainda uma adscrição de perigo em nossas democracias liberais.

Campeãs e ativistas: jogadoras do Corinthians confrontam Conmebol

Mariane da Silva Pisani

14 de nov. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Mariane da Silva Pisani é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Interseccionalidades (ANTROPOS). É vice-coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

COMO CITAR:

PISANI, MARIANE. Campeãs e ativistas: jogadoras do Corinthians confrontam Conmebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.32, 2024.

[Campeãs e ativistas: jogadoras do Corinthians confrontam Conmebol.](#) © 2024 by [PISANI, MARIANE.](#) is licensed under [CC BY-NC 4.0](#)

Campeãs e ativistas: jogadoras do Corinthians confrontam Conmebol

Mariane da Silva Pisani

14 de nov. de 2024

Jogadoras do S.C. Corinthians

Fonte: Instagram



No dia 19 de outubro de 2024, o Sport Club Corinthians Paulista conquistou pela quinta vez a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino. Em contraste com a Libertadores de Futebol Masculino, que ocorre desde o ano de 1960, o torneio das mulheres teve início apenas em 2009. Portanto, um hiato de quase cinquenta anos separa as duas competições. A Libertadores de Futebol Feminino soma até hoje dezesseis edições, das quais treze foram vencidas por equipes brasileiras: Corinthians, com cinco títulos (2017, 2019, 2021, 2023 e 2024); São José, com três (2011, 2013 e 2014); Santos, com dois (2009 e 2010); Ferroviária, também com dois (2015 e 2020); e Palmeiras, com apenas uma vitória, em 2022.

Por um lado, ainda que evidente, sublinho a qualidade do futebol feminino brasileiro, especialmente daquele praticado no estado de São Paulo, uma vez que todas as equipes brasileiras vencedoras na competição são paulistas. Por outro lado, também destaco as conquistas de outros times latino-americanos como o Colo-Colo (Chile), em 2012, o Sportivo Limpeño (Paraguai), em 2016, e o Atlético Huila (Colômbia), em 2018, que deixaram suas marcas na competição.

A hegemonia das vitórias brasileiras na Libertadores de Futebol Feminino expõe alguns contrastes entre os investimentos destinados ao futebol de mulheres no Brasil em relação aos contextos de recursos limitados em outros países.

No Brasil, apesar de o futebol praticado por mulheres ter sido proibido por lei entre os anos de 1941 a 1979, as primeiras ligas profissionais começaram a ser disputadas ainda nos anos 1980. É o caso da Taça Brasil de Futebol Feminino, realizada entre os anos de 1983 a 1989. Da década de 1980 ao início dos anos 2000, houve algumas mudanças no nome do campeonato nacional de futebol feminino, sendo que, no ano de 2007, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) inaugurou a Copa do Brasil de Futebol Feminino. Somente em 2013, tivemos a primeira edição do que conhecemos hoje como Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Já nos casos do Paraguai, Chile e Colômbia, as ligas profissionais de futebol feminino possuem menos tempo de realização, uma vez que começaram a ser disputadas somente a partir dos anos de 1999, 2008 e 2017, respectivamente.

Pouco a pouco, o futebol feminino vem ganhando visibilidade e relevância em toda a América Latina. Contudo, ainda enfrenta desafios estruturais que são significativos. As jogadoras da modalidade, por sua vez, vêm denunciando, sistematicamente, que o esporte precisa de melhores condições, visibilidade e reconhecimento.

Alguns exemplos, ocorridos durante a Libertadores Feminina de 2024, ilustram essa questão. No mês de julho, uma rodada do campeonato foi cancelada devido a um surto de intoxicação alimentar, situação que já havia ocorrido em outra edição do campeonato, no ano de 2017. Da mesma forma, no início de outubro, ainda durante o campeonato, a jogadora corinthiana Gabi Zanotti usou suas redes sociais para denunciar, através de fotos e vídeos, as condições precárias dos ônibus que transportavam as atletas aos jogos.

Esse cenário de descaso foi exposto de maneira mais enfática pelas próprias jogadoras do Corinthians que, logo após a conquista do campeonato, publicaram um vídeo de protesto em suas redes sociais direcionado à Conmebol, organizadora da competição. No vídeo de trinta segundos, todo o elenco se manifesta:

Ganhamos, mas nem tudo é festa. Mudança de sede de última hora, falta de divulgação, campos ruins, risco de lesões, apenas vinte atletas inscritas, jogos de três em três dias, estádios vazios, proibidas de aquecer no campo de jogo, estruturas precárias. Isso é uma falta de respeito! Inadmissível! Não só com o Corinthians, mas com todas as atletas, todos os clubes, todos os países. Queremos respeito para crescermos juntas!

Esta não foi a primeira vez que as jogadoras do Corinthians recorreram às

redes sociais para expor seu descontentamento com a estrutura machista do futebol que insiste em violentar – seja de maneira física ou simbólica – os corpos e as subjetividades das mulheres. Em abril de 2023, quando o Corinthians contratou o técnico Cuca, até então acusado e condenado pela justiça suíça por estupro de uma menor de idade, as jogadoras protestaram, afirmando que o slogan #RespeitaAsMinas, muito utilizado pelo Corinthians, “não é uma frase qualquer”. Poucos dias depois dessa manifestação das jogadoras, e também devido às pressões de torcedores e torcedoras, Cuca rescindiu contrato com o clube, alegando que acionaria seus advogados para revisão do caso. Em janeiro de 2024, a justiça suíça anulou sua condenação.

A partir dessas duas ações das jogadoras do Corinthians, é possível perceber como as redes sociais vêm se afirmando enquanto espaço estratégico para o que podemos chamar de ativismo esportivo. Especialmente quando as situações vivenciadas pelos atletas envolvem violências de gênero ou étnico-raciais – é o caso do jogador Vini Jr., que utiliza suas redes sociais para denunciar questões de racismo no futebol. No contexto do futebol feminino, em que os espaços tradicionais de mídia e atenção institucional são muitas vezes limitados, redes como Instagram, Twitter e TikTok permitem que as jogadoras levem suas demandas diretamente ao público, sem mediações ou filtros.

Assim, o vídeo veiculado pelas jogadoras do Corinthians logo após a final da Libertadores Feminina de 2024 evidencia a estrutura precária da competição e revela a urgência de políticas de apoio e desenvolvimento para o futebol feminino em todo continente, especialmente por parte das principais instituições que regulam a modalidade. Aliás, é importante destacar que a América Latina é um território que carrega, até os dias de hoje, as marcas históricas dos seus violentos processos de colonização. Neste continente, que é marcado por tantas desigualdades de raça e de classe, o futebol de mulheres aparece como um espelho que reflete e escancara as desigualdades e as violências de gênero vividas cotidianamente pelas mulheres latino-americanas.

Não é de hoje que o futebol feminino latino-americano demanda políticas públicas, investimentos sólidos e um comprometimento genuíno das entidades responsáveis pelo esporte. Assim, as vitórias e conquistas do futebol de mulheres não devem nos impedir de constatar a falta de estrutura vivenciada pela modalidade ou, ainda, questionar os motivos que levam ao abismo existente em relação ao futebol dos homens.

Um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) é o alcance da igualdade de gênero para meninas

e mulheres, em todas as esferas da vida. Assim, o que as jogadoras que disputaram a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino de 2024 demandam não são privilégios, favores ou regalias, mas a chance de competir em condições dignas, com a mesma seriedade, compromisso e apoio que é dedicado aos homens.

É somente a partir do apoio público, midiático e governamental que o futebol feminino, brasileiro e latino-americano, poderá se fortalecer, não apenas enquanto esporte, mas também como espaço de reconhecimento e conquistas sociais.

Este texto é a adaptação de um artigo publicado originalmente no Brasil de Fato.

Ensaio fotográfico

Futebol de cegas e a luta pela igualdade de gênero

Wagner Xavier de Camargo

21 de ago. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Wagner Xavier de Camargo: Pesquisador que estuda gênero, deficiência e outros marcadores sociais dentro do esporte. Coordenador da linha de pesquisa Futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+ do INCT FUTEBOL.

COMO CITAR:

CAMARGO, Wagner Xavier de. Futebol de cegas e a luta pela igualdade de gênero. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.21, 2024.

Futebol de cegas e a luta pela igualdade de gênero

Wagner Xavier de Camargo

21 de ago. de 2024

No sábado, dia 3 de agosto, durante a primeira etapa paulista do futebol de homens cegos ocorrida nas dependências do Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo, aconteceu um jogo diferente dos demais. Ele congregava futebolistas cegas de vários estados brasileiros, divididas em duas equipes (vermelha e azul), sob a representação da Federação Paulista de Desportos para Cegos (FPDC). O encontro foi organizado por essa federação e apoiado pela Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais (CBDV) e pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

A importância desse jogo de apresentação do futsal de cegas não está nele em si, mas em sua simbologia, isto é, são as mulheres cegas se apropriando da bola com guizos para também jogarem futebol. A prática futebolística de homens cegos tem uma história de mais de cem anos, tendo sido iniciada dentro das escolas e institutos, de capitais e cidades interioranas, país adentro. Porém, o futebol de cegas é um fenômeno recente e tem tudo para se desenvolver grandemente nos próximos anos.

A prática do esporte moderno foi um privilégio garantido por/para homens (cisgêneros), desde o marco de fundação do esporte moderno estabelecido por Pierre de Coubertin, ao passo que restrições, decretos e proibições se impuseram longa e continuamente às mulheres (cis ou trans), tanto no Brasil quanto no mundo. Por mais que tenha havido resistências ao longo do século XX de atletas feministas pioneiras, como Alice Milliat, e muitas outras, sempre tivemos, na história do esporte, uma sub-representação de gênero, com invisibilidades de corpos não binários e não normativos, ou mesmo de mulheres outras, como quilombolas, negras, indígenas, e com deficiência.

Os Jogos Paralímpicos em si igualmente começaram masculinistas: o Dr. Ludwig Guttmann reproduziu as máximas de Coubertin nos anos pós-II Guerra e a proporção de mulheres com deficiência era muito menor do que a dos homens, inclusive na primeira edição, em 1960. Tais Jogos ainda estão distantes de uma possível equiparação entre gêneros e, por isso, se faz importante ocupar os espaços canonizados das masculinidades paradesportivas – e o futebol é um deles.

Atualmente, muito se tem falado na mídia sobre “igualdade de gênero” nos

Jogos Olímpicos em termos de equiparação do número de participantes atletas homens e mulheres. Pois o futebol de cegas é o ponto inicial de reivindicação dessa “igualdade” entre gêneros no universo do paradesporto e dos Jogos Paralímpicos. Assim como os atletas cegos são pentacampeões no futebol paralímpico, agora é a hora das jogadoras cegas.

Se a “igualdade de gênero” não é algo facilmente solucionável no curto prazo, que as futebolistas cegas busquem incansavelmente suas vitórias, a fim de mostrarem que o futebol também pode ser jogado brilhantemente por elas. Que este jogo de apresentação seja uma fagulha de transformação! Meninas e mulheres cegas agradecem e o futebol também.



Guia chamador atrás do gol, goleiro e jogadoras 3, 10 e 9 da equipe azul em formação de barreira (1. Tempo)



Situação de penalidade, campo adversário (1. Tempo), três jogadoras da equipe vermelha na barreira e duas da equipe azul preparando a cobrança.



Jogadoras de vermelho, reunidas com técnica, chamador e goleira (intervalo de tempo).



Jogadoras de azul reunidas com técnico, chamador e goleiro, intervalo de jogo.



Jogadoras time azul em triangulação para ataque. Destaque Geisa Farini, n. 9 (2. Tempo)



Geisa Farini na preparação da bola, goleira adversária na expectativa, situação final de pênaltis.



Perfilamento final com medalhas entregues. Da esquerda para a direita, Sr. Benedito Franco, jogadoras time azul, dois árbitros da partida, time vermelho, goleiros, equipe diretora Federação, técnicos.

I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro

Fazendo um balanço do GT “Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol” do I Encontro do INCT Futebol

Cristiano Mezzaroba, Silvan Menezes dos Santos, Eduarda Moro
28 de ago. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Cristiano Mezzaroba: UFS/INCT-CNPq

Silvan Menezes dos Santos: UFAL/INCT-CNPq

Eduarda Moro: NEPESC/UFSC/INCT-CNPq

COMO CITAR:

MEZZAROBA, Cristiano. DOS SANTOS, Menezes. MORO, Eduarda. Fazendo um balanço do GT “Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol” do I Encontro do INCT Futebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.22, 2024.

Fazendo um balanço do GT “Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol” do I Encontro do INCT Futebol © 2024 by MEZZAROBA, Cristiano. DOS SANTOS, Menezes. MORO, Eduarda. is licensed under CC BY-NC 4.0

Fazendo um balanço do GT “Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol” do I Encontro do INCT Futebol

Cristiano Mezzaroba, Silvan Menezes dos Santos, Eduarda Moro
28 de ago. de 2024

Na configuração do INCT Estudos do Futebol Brasileiro, temos quatro linhas de pesquisa, com cada uma delas tendo sido responsável por criar e articular Grupos de Trabalho dentro da programação do evento que ocorreu em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no período de 05 a 07 de agosto de 2024, com a denominação “I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e Epistemologias Futebolísticas”.

Com relação especificamente à linha “Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol brasileiro”, foram constituídos 4 GTs:

1. Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol
2. Torcidas Organizadas, Coletivos e Movimentos de Torcedores
3. Movimentos Antirracistas no Futebol
4. Estádios de Futebol

Neste texto, trazemos uma descrição e algumas reflexões – dando um sentido de “memória” ao evento – concernentes ao primeiro GT, “Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol”. Os(a) autores(a) que escrevem este balanço tiveram como função a coordenação e/ou serem debatedores(a) das 3 sessões ocorridas entre os dias 06 e 07 de agosto, no período matutino, nas dependências do Centro de Desportos da UFSC.

Conforme a ementa do evento, o GT Mídias e Aspectos Midiáticos do Futebol teve como foco a discussão de trabalhos concluídos e em andamento que tratassem da dimensão do campo midiático quanto às múltiplas dimensões do futebol que se expressam nos diferentes meios de comunicação e na cultura digital em geral. O GT recebeu 16 trabalhos, sendo que 12 foram apresentados, 1 migrou para outro GT a pedido de seus autores(as) e 3 não foram apresentados devido ao não comparecimento dos(as) autores(as). Sobre esse quantitativo, avaliamos que, por ser a primeira edição do evento, foi um bom número de trabalhos recebidos, perspectivando-se, na sequência, que mais pesquisadores e pesquisadoras venham a se somar com as chamadas da Linha de Pesquisa e do GT nos próximos eventos.

Na primeira sessão do GT, ocorrida na manhã do dia 06 de agosto, das 8h às 9h45, foram 3 trabalhos apresentados, tendo a coordenação do Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba e o papel de debatedor ficando a cargo do Prof. Dr. Silvan Menezes dos Santos.

- Lucas Vinícius Araujo Lisboa apresentou o trabalho “Racismo e esporte: uma análise envolvendo o futebol na cobertura da Folha de São Paulo de 2017 a 2021. O trabalho teve como coautores: Silvio Ricardo da Silva, Antonio Jorge Soares e Cristiano Mezzaroba.
- Giovana Liz Silva Neves e Ana Gabriela Alves Medeiros trouxeram a público a pesquisa “O futebol de mulheres no Instagram da Confederação Brasileira de Futebol”. O trabalho teve como coautores: Matheus Santana Fernandes, Ester Santos Silva, Talyta Fagundes Teixeira Silva.
- Laiana Pereira da Silveira (e sua orientadora Francisca Ferreira Michelin) apresentaram a pesquisa “Práticas de consumo da torcida gremista: influência ocasionada na temporada 2022/2023”.

Seguindo nessa mesma manhã, tivemos a segunda sessão, entre 10h e 11h30, também com 3 trabalhos apresentados, tendo como coordenador o Prof. Dr. Silvan Menezes dos Santos e como debatedor o Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba.

- Beatriz de Franca Alves trouxe o trabalho “Racismo, esporte e mídia: uma análise da cobertura da Folha de São Paulo de 2018 a 2021”. O trabalho teve como coautores: Silvio Ricardo da Silva, Antonio Jorge Soares e Cristiano Mezzaroba.
- Luiz Henrique Zart apresentou a pesquisa “Entre a repetição e a provocação: entrevistas coletivas em eliminações do Palmeiras na Libertadores”.
- Marcelo Alves de Resende e Leda Maria Costa abordaram a pesquisa “A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o ‘dessequestro’ da camisa da seleção brasileira de futebol”.

Já na terceira e última sessão, ocorrida na quarta-feira, durante toda a manhã, a função de coordenador ficou a cargo do Prof. Dr. Silvan Menezes dos Santos e como debatedora tivemos a participação da psicóloga e doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC Eduarda Moro. Foram 6 trabalhos apresentados nesse dia.

- Raphaela Xavier de Oliveira Ferro apresentou sobre “A paisagem sonora generificada do futebol no rádio esportivo”.

Silvan Menezes dos Santos e José Cícero Pereira abordaram a pesquisa “Meninas ribeirinhas e ídolos do futebol brasileiro: um mergulho mágico no

Baixo Rio São Francisco”. O trabalho teve como coautores: Rose Tatyane de Souza Tavares, Leonea Vitória Santiago e Gustavo Gomes de Araújo.

- Uilson Santos da Silva Júnior trouxe a pesquisa “Futebol, jornalismo esportivo impresso e ciberespaço: perspectivas midiáticas”. O trabalho teve como coautores: Arnaldo Sifuentes Leitão e Rafael Moreno Castellani.
- Verônica Toledo Saldanha e Renato Machado Saldanha apresentaram dois trabalhos, “A história da seleção da Frente de Libertação Nacional da Argélia (1958-1062)” e “‘Livrai-nos do foot-ball, amém’: o esporte visto pelo Lar Catholico, em Juiz de Fora – MG (1920-1940)”.
- Victor de Leonardo Figols trouxe a pesquisa “La guerra del fútbol: a midiatização do futebol espanhol e os direitos de transmissão anos 1990”.

Como mencionado, este texto tem como função servir de registro histórico desse primeiro evento ocorrido em agosto de 2024. Assim, de forma sintética, avaliamos que o conjunto de textos recebidos, apresentados e discutidos nos permite traçar o seguinte panorama:

- Observamos uma grande qualidade na apresentação e na discussão dos trabalhos, mesmo os trabalhos oriundos de iniciação científica.
- Foi possível confirmar a dimensão interdisciplinar das investigações sobre o futebol como objeto da sociedade e da cultura brasileira. Participaram professores/as de Educação Física, da Comunicação/Jornalismo, da Publicidade/Marketing e da Moda. Para os próximos eventos, seria importante que agentes da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia, da Pedagogia e da História, por exemplo, viessem a se somar com suas pesquisas no GT.
- Constatamos também uma diversidade metodológica nas abordagens de pesquisa. Tivemos pesquisas documentais envolvendo mídia impressa e fontes documentais institucionais; pesquisas descritivas acionando rádio, internet, redes sociais, canais oficiais dos clubes e de confederações; e também tivemos uma pesquisa etnográfica.
- O GT integrou pesquisas realizadas em níveis diferentes, apresentadas tanto por estudantes de graduação, quanto por agentes com mestrado e doutorado, e também professores(as) do ensino superior.
- O conjunto de pesquisas evidenciou o olhar amplo para as questões midiáticas e de consumo envolvendo o futebol brasileiro e mundial.
- Nota-se uma interseccionalidade envolvendo questões étnico-raciais, de classe social e de gênero/sexualidade nas diversas pesquisas.
- Tivemos a participação de agentes de diversas instituições brasileiras, dos seguintes estados: Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Goiás, São Paulo, Bahia, Alagoas e Pernambuco.

Não nos restam dúvidas de que, com a constituição do INCT Estudos do Futebol Brasileiro, a academia e a ciência brasileira passaram a produzir e a fomentar olhares ampliados, interdisciplinares, críticos e propositivos no que se refere ao futebol como elemento identitário da sociedade e da cultura brasileira. O “I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e Epistemologias Futebolísticas” já permitiu constatar que suas ações, no que se refere às dimensões midiáticas, traz questões importantes e a necessidade de mobilização de uma rede de coletividade que vai se ampliar para compreender de forma mais aprofundada e complexa esses processos sociais, culturais e históricos.

“Proporcionar qualidade e liberdade”: plataformas de anúncio de “acompanhantes” como patrocínio no futebol

Laura Bierhals Lemke

5 de set. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Laura Bierhals Lemke é graduanda de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina e formada no curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003037920162901>. E-mail: laurab.lemke@gmail.com.

COMO CITAR:

LEMKE, B., Laura. “Proporcionar qualidade e liberdade”: plataformas de anúncio de “acompanhantes” como patrocínio no futebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.23, 2024.

Proporcionar qualidade e liberdade”: plataformas de anúncio de “acompanhantes” como patrocínio no futebol © 2024 by LEMKE, B., Laura. is licensed under CC BY-NC 4.0

“Proporcionar qualidade e liberdade”: plataformas de anúncio de “acompanhantes” como patrocínio no futebol

Laura Bierhals Lemke

5 de set. de 2024

A Fatal Model é uma empresa de “acompanhantes” que atualmente patrocina o Vitória e o Ponte Preta, além do Campeonato Carioca e do Campeonato Gaúcho (Fatal Model, 2024), ambos com grande alcance de público. A empresa aposta em discursos que descrevem sua plataforma como segura, respeitosa e empoderadora (Fatal Model, 2024) para os mais de 32 mil “acompanhantes” cadastrados no site, incluindo pessoas cis e trans. Na prática, a Fatal Model conecta “acompanhantes” com clientes por todo o Brasil, oferecendo um serviço básico gratuito para ambas as partes com funcionalidades adicionais pagas, como, por exemplo, impulsionar o anúncio do “acompanhante” ou ver informações adicionais como cliente (Fatal Model, 2024).

A presença da marca no futebol é muito significativa, levando em conta que esse esporte tem um impacto gigante na mídia, quebrando recordes de audiência ano após ano (Rial, 2008). Falando em termos econômicos, o futebol movimenta US\$ 286 bilhões por ano (Valor, 2022). Em grandes eventos, como a Copa do Mundo, ele alcança cerca de 1,5 bilhão de espectadores por todo o mundo (ESPN, 2023). Já o principal torneio do Brasil, o Campeonato Brasileiro, atingiu até 33 milhões de pessoas por jogo em 2023 (Folha, 2023). O patrocínio do futebol rendeu à Fatal Model um aumento no tráfego no site de 43%, indo de uma média de 43,6 milhões para 62,2 milhões de visitas por mês, além de um faturamento crescente de 124% no ano (Exame, 2024).

Apesar do aumento da inserção de mulheres no mercado de trabalho nas últimas décadas, elas ainda têm uma taxa de desemprego 50% maior que a dos homens (Agência Brasil, 2023). Portanto, a prostituição surge na vida de muitas mulheres como uma via econômica, podendo também ser uma opção mais rentável em comparação aos subempregos femininos (Blanchette; Silva, 2009). A divisão sexual do trabalho, que exclui as mulheres do trabalho assalariado ou as reserva ao trabalho informal explica a discriminação contemporânea do trabalho feminino (Federici, 2017) e traz o olhar para o centro das questões de trabalho: o modo de produção capitalista. No capitalismo, olhando por um viés marxista, a exploração é

parte das atividades de trabalho como um todo, em uma relação de dominação (Soares; Castro, 2023). Então o que difere a prostituição das outras atividades?

Diferencia-se pois a análise vai além das questões econômicas: no contexto da dominação capitalista, soma-se o conceito do patriarcado, sistema que permite que os homens dominem as mulheres. E um dos motores desse sistema é a via econômica: Paradis (2017) demonstra como o poder na sociedade está nas mãos dos homens. Cerca de 2,4 bilhões de mulheres de todo o mundo têm menos oportunidades e direitos econômicos que homens (G1, 2022), lidando com uma dupla opressão de gênero e de classe.

O discurso adotado pela empresa Fatal Model fala frequentemente na mídia sobre a busca por “respeito e igualdade” entre homens e mulheres ao utilizar a plataforma (Terra, 2023), além da utilização do slogan “Fatal Model é segurança, respeito e empoderamento” em seu website (Fatal Model, 2024). A porta-voz oficial do site ainda menciona: “O público masculino é o que mais contrata (“acompanhantes”). É o público que mais precisa ser educado sobre a profissão e a questão do machismo. Vimos nesse espaço do futebol um canal para levar nossas mensagens e trazer a discussão” (Uol, 2023).

É possível observar, nesse contexto, uma visão pouco crítica e realista sobre os desafios enfrentados na prostituição. Pode-se perceber que o discurso marcado pela ideia de “proporcionar qualidade e liberdade” (Fatal Model, 2023) a quem escolhe a prostituição pode levar a uma ideia ilusória tal como é para todos que trabalham no sistema capitalista. Todas as pessoas, gozando da posse da sua própria força de trabalho e de um status de liberdade, usufruem, na realidade, da liberdade de ser explorado: não uma liberdade empoderadora, mas sim limitadora (Soares; Castro, 2023). Ainda nesse panorama, a mulher está inserida em um contexto de complementaridade da dominação de classe e dominação masculina, que desempenha um papel direto na divisão sexual do trabalho (Arruza, 2015) e leva as mulheres à maioria dos trabalhos na informalidade (Correio Braziliense, 2021).

Nesse sentido, é possível perceber que o futebol é escolhido estrategicamente pela marca por ser um lugar predominantemente masculino – uma posição abertamente discutida pela Fatal Model, como supracitado, mas também reforçada por estudos sobre futebol. Pisani (2018) ressalta que, desde jovens, os homens são incentivados a participar do futebol, enquanto as mulheres são afastadas, o que gera uma prática de futebol mobilizadora das noções de masculinidade, como a virilidade, competitividade e força. Além disso, a autora traz uma análise das cenas da

imprensa para discutir a categoria de gênero, sendo uma das mais notáveis a edição da revista Placar de 1995, que trazia trocadilhos e imagens sexualizando mulheres. As mulheres, portanto, são inseridas no mundo do futebol, que já as exclui historicamente, não em uma posição de equidade ao sexo masculino, mas sim a serviço do mercado de sexo. Dessa maneira, são reforçadas representações que homens fazem de mulheres, “relacionadas às suas experiências culturais fruto de uma desigualdade forjada no campo político, em que os desejos dos homens permanecem reguladores da ordem vigente” (Fáveri, 2013, p. 6).

Pode-se concluir que os discursos adotados pela empresa tratando sobre prostituição tendem a trazer pouca adesão à realidade, se analisados levando em conta a existência do patriarcado inserido no sistema capitalista. Ainda há uma contradição na ideia de educar os homens sobre machismo, com a inserção da mulher no futebol de maneira não equitativa. Nesse sentido, é preciso construir um olhar questionador sobre o posicionamento da marca, que ganha grande alcance com o patrocínio no futebol.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pela autora no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL (Rio de Janeiro). *Desemprego é maior entre mulheres e negros, diz IBGE*. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-05/desemprego-e-maior-entre-mulher-es-e-negros-diz-ibge>>. Acesso em: 11 de mai. 2024.

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Revista Outubro*, Nova Iorque, n. 23, p. 35-58, 2015.

BLANCHETTE, Thaddeus Gregory; SILVA, Ana Paula da. As American girls: migração, sexo e status imperial em 1918. *Horiz. Antropol.*, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 75-99, 2009.

CORREIO BRAZILIENSE. Informalidade entre as mulheres é muito maior, diz pesquisador da Pnud. 2021. Disponível em <<https://www.correio braziliense.com.br/economia/2021/11/4961404-informalidade-entre-as-mulheres-e-muito-maior-do-que-entre-os-homens-diz-fgv.html>>. Acesso em: 12 de mai. 2024.

ESPN. Fifa divulga que 1,5 bilhão de pessoas ao redor do mundo assistiram a final da Copa do Mundo; veja dados. 2023. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/_/id/11497424/fifa-divulga-1-5-bilhao-pessoas-redor-do-mundo-assistiram-final-copa-do-mundo>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

EXAME. Conheça a gaúcha Fatal Model, um negócio 'sexy' de R\$ 85 milhões cada vez mais presente no futebol. 2024. Disponível em: <<https://exame.com/negocios/quem-comanda-a-fatal-model-um-negocio-de-r-85-milhoes-cada-vez-mais-presente-no-futebol/>>. Acesso em: 5 de mai. 2024.

FATAL MODEL. Homepage. 2024. Disponível em: <<https://fatalmodel.com/>>. Acesso em: 20 de mai. 2024.

FATAL MODEL. Veja as principais ativações de patrocínio do Fatal Model no futebol. 2023. Disponível em: <<https://fatalmodel.com/blog/futebol/patrocínio-fatal-model-no-futebol/>>. Acesso em: 11 de mai. 2024.

FÁVERI, Marlene de. Mercado do sexo e masculinidades no tempo presente. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis, 2013. p. 1-9. Disponível em: <https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373327646_ARQUIVO_TEXTOCOMPLETOFAzGEn13MarlenedeFaveri.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FOLHA. Brasileirão 2023 cresce 16% em audiência na TV paga; veja números do SporTV. 2023. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/12/brasileirao-2023-cresce-16-em-audiencia-na-tv-paga-veja-numeros-do-sportv.shtml>>. Acesso em: 21 de mai. 2024.

G1. Mais de 2 bilhões de mulheres têm menos oportunidades e direitos econômicos que homens no mundo. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/01/mais-de-2-bilhoes-de-mulheres-tem-menos-oportunidades-e-direitos-economicos-que-homens-no-mundo.ghtml>>. Acesso em: 21 de mai. 2024.

PARADIS, Clarisse Goulart. Feminismo, liberdade e prostituição: para além do dissenso democrático. 2017. 342 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AQKGWZ/1/tese_vers_o_biblioteca.pdf>. Acesso em: 21 de mai. 2024.

PISANI, Mariane da Silva. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 251 f. Tese (Doutorado) – Curso de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11102018-110139/publico/2018_Maria_neDaSilvaPisani_VCorr.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, dez. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/syLR3VK3QkmbTK8xJJtjpw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 de mai. 2023.

SOARES, Vinicius Efraym Siqueira Lopes; CASTRO, Felipe Araújo. Entre moral, capital, liberdade e empoderamento: variedade dos discursos sobre regulamentação da prostituição. Revista Jurídica da Ufersa, Mossoró, v. 7, n. 14, p. 27-46, ago. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/rejur/article/view/11738/11379>>. Acesso em: 15 de mai. 2024.

TERRA. Fatal Model fecha com outro e chega a oito clubes brasileiros. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/fatal-model-fecha-com-outro-e-chega-a-oito-clubes-brasileiros,93f64700ea6ac9c6afa7b160426fdd67c1wkuceh.html?utm_source=clipboard>. Acesso em: 11 de mai. 2024.

UOL. *R\$ 200 mi: por que site de acompanhantes quer dar nome a clube de futebol?* 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/12/07/fatal-model-site-de-acompanhantes-clube-de-futebol.htm>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

VALOR (Genebra). *Futebol movimenta o equivalente ao PIB da Finlândia, diz presidente da Fifa.* 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/09/27/futebol-movimenta-o-equivalente-ao-pib-da-finlandia-diz-presidente-da-fifa.ghtml>. Acesso em: 13 de mai. 2024.

Do campo às arquibancadas: desafiando a cultura do estupro

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

16 de set. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa é doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC).

COMO CITAR:

CORREA, Marcus. Do campo às arquibancadas: desafiando a cultura do estupro. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.24, 2024.

Do campo às arquibancadas: desafiando a cultura do estupro

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

16 de set. de 2024

A cultura do estupro no contexto do futebol brasileiro configura-se como uma problemática tanto persistente quanto negligenciada. Embora o futebol seja exaltado como a paixão nacional e uma força unificadora, esse ambiente também pode ser hostil e perigoso para as mulheres. A violência sexual possui raízes profundas na cultura patriarcal, sendo reiterada em diversas esferas sociais, e o futebol não escapa a essa realidade. Os estádios de futebol, frequentemente vistos como altares de celebração esportiva, muitas vezes escondem sob sua superfície uma cultura de violência e assédio sexual que tem profundas repercussões sociais e psicológicas. É crucial entender como esses ambientes, onde a masculinidade hegemonicamente agressiva é glorificada, perpetuam uma dinâmica de poder que marginaliza e vitimiza as mulheres.

Importante salientar que essa cultura de estupro está presente na sociedade de maneira geral. Ela nasce fora do futebol, se expande e se perpetua nas esferas esportivas. Nesse ínterim de estudo em questão, no contexto do futebol, quando essa violência chega ao “campo”, há uma proteção presente e de maneira profundamente ampliada. Primeiro, na perspectiva da torcida, que visualiza o seu ídolo de time e o desempenho profissional, que não se mistura com a vida privada. Também dos próprios jogadores, técnicos e clubes, que, cumulados com o poder midiático e a ascensão financeira, tornam o ambiente blindado e protegido.

O futebol, enquanto esporte e fenômeno cultural, ocupa um espaço central no imaginário brasileiro, simbolizando unidade nacional, paixão coletiva e até uma forma de identidade. No entanto, esse mesmo cenário de euforia e celebração mascara a misoginia que muitos torcedores e organizadores manifestam. A estrutura hierárquica e as normas de gênero presentes nos times, nas torcidas organizadas e nos próprios estádios reforçam comportamentos violentos contra as mulheres.

Reportagens como a de Júlio Bittencourt (2020), na Revista Fórum, revelam diálogos incriminatórios envolvendo jogadores de futebol envolvidos em casos de estupro, fornecendo um olhar detalhado sobre casos específicos que ilustram a problemática. Dados do Atlas da Violência (2018) indicam uma prevalência alarmante de violência sexual, exacerbada pela negligência das autoridades esportivas e policiais. A grande maioria dos

perpetradores não enfrenta consequências legais, o que perpetua a sensação de insegurança entre as vítimas. Uma reportagem da Metrôpoles (2017) destaca que 99% dos crimes de estupro no Brasil permanecem impunes, ilustrando a dimensão do problema. No contexto dos estádios, a vulnerabilidade das mulheres é exacerbada pela presença masculina dominante e pela convivência de torcedores e organizadores de eventos.

A cultura do estupro está profundamente enraizada nas dinâmicas de poder e nas construções de gênero presentes no contexto do futebol. Goellner (2021) e Sanday (1997) evidenciam que as dinâmicas de poder e gênero favorecem a perpetuação da violência, enquanto Sousa (2017) discute como essas práticas são rotineiramente normalizadas no Brasil. A masculinidade tóxica e a convivência das estruturas sociais e organizacionais reforçam comportamentos violentos e misóginos. A identificação de casos específicos, como o descrito por Bittencourt (2020), contribui para a compreensão de como a cultura do estupro se manifesta e é acobertada dentro do ambiente esportivo.

Tais conclusões são corroboradas por entrevistas com vítimas que relataram episódios de assédio e violência sexual nos estádios, frequentemente desconsiderados ou minimizados pelas autoridades e pelos próprios clubes. Essas narrativas reforçam a necessidade de transformação nas políticas e práticas que governam o futebol e a sociedade em geral. Desmascarar e combater a cultura do estupro nos estádios de futebol brasileiro é um passo crucial para garantir um ambiente seguro e inclusivo. Reforça-se a necessidade de ações mais rigorosas e conscientes, desde políticas de prevenção até a punição efetiva dos agressores. A luta das mulheres por reconhecimento e respeito no esporte deve ser abraçada por todos, promovendo uma verdadeira transformação sociocultural.

A resistência e resiliência das mulheres no esporte devem ser reconhecidas e fortalecidas, visando à construção de um ambiente seguro e inclusivo para todos. Estudos como o de Campos *et al.* (2017) sugerem que a implementação de programas educacionais, campanhas de conscientização e treinamentos específicos para torcedores e autoridades esportivas podem ter um impacto significativo na redução da violência sexual. A urgência de iniciativas educacionais é evidente, pois elas abordam a cultura do estupro em sua raiz, incentivando uma mudança de atitude dentro e fora dos estádios.

Além disso, políticas públicas mais rigorosas e efetivas são indispensáveis. A responsabilização de agressores e a criação de canais de denúncia seguros e efetivos para as vítimas são passos essenciais para deter a perpetuação dessa cultura. É fundamental promover uma reestruturação das normas

sociais e esportivas que atualmente legitimam e silenciam a violência. A colaboração entre entidades esportivas, governo, ONGs e a sociedade civil pode criar um compromisso coletivo em favor de um ambiente seguro e inclusivo.

Esse compromisso também deve incluir a formação continuada de profissionais que atuam no esporte e a revisão das políticas internas dos clubes, garantindo que ações discriminatórias e violentas sejam adequadamente punidas. Programas de apoio psicológico para vítimas também são vitais para ajudar na superação do trauma e na reintegração social. Finalmente, é crucial reconhecer e valorizar o papel das mulheres que atuam no futebol, inclusive jornalistas, jogadoras e torcedoras, que frequentemente desafiam a cultura do machismo e da violência dentro desses espaços. Sua resistência e determinação são exemplos poderosos de mudança e devem ser vistos como inspirações para todos que buscam um ambiente esportivo mais justo e seguro.

É preciso chamar a atenção para a urgência de iniciativas educacionais e campanhas de conscientização que abordem a cultura do estupro, incentivando uma mudança de atitude dentro e fora dos estádios. O impacto potencial dessas campanhas é vasto, fornecendo não apenas um ambiente mais seguro para as mulheres, mas também incentivando uma cultura esportiva de respeito e igualdade. É imperativo que a sociedade como um todo se mobilize para dismantelar as estruturas que sustentam a violência sexual, transformando não apenas o futebol, mas todas as esferas em que essa problemática está presente.

Ao iluminar a gravidade da cultura do estupro no futebol brasileiro e ao destacar a necessidade de intervenção multifacetada, podemos fomentar um diálogo necessário e urgente. Somente através de esforços coletivos e sustentados podemos aspirar a um futuro em que o futebol seja, de fato, um esporte para todas e todos, livre de violência e discriminação.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelo autor no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS

ATLAS DA VIOLÊNCIA. Ipea/FBSP. 2018. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/estupro-no-brasil/>>. Acesso em: 24 de mai. 2024.

BITTENCOUT, Júlio. Diálogos que confirmam Robinho como estuprador explodem nas redes. Revista Fórum, 16 de out. 2020. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/dialogos-que-confirmam-robinho-como-estuprador-explodem-nas-redes/>>. Acesso em: 24 de mai. 2024.

CAMPOS, Carmen Hein et al. Cultura do estupro ou cultura antiestupro?. Revista Direito GV, v. 13, p. 981-1006, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: discontinuidades, resistências e resiliências. Revista Movimento, v. 27, 2021.

METRÓPOLIS. Estupro no Brasil: 99% dos crimes ficam impunes no país. Biografia de um crime sem castigo. 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/materias-especiais/estupro-no-brasil-99-dos-crimes-ficam-impunes-no-pais>>. Acesso em: 24 de mai. 2024.

SANDAY, Peggy Reeves. The socio-cultural context of rape: a cross-cultural study. Gender violence: interdisciplinary perspectives, p. 52-66, 1997.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 de mai. 2024.

Visibilidade e representação: a coleção de futebol feminino do Museu do Grêmio

Sibelle Barbosa da Silva

23 de set. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Sibelle Barbosa da Silva é mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e museóloga do Museu do Grêmio Hermínio Bittencourt.

COMO CITAR:

SILVA, Sibelle. Visibilidade e representação: a coleção de futebol feminino do Museu do Grêmio. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.25, 2024.

[Visibilidade e representação: a coleção de futebol feminino do Museu do Grêmio](#) © 2024 by SILVA, Sibelle is licensed under [CC BY-NC 4.0](#)

Visibilidade e representação: a coleção de futebol feminino do Museu do Grêmio

Sibelle Barbosa da Silva
23 de set. de 2024

No Brasil, a prática do futebol, além de ser uma atividade esportiva, suscita inúmeros fenômenos socioculturais. Nesse movimento, os clubes, ao acumular objetos, criam salas de troféus, memoriais e museus reforçando, nesses espaços, o sentimento de pertencimento clubístico dos sujeitos com suas agremiações (Damo, 1998; Silva, 2023). Entretanto, os artefatos destacados nas exposições pertencem, quase que exclusivamente, aos ídolos do futebol masculino e aos dirigentes homens, além das homenagens destinadas ao clube exaltando as conquistas da prática desse esporte.

Nessa perspectiva, essa opção de apresentação das narrativas expográficas desses museus deixa de contemplar temas mais diversificados e contemporâneos que poderiam ser expostos junto aos públicos, tais como conteúdos e debates sobre racismo, estudos de gênero e gentrificação. Nesse sentido, destaca-se a experiência museológica do Museu do Grêmio Hermínio Bittencourt, localizado em Porto Alegre (RS), ao formar uma coleção específica de futebol feminino, constatando a ausência de objetos que abordem as memórias das mulheres nas exposições do espaço como sujeitos ativos no clube. Destaca-se, nessa coleção, a doação da camiseta da pioneira Marianita Nascimento, realizada em 2022, e a sua entrevista concedida ao Museu do Grêmio em 2021.

Devemos destacar que o público do Museu do Grêmio, espaço oficialmente criado em 1984, ao entrar em contato com a história do futebol de mulheres no Brasil e no Grêmio, desconhecia que o futebol de campo, assim como vários esportes, foi proibido para as mulheres a partir do decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941 (Brasil, 1941), promulgado pelo presidente da República da época, Getúlio Vargas. A revogação dessa obrigação ocorreu somente em 1979, e, ainda assim, as mulheres ainda não podiam se profissionalizar na área. Somente após muita luta das mulheres futebolistas de todas as regiões do Brasil, elas conquistaram a regulamentação definitiva da prática em 1983 (Silva, 2015; Bonfim, 2019; Haag, 2023).

Nesse contexto, podemos observar os diversos obstáculos que as mulheres enfrentaram pelo direito de praticarem esportes, sobretudo o futebol. Todavia, é evidente que esses impedimentos se refletiram não apenas na

prática, mas também na representação simbólica de suas participações em competições e conquistas. Reativar essas histórias e memórias, por meio dos museus, é um ato de conferir visibilidade e reparação histórica em relação à atuação dessas mulheres no futebol. Nessa perspectiva, Bruno Soares (2020, p. 10) nos faz uma provocação: “é portanto, preciso re-pensar o pensamento: este que nos chega como um instrumento de exclusão material e simbólica dos corpos que não podem ser pensados – isso porque, ao longo dos últimos séculos, alguns corpos não foram entendidos como corpos que pensam”. A partir dessa reflexão do pesquisador, podemos refletir que as mulheres que praticaram futebol foram deliberadamente apagadas da história com a finalidade de descredenciar esse passado e tornar ele inexistente. Esse imaginário foi tão bem produzido que, apenas recentemente, através de ações de pesquisa museológica, passou a haver uma redescoberta desse passado pelos museus, tornado presente os vestígios que resistiram ao tempo, tendo, na maioria das vezes, se transformado em coleções particulares das próprias ex-atletas. Já outros objetos, como os troféus, estão depositados nos clubes que elas representaram.

Temos, como exemplo pioneiro, o Museu do Futebol, localizado no estádio Pacaembu em São Paulo, que, a partir de 2015, inaugurou a exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino”, concebida através de uma curadoria compartilhada com inúmeras pesquisadoras, atletas e colaboradoras do espaço. Entre outros exemplos, podemos destacar os museus de clubes como o Museu do Sport Club Internacional (2017), de Porto Alegre, com a exposição “A conquista do Campo” e o Memorial do Sport Club Corinthians Paulista (2018), de São Paulo, com a inauguração da mostra “Respeita as Mina”.

É nesse cenário de ressignificações que o Museu do Grêmio, a partir de 2017, com a oportunidade da reativação do Departamento de Futebol Feminino, iniciou as suas pesquisas. Dessa maneira, foi criado o projeto “Narrando Histórias” (2017), que tem o objetivo de reunir depoimentos de pessoas que participaram ativamente da construção clubística, através da metodologia da História Oral. Assim sendo, foram realizadas entrevistas com atletas e ex-atletas do futebol de mulheres do Grêmio. O passo seguinte foi o de mapear e organizar os objetos que se julgava inexistentes no depósito do Museu. Essa iniciativa resultou, em 2018, mesmo diante de algumas dificuldades internas, na entrada do primeiro troféu de futebol feminino na exposição de longa duração ao lado dos troféus que representam os homens.

Portanto, a pesquisa museológica foi fundamental para estabelecer uma metodologia de busca e análise das fontes, como os jornais, revistas, relatos orais e objetos. E foi a partir desses documentos que foi possível entender

que a história do futebol de mulheres no Grêmio era mais antiga do que se esperava. E foi com a interlocução e auxílio da primeira capitã e fundadora do primeiro time de mulheres do Grêmio, a ex-atleta Marianita Nascimento (1980), a partir de maio de 2021, que foi possível compreender não só aspectos de sua biografia, mas também como se iniciou a modalidade no clube: ela corrigiu nomes, posições das atletas que saíram incorretas nas matérias jornalísticas, dificuldades, desafios, os presidentes da agremiação que as apoiaram para que as integrantes da equipe pudessem treinar. Ela destacou o nome de um vereador de Porto Alegre que lhe ajudou nesse processo político pela regulamentação da profissão pela Câmara de Vereadores: Valdir Fraga. Vale lembrar que, na época em que Marianita atuava, nos fins dos anos de 1970, a modalidade não era oficialmente reconhecida no Brasil, e, como as jogadoras não tinham direitos trabalhistas ou acesso a competições oficiais, ela foi uma das vozes que se levantou em defesa da regulamentação da modalidade, lutando por melhores condições para as atletas de sua equipe e, conseqüentemente, também do Brasil. De acordo com as fontes de jornais, foi o anteprojeto produzido no Rio Grande do Sul que serviu como base para a regulamentação estabelecida pelo Conselho Nacional de Desportos (CND). Portanto, devido aos esforços de Marianita e inúmeras outras atletas de todas as regiões do Brasil, o futebol de mulheres no país foi finalmente regulamentado em 1983, permitindo que jogadoras fossem registradas e pudessem participar de competições oficiais.

Por fim, essas ações resultaram na doação de sua camiseta ao museu em 2022 após a cerimônia do Conselho Deliberativo do Clube convidar a pioneira para ser a primeira mulher a discursar em uma solenidade de abertura das comemorações de aniversário da agremiação, ato muito simbólico que aconteceu para a história recente do Grêmio. Logo, a peça entrou em exposição se tornando um objeto diálogo (Bruno, 1997), a partir do qual foi possível estabelecer, mediado pelo artefato, discussões com os públicos visitantes sobre a proibição e luta ainda no presente das mulheres pelo direito de se tornarem atletas profissionais.

Atualmente, o espaço expositivo apresenta cinco peças disponibilizadas na vitrine mais importante da exposição de longa duração, chamando a atenção dos públicos do clube. Ao trazer esse debate para o espaço, essa atitude tem ultrapassado o edifício do Museu e está movendo ações internas representativas como o reconhecimento que o clube tem dado gradativamente às atletas pioneiras, especialmente para a primeira capitã e fundadora do primeiro time de mulheres do Grêmio (1980) Marianita da Silva Nascimento. Com seu retorno ao cotidiano da agremiação, a ex-atleta vem conquistando cada vez mais espaço, sendo chamada para campanhas de combate ao racismo, pois ela é uma mulher negra e símbolo de

resistência quando o futebol para as mulheres nem era permitido. Nesse sentido, Marianita tem se estabelecido, perante as atletas mais jovens, como uma personagem inspiradora e de liderança. Tanto que, em 2023, Marianita assumiu, ao lado de Karina Balestra, a maior artilheira do clube, a direção do Departamento de Futebol Feminino, algo inédito na história do Grêmio, pois são duas mulheres liderando o setor.

Nesse sentido, a pesquisa no museu foi ampliada, dando origem a um eixo de pesquisa denominado “Mulheres no Grêmio” (2022) subdividido em três linhas de investigação: atletas, gestoras e torcedoras. Recentemente, foi adicionada a linha “funcionárias”, para contemplar as memórias de inúmeras colaboradoras que narram a sua participação na construção administrativa do clube, e também a linha “pesquisadoras”, pois a utilização das fontes do museu, que estão em constante atualização, são usufruídas sobretudo pelas pesquisadoras mulheres, e é essa ação que garante o compartilhamento e reconhecimento da presença dessas histórias e memórias não só no Grêmio, mas soma para a visibilidade desses vestígios em todas as regiões do Brasil.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pela autora no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Aira. Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação de Mestrado – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2019. 217 p.

BRASIL. *Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: abr. 2024.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de empresa: princípios, problemas e perspectivas. *In: Cadernos de Sociomuseologia, n. 10*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1997. p. 43-46.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/para-o-que-der-e-vier/>>. Acesso em: ago. 2020. 240 p.

HAAG, Fernanda Ribeiro. O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. São Paulo, 2023. 356 p.

SILVA, Giovana Capucim e. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. 135 p.

SILVA, Sibelle Barbosa. A presença do futebol de mulheres no Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt: a musealização de uma coleção. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2023. 162 p.

SOARES, Bruno Brulon. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, v. 28, 2020, p. 1-30.

Os agentes formadores na trajetória inicial de futebolistas

Lucas Barreto Klein

27 de set. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Lucas Barreto Klein é doutor em Educação pela UFSC e coordenador das categorias de base do Figueirense Futebol Clube.

COMO CITAR:

KLEIN, Lucas. Os agentes formadores na trajetória inicial de futebolistas. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.26, 2024.

Os agentes formadores na trajetória inicial de futebolistas

Lucas Barreto Klein
27 de set. de 2024

No dia 7 de agosto de 2024, eu apresentei, no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, ocorrido em Florianópolis, a pesquisa “Perfis de agentes formadores na trajetória inicial de futebolistas em clubes brasileiros”. Na ocasião, busquei expor dados e discussões provenientes de entrevistas realizadas com dois coordenadores de futebol de base e seis treinadores que atuavam na formação inicial de atletas, com idade entre 9 e 13 anos, em clubes profissionais do futebol brasileiro. O objetivo do trabalho é revelar o perfil desse grupo de agentes formadores atuantes no campo profissional e elencar pontos de análise teórico-crítica que contribuam com a discussão. Neste texto, vou apresentar uma síntese do trabalho em questão.

O quadro abaixo traz um resumo do perfil dos agentes investigados, destacando as categorias de análise aprofundadas neste estudo: o nível de experiência como ex-atletas de futebol; a formação acadêmica e complementar e a estabilidade na carreira, considerando o tempo em que atuavam em suas equipes; e a questão da dupla carreira desses profissionais.

Perfil dos agentes formadores investigados

Entrevistado	Atuou profissionalmente e no esporte?	Formação acadêmica	Tempo de trabalho no clube até 2019	Dedicação exclusiva ao clube?
C1	Não	Graduado	14 anos	Sim
C2	Não	Especialista	16 anos	Sim
T1	Não	Graduando	2 anos	Não
T2	Sim (futsal)	Graduado	10 anos	Não
T3	Não	Especialista	6 anos	Não
T4	Não	Mestrando	7 anos	Sim
T5	Não	Graduando	4 anos	Não
T6	Não	Especialista	9 anos	Não

Fonte: elaborado pelo autor (Klein, 2021)

Eixo 1: experiência esportiva

Os investigados possuíam experiências somente como ex-atletas em nível de categoria de base, com exceção de T2, que se destacou como atleta de futsal em alto nível, inclusive com passagem pela seleção brasileira. No entanto, ele encerrou cedo sua carreira, aos 28 anos, e logo começou a trabalhar com escolinhas de iniciação esportiva. Segundo Invernizzi (2018), é comum que ex-atletas profissionais permaneçam no mercado do futebol, atuando em diferentes funções, devido ao seu saber técnico-empírico. Porém, é raro encontrar treinadores de elite que tenham iniciado suas carreiras nas categorias iniciais de formação.

Ao cruzar essas informações com os estudos de Bussinger (2019) sobre treinadores de alta performance e Bettanim et al. (2017) sobre treinadores que trabalhavam nas etapas finais de formação (sub-17 e sub-20), observa-se diferenças significativas no campo de atuação profissional entre aqueles envolvidos na trajetória inicial de formação de atletas de base e os que se encontram em maior evidência no futebol.

A diferença na média etária entre treinadores de alta performance e agentes formadores atuantes na iniciação esportiva pode ser explicada pelo fato de que os treinadores de alta performance investigados por Bussinger (2019) possuíam uma carreira consolidada como ex-atletas de futebol, iniciando suas trajetórias como treinadores após anos de experiência como atletas profissionais. Isso se alinha com a média etária dos agentes formadores investigados, que se situa em torno dos 35 anos, momento em que a carreira de atleta profissional costuma se encerrar.

Embora o grupo de agentes formadores investigados não seja composto por ex-atletas profissionais de futebol, suas trajetórias de vida estão intimamente ligadas ao esporte de alto rendimento. Isso sugere uma tendência para o campo de atuação de treinadores que lidam com a pré-formação de futebolistas, visto que, assim como os atletas de base, os agentes formadores estão em uma fase inicial de suas carreiras.

Eixo 2: formação acadêmica

A formação em nível superior em Educação Física é considerada de grande relevância para os profissionais que atuam como treinadores de futebol. Dos entrevistados, apenas dois ainda estavam cursando a faculdade, mas possuíam diplomas de nível superior em outras áreas (T1 em Tecnólogo e T5 em Administração), enquanto os outros seis possuíam graduação em Educação Física. Além disso, T4 estava cursando mestrado em uma universidade pública, e C1, T3 e T6 também possuíam especialização em

cursos relacionados ao ensino e treinamento de futebol. Esses dados estão alinhados com as descobertas de Bussinger (2019), que destacou que treinadores de elite geralmente possuem certificação ou estão em processo de graduação em cursos superiores de Educação Física, sendo legitimados pelo saber científico para atuar nesse campo profissional.

A Conmebol (2020) recentemente propôs um modelo de licenças para a atuação profissional de treinadores, enfatizando a importância do desenvolvimento de habilidades e capacidades específicas para treinadores que trabalham com crianças e jovens. Essa proposta destaca a importância do período de iniciação esportiva na formação, não apenas dos jogadores, mas também das pessoas em geral, enfatizando o papel da família, da escola e do clube de futebol nesse processo.

A CBF tem promovido cursos de capacitação e licenças profissionais para treinadores de futebol, incluindo as licenças C e B para aqueles que atuam nas categorias de base. No entanto, os altos custos dessas licenças têm limitado a participação de muitos profissionais que já estão atuando. Apesar disso, a exigência de certificação tem se tornado cada vez mais comum em competições oficiais das federações estaduais, que passam a exigir dos treinadores a certificação da CBF. Em resumo, há uma crescente regulamentação e oferta de formação profissional especializada para treinadores de futebol, reforçando a relação de dependência entre federações, clubes e profissionais com as entidades reguladoras do esporte nacional (CBF-FIFA)

Eixo 3: dupla-carreira profissional

Os dados revelaram uma tendência de certa estabilidade e longevidade nos postos de trabalho nas categorias de iniciação no futebol. T1, que estava no seu segundo ano como treinador do clube, era quem atuava a menos tempo no cargo, enquanto T2 e T6 estavam há praticamente uma década na função. Isso sugere que os critérios de avaliação do trabalho dos agentes formadores podem ser diferentes dos aplicados aos treinadores de alta performance, dado o grande número de demissões que ocorrem no futebol profissional. Além disso, C1 e C2 estavam há mais de uma década como funcionários de seus clubes, tendo desempenhado diferentes funções ao longo do tempo até assumirem o cargo de coordenadores do futebol de base.

As diferenças salariais entre treinadores de futebol de base e os de alta performance justificam a busca pela progressão na carreira, além do status social obtido com a ascensão profissional. Embora não tenhamos dados sobre a média salarial dos agentes formadores investigados, o fato de cinco

dos seis treinadores de base estarem em dupla carreira profissional, com empregos paralelos ao clube, sugere que havia a necessidade de complementar suas rendas mensais. Isso é especialmente relevante devido à frequente ocorrência de atrasos nos vencimentos por parte dos clubes, uma realidade comum e, de certa forma, naturalizada neste campo.

Para lidar com essa dupla jornada, os agentes formadores precisam criar estratégias de flexibilização, já que o futebol de base demanda um calendário de atividades que vai além da rotina de treinos. Isso inclui competições que, geralmente, ocorrem nos finais de semana, mas também exigem viagens que podem durar cerca de uma semana.

Conclusão

A pesquisa oferece reflexões valiosas sobre o perfil e as características dos agentes formadores que atuam na formação inicial de atletas em clubes profissionais de futebol, sobretudo quando comparados ao campo de atuação de treinadores de alta performance. Ao analisar aspectos como experiência esportiva, formação acadêmica e complementar, e a realidade da dupla-carreira profissional, foi possível destacar a complexidade e os desafios enfrentados por esses profissionais em fase inicial de carreira.

Os resultados sugerem que, mesmo sem necessariamente serem ex-atletas profissionais, os agentes formadores possuem uma forte ligação com o esporte de alto rendimento, destacando a importância da formação acadêmica em Educação Física para a atuação nesse campo. Além disso, a estabilidade relativa na carreira e a necessidade de complementar renda através de dupla jornada de trabalho evidenciam aspectos peculiares do contexto em que esses profissionais estão inseridos.

Diante disso, torna-se claro que a formação e capacitação contínua desses agentes são fundamentais para o desenvolvimento do futebol de base no Brasil. Investir em programas de formação profissional acessíveis e na valorização do conhecimento científico é essencial para garantir a qualidade e o desenvolvimento dos talentos esportivos desde as categorias de base.

Portanto, espera-se que os resultados deste estudo contribuam para o aprimoramento das políticas e práticas relacionadas à formação de atletas no contexto do futebol brasileiro, promovendo, assim, um ambiente mais propício ao desenvolvimento integral dos jovens talentos e à profissionalização dos agentes formadores.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelo autor no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS

BETTANIM, Marcelo Rodella *et al.* Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 212-219, 2017.

BUSSINGER, Gabriel Henrique de Lucena. *Concepções e princípios de prática de liderança de treinadores: um estudo com treinadores de alta performance no futebol brasileiro*. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

INVERNIZZI, Lisandra. *Ser “daqui” ou ser “de fora”: hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis*. 2018. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

KLEIN, Lucas Barreto. *Esporte, treinamento e educação: projetos, agentes e tensões na formação inicial de futebolistas no Brasil*. 2021. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

Cosmologia e cultura na Liga de futebol Mbya Guarani – SC

Gabriel Pereira, Eliziane Antunes, Natan Almeida Evaristo, Wesley Santos dos Santos
14 de out. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Gabriel Pereira: Não-indígena da comunidade Juruá. Atua em projetos na Terra Indígena Morro dos Cavalos desde 2021. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente.

Eliziane Antunes: Mbya Guarani. Organizadora da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina e liderança do Tekoa Tataendy Rupa, na Terra Indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça, SC. Professora na Escola Indígena Itaty e graduanda em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Natan Almeida Evaristo: Mbya Guarani. Professor na Escola Indígena Itaty. Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica pela UFSC.

Wesley Santos dos Santos: Satere-Mawe, vivendo entre os Guarani desde 2015. Uma das lideranças do Tekoa Tataendy Rupa na Terra Indígena Morro dos Cavalos e organizador da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina.

COMO CITAR:

PEREIRA, Gabriel. ANTUNES, Eliziane. EVARISTO, Wesley. SANTOS, Wesley. Cosmologia e cultura na Liga de futebol Mbya Guarani – SC. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.28, 2024.

Cosmologia e cultura na Liga de futebol Mbya Guarani – SC. © 2024 by PEREIRA, Gabriel. ANTUNES, Eliziane. EVARISTO, Wesley. SANTOS, Wesley. is licensed under CC BY-NC 4.0

Cosmologia e cultura na Liga de futebol Mbya Guarani – SC

Gabriel Pereira, Eliziane Antunes, Natan Almeida Evaristo, Wesley Santos dos Santos
14 de out. de 2024

A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina é um campeonato de futebol de sete jogadores idealizado e organizado por e para a comunidade Mbya Guarani de Santa Catarina, buscando saúde, lazer e integração. Fundado em 2018 por alguns jovens Guarani que cursavam a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atualmente encontra-se em sua 5ª edição.

Essa Liga começou modesta, com poucos tekoa kuery (aldeias) e equipes participantes, mas já se expandiu consideravelmente, tendo, em sua edição mais recente, 25 equipes masculinas e 14 equipes femininas. Nesse contexto, o futebol tem se mostrado uma mola propulsora na integração cultural e territorial, uma vez que há revezamento de aldeias que sediam as rodadas da Liga, organização de caravanas, deslocamentos e encontros.

Cada uma das equipes possui seus próprios nomes, escudos e uniformes, muitos deles repletos de elementos culturais e cosmológicos Mbya Guarani. Entre eles, os guyrapa (arcos-e-flechas), kangua'a (cocares), avaxi ete (milho verdadeiro), mbaraka mirim (chocalho), pindó (palmeira), maiono'i (colibri), além de grafismos, símbolos e nomes que remetem à floresta (ka'aguy) e de homenagens a xeramõi e xejary kuery (anciões).

Em sua dissertação de mestrado, Pereira (2024) chegou a identificar e descrever algumas dessas simbologias e seus significados. O objetivo agora, construindo um texto conjunto com mais mãos e cérebros, é interpretar mais escudos e seus elementos ancestrais, culturais e cosmológicos. Com esse propósito, os autores que assinam este texto têm buscado caracterizar os elementos presentes nos escudos das diversas equipes masculinas e femininas que participam da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Com isso, esperamos também promover a Liga Mbya Guarani para, a partir dela, trazer mais visibilidade à existência, à resistência, à cultura e ao futebol Guarani.

Entre os esforços que temos realizado nesta pesquisa, está a priorização da leitura de textos escritos por autores Guarani, ou que tenham sido escritos por apoiadores dessa comunidade e contem com a participação direta de pessoas Guarani. Trata-se de uma forma não só de minimizar as possibilidades de erros e desvios na pesquisa, mas também de valorizar os

saberes dos próprios pesquisadores e pesquisadoras dessa etnia. Para tanto, tem sido necessário um cuidadoso trabalho de levantamento em bibliotecas virtuais e repositórios específicos, como o repositório da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a biblioteca digital do Centro de Trabalhos Indigenista (CTI), ou o acervo digital do Instituto Socioambiental (ISA), por exemplo. Adquirir livros impressos na comunidade também se mostrou um bom caminho.

Uma primeira descrição realizada por Pereira (2024) já identificou alguns dos elementos ancestrais, culturais e cosmológicos presentes nos escudos da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. O escudo da equipe Ygua Porã (belo local de águas) feminino, por exemplo, é um dos mais bonitos esteticamente, devido ao grafismo, à flor amarela e ao colibri. Mas é também um dos mais repletos de significado, remetendo provavelmente à visão cosmológica Guarani de criação do mundo.



Escudo da equipe Ygua Porã feminina

Fonte: Facebook/Liga Mbya Guarani de SC (2023)

Kerexu Yxapyry, em um momento privilegiado de conversa, nos contou que, no princípio de tudo, o mundo era composto apenas por água. Nhanderu, “nosso pai”, o deus criador, era apenas um verbo, um fogo, que ainda não tinha corpo. Poderoso, Nhanderu começou a imaginar o mundo. Assim, conforme ele imaginava, o mundo foi sendo criado. Primeiro, ele imaginou uma lança ou uma flecha de madeira que muito rapidamente veio do céu e caiu sobre as águas, fincando-se nelas.

Essa flecha de madeira, em contato com a água, gerou uma bela e cheirosa flor em sua ponta. Nesse momento, surgiu um pássaro pequeno que foi apreciar o seu perfume. Esse pássaro, maino’i, que conhecemos como colibri ou beija-flor, no seu intenso bater de asas, tocou a ponta de uma delas no fogo celeste e arremessou faíscas sobre as águas. Nesse encontro entre fogo e águas, surgiu a terra firme. No Plano de Gestão Territorial e

Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos, essa história também está presente:

Como conta a liderança Kerexu Yxapyry, a origem do mundo começa com um estalo de luz na escuridão e a partir de uma explosão surge o nosso planeta. Nhanderu é a luz na escuridão e com seu bastão dá início à criação de vida dentro do planeta. Um dos primeiros seres foi o maino'i, o beija-flor, que com seu intenso bater das asas concebe o encontro das águas com o fogo, e assim surgiu a terra (Morro dos Cavalos, 2021, p. 17).

A partir de então, os vegetais são criados como uma roupa protetora da terra e das águas. Em seguida, chegam os animais dando continuidade à manutenção e expansão da biodiversidade. O ser humano chega como um guardião, protetor de todas as formas de vida nessas terras. Recebemos a sabedoria para ação e reparo na preservação das vidas (Morro dos Cavalos, 2021, p. 17).

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelos autores no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS:

MORRO DOS CAVALOS. Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Morro dos Cavalos: Eko-Etno-Movimento. 2021.

PEREIRA, Gabriel. Liga de futebol Mbya Guarani de Santa Catarina: território, mobilidade e cultura - yvy rupa, djáguata ha'e nhandereko. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista (UNESP). Presidente Prudente, 2024. 190 p.

A amarelinha é de quem? O “dessequestro” da camisa da seleção

Marcelo Alves de Resende, Leda Maria da Costa
18 de out. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Marcelo Alves de Resende é doutorando e mestre em Comunicação pelo PPGCom da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: mar.marceloresende@gmail.com.

Leda Maria da Costa é doutora em Literatura Comparada e mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte, da Universidade Federal Fluminense (NEPESS-UFF), o Laboratório de História do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Sport-UFRJ), o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LEME-UERJ), e o Observatório Social do Futebol da UERJ. É editora-chefe da Revista Esporte e Sociedade.

COMO CITAR:

RESENDE, Marcelo. COSTA, Leda Maria. A amarelinha é de quem? O “dessequestro” da camisa da seleção. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.29, 2024.

A amarelinha é de quem? O “dessequestro” da camisa da seleção

Marcelo Alves de Resende, Leda Maria da Costa
18 de out. de 2024

O Brasil tem vivenciado um processo de normalização do discurso fascista, observado na mídia desde o filme *Tropa de Elite* (2007), passando por programas como o CQC, o Pânico na TV e o Superpop. Desde então, o país viu a extrema-direita chegar à presidência em 2018, com Jair Bolsonaro, e a ascensão do fenômeno político que ficou conhecido como bolsonarismo. Soma-se, a essa normalização, uma sequência de eventos políticos na década de 2010 que desgastou o Partido dos Trabalhadores, que vivia mandatos seguidos no comando da presidência desde 2003, com Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff – retirada do poder por golpe parlamentar em 2016. Entre esses eventos, estão as Jornadas de Junho (2013), as eleições de 2014, a Lava-Jato, a retirada de Lula do pleito de 2018, as manifestações populares de direita, o discurso da mídia e o processo de impeachment contra Rousseff.

Com o antipetismo instaurado no país conectado ao discurso contra a corrupção, o bolsonarismo aproveitou as manifestações de rua para amplificar suas bases e ganhar terreno com um ideal de extrema-direita. Dentre as táticas bolsonaristas para se legitimar no debate político, esteve a cooptação de símbolos nacionais, especialmente a camisa amarela da seleção brasileira masculina de futebol, usando o futebol politicamente a partir de um símbolo que representa sucesso perante o mundo com os cinco títulos conquistados desde 1958. Esse momento foi definido por Simoni Guedes e Marcio Almeida (2019) como o segundo sequestro da Canarinho – o primeiro foi na última ditadura militar.

Com o sequestro da camisa amarela, parte da população brasileira rejeitou usá-la já na Copa do Mundo de 2018, torneio que aconteceu três meses antes das eleições presidenciais daquele ano, com o receio de ser identificada como apoiadora de Jair Bolsonaro (Reis, 2021). Na Copa de 2022, disputada no Catar, em novembro, ineditamente após as eleições presidenciais, o bolsonarismo ainda era identificado com a camisa e ainda estava no poder. No entanto, um movimento passou a ser feito por jornais (como *O Globo* e *Folha de S.Paulo*), coletivos de torcida em defesa da democracia (como a *Canarinhos LGBTQ+*), personalidades brasileiras (como Djonga, Ludmilla e Anitta), a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e

empresas fortemente ligadas ao futebol (como TV Globo, Vivo, Nike e Adidas). Esses atores passaram a instrumentalizar, cada um em seu contexto, ao menos a tentativa de retomar um símbolo que pertencia ao povo brasileiro e desvinculá-lo da extrema-direita, processo que denomino como “dessequestro”.

O fascismo ascendeu com Benedito Mussolini na Itália, na década de 1920, tendo sido derrotado na Segunda Guerra Mundial. No entanto, depois disso, o mundo vivenciou mais quatro ondas fascistas (Mudde, 2022): o neofascismo (1945-1955), o populismo de direita (1955-1980), a direita radical (1980-2000) e a extrema-direita internacional (fase atual). Para denominar fascismo e extrema-direita como sinônimos nesta discussão, são importantes a noção histórica de fascismo e as suas táticas para interditar o debate público e se favorecer dele para chegar ao poder. O bolsonarismo se insere na quarta e atual onda, surgida após um processo em que a extrema-direita se normalizou e se pré-legitimou no debate público – conforme aconteceu com Mussolini na década de 1920, na Itália. Se, a partir do pós-guerra, havia obstáculos e contestações a figuras de extrema-direita, não se pode mais afirmar o mesmo atualmente, dado o processo de normalização de vieses fascistas, populistas e neoliberais.

No século XX, a extrema-direita soube usar o esporte e o futebol para promoção de seus ideais, como aconteceu na Itália fascista, na Alemanha nazista e nas ditaduras da Argentina e do Brasil (Magalhães, 2014). Com Jair Bolsonaro, não foi diferente. Além do sequestro da amarelinha, Bolsonaro usou dezenas de camisas de clubes brasileiros, participou de cerimônias de premiação de competições nacionais e usou a imagem do Flamengo, clube de maior torcida do Brasil, para suas táticas populistas. Assim, no futebol, já a partir da Copa de 2018, na Rússia, houve conflito de sentidos em relação à camisa amarela da seleção brasileira. Mas vale recuperar que, até chegar a esse momento, os símbolos

Lula se associa à bandeira nacional em março de 2022

Fonte: UOL (2022)



nacionalistas já vinham sendo progressivamente usados pela direita nas eleições de 2014, nos protestos a favor do impeachment de Dilma Rousseff em 2015 e nas eleições de 2018. Desde então, já designavam os apoiadores de Bolsonaro, marcando o início do segundo sequestro (Guedes e Almeida, 2019). No entanto, em 2022, chegamos a outro contexto, influenciado pelas eleições presidenciais e pelo retorno de Lula ao tabuleiro político.

Com a produção vasta de sentidos em ano de Copa, empresas encampam diversas campanhas publicitárias a fim de, além de criar um clima de mundial, produzir união entre os brasileiros que estavam afastados por causa da política e popularizar a camisa amarela para retirá-la do domínio bolsonarista, com referências à favela, à diversidade étnica da população brasileira, etc. Não podemos ser ingênuos e desconsiderarmos o interesse comercial por trás da mobilização nacional por meio das narrativas empreendidas. Personalidades como Anitta, Djonga e Ludmilla também encampam o discurso de “dessequestrar” a camisa da seleção brasileira e retirá-la do poderio bolsonarista. Em abril, a seis meses das eleições e sete da Copa do Mundo, Anitta já abordava o assunto. Um mês antes, em evento realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com lideranças da esquerda internacional, Lula empunhou a bandeira nacional e afirmou “blusa e bandeira não são desse fascista” (UOL, 2022). Como representante da esquerda, Lula associa-se aos símbolos nacionais e cria a narrativa de dissociá-los da exclusividade da extrema-direita.



X, 11 de set. 2022

Fonte: Ludmilla (2022)



**Nike Futebol
apresenta:
Veste a Garra**

Fonte: Nike (2022)

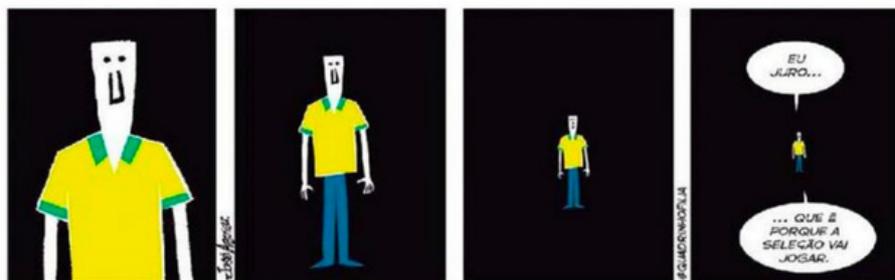


**Campanha da Adidas
para a Copa de 2022**

Fonte: Luva de Pedreiro (2022)

O Globo e Folha de S.Paulo, principais jornais do país, debateram a politização da amarelinha intensamente durante a Copa de 2022. Produziram narrativas midiáticas, com técnicas do jornalismo, para conquistar audiência na cobertura do torneio, a partir de seção de leitores, artigos, charges e reportagens. Com as vitórias nas duas rodadas iniciais do mundial, por exemplo, os periódicos criaram um discurso de que a amarelinha havia sido retomada e que torcedores que estavam reticentes em usar a camisa do Brasil haviam cedido diante dos jogos. Ambos os veículos usaram as imagens de Richarlison e Neymar para pô-los em campos políticos opostos: o primeiro, ligado a causas progressistas, o segundo, apoiador declarado de Bolsonaro.

NADA COM COISA ALGUMA José Aguiar



O Globo, Segundo Caderno, p. 3 – 22 de nov. 2022
 Fonte: Aguiar (2022)

Viver Dói Fabiane Langona



Folha de S.Paulo, p. C6 – 22 de nov. 2022
 Fonte: Langona (2022)



Folha de S.Paulo, p. C6 – 27 de nov. 2022
 Fonte: Galvão (2022)

O futebol havia popularizado a canarinho durante os títulos mundiais no século XX. Desse modo, se houve o segundo sequestro, podemos entender, a partir deste trabalho, que existe a possibilidade do segundo “dessequestro” – tendo o primeiro ocorrido após a sociedade brasileira recuperá-la da última ditadura militar, que controlava o uso dos símbolos nacionais. Por que a possibilidade? Porque consideramos cedo demais para concluir que aconteceu o “dessequestro” da canarinho e dos demais símbolos nacionais na sociedade brasileira, ficando, por enquanto, apenas uma tentativa – principalmente após a saída de Jair Bolsonaro da presidência. Um exemplo foi o atentado golpista de 8 de janeiro de 2023, quando milhares de bolsonaristas formaram um mar verde e amarelo e destruíram a sede dos três poderes em Brasília, numa tentativa de reconduzir, por meio de um golpe militar, Jair Bolsonaro ao comando do país.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelos autores no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, José. Nada com coisa alguma. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 22 de nov. 2022.

GALVÃO, Jean Figurinhas. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. C6, 27 de nov. 2022.

GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. Cuadernos de Aletheia. La Plata, n. 3, 2019.

LANGONA, Fabiane. Viver dói. Folha de S.Paulo, São Paulo, p. C6, 22 de nov. 2022.

LUDMILLA. O resgate da nossa bandeira e do orgulho de ser brasileiro. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/Ludmilla/status/1569130083260190721?ref_src=twsrc%5Etfw>. Acesso em: 25 de jan. 2024.

LUVA DE PEDREIRO. Campanha da Adidas para a Copa de 2022. 2022. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/irFOQ>>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MUDDE, Cas. A extrema-direita hoje. Tradução de João Marcos E. D. de Souza. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

NIKE. Veste a garra. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DFR6j5GN51k>>. Acesso em: 19 de jan. 2024.

REIS, Mattheus. Amarelo desbotado: crise e sequestro da camisa da seleção brasileira de futebol. Ebook: 2021.

UOL. "Papel dos militares não é puxar saco do Bolsonaro", diz Lula. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/30/papel-dos-militares-nao-e-puxar-saco-do-bolsonaro-diz-lula.htm>>. Acesso em: 25 de jan. 2024.

Breve história da criação dos times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros

Vanrochris Helbert Vieira
5 de nov. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Vanrochris Helbert Vieira é doutor em Ciências Humanas, área de concentração Estudos de Gênero, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É bolsista de pós-doutorado júnior no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) e editor do blog Bate-Pronto.

COMO CITAR:

VIEIRA, Vanrochris. Breve história da criação dos times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.31, 2024.

Breve história da criação dos times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros. © 2024 by VIEIRA, Vanrochris. is licensed under CC BY-NC 4.0

Breve história da criação dos times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros

Vanrochris Helbert Vieira

5 de nov. de 2024



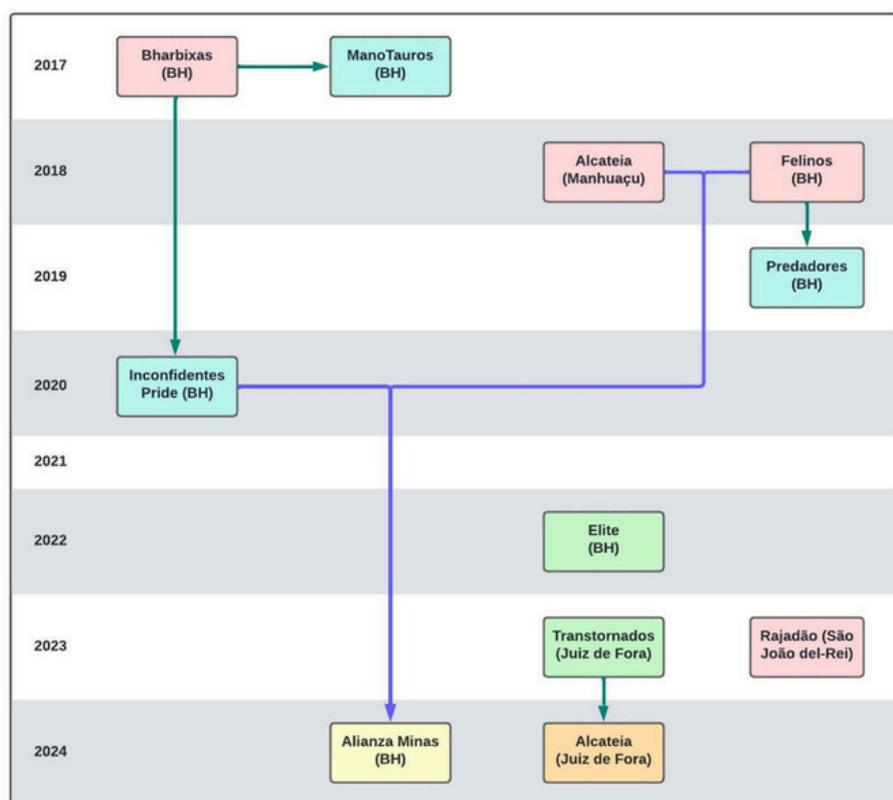
Equipe do Alianza Minas em 24 de junho de 2024

Fonte: Instagram/Alianza Minas

Desde 2018, tenho conduzido um trabalho etnográfico em torno dos dois primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros, o Bharbixas e o ManoTauros (Vanrochris Vieira, 2023). A partir dessa investigação, foi possível traçar um cenário construído por esses e outros times mineiros entre 2017 e 2024. Uma das atividades de pesquisa desempenhadas foi a realização de entrevistas com membros e ex-membros dos times pesquisados. Além disso, foram feitas observações participantes em peladas, treinos e eventos promovidos por eles. Também foi utilizada, de forma complementar, a etnografia de tela (Carmen Rial, 1995) para colher dados no Instagram e no Facebook. Times de futebol LGBTQIAPN+ são equipes de futebol amadoras compostas por pessoas LGBTQIAPN+. Mas a maioria desses times é composta quase exclusivamente por homens gays. Esses times jogam no formato fut7. Eles existem no Brasil desde 1990, mas só em 2017 houve um boom na criação dessas equipes, além da formação da liga nacional (LiGay) e do campeonato nacional (Champions LiGay). É

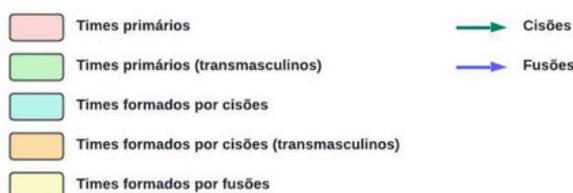
também em 2017 que surgiram os primeiros times mineiros.

A seguir, irei dividir a criação dos times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros em três fases. A primeira, que eu chamo de “surgimento”, se passou entre 2017 e 2019. Nesse período, foram criados os primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ no estado. A segunda, à qual eu me refiro como “reconfiguração”, se estendeu de 2020 a 2022, sendo marcada por uma mudança significativa no cenário criado na fase anterior. Por fim, a fase aqui denominada “complexificação”, iniciada em 2023, tem como característica uma grande diversificação de movimentos. Abaixo, está um esquema que apresenta a criação dos times identificados por esta pesquisa, indicando movimentos de cisão e fusão que deram origem a parte deles. É interessante observar que alguns times, que estão destacados, são compostos apenas por homens trans e pessoas transmasculinas. No entanto, é preciso fazer uma reserva: esses são os times cuja existência foi possível identificar no desenvolvimento atual da pesquisa. Às vezes, novas equipes surgem de forma isolada, sem relação direta com outras já identificadas, o que as torna difíceis de detectar. No quadro abaixo, por exemplo, há equipes que só foram descobertas por esta pesquisa cerca de um ano após a sua fundação. Por isso, é possível que o quadro abaixo não represente a totalidade dos times já existentes no estado.



Criação dos times LGBTQIAPN+ de Minas Gerais

Fonte: produzido pelo autor



Fase I: Surgimento (2017-2019)

O primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ fundado em Belo Horizonte foi o Bharbixas, em 2017. No entanto, logo no início da vida da equipe, uma tensão entre um grupo de jogadores e o restante do time marcava a sua dinâmica, sendo possível identificar dois grupos muito distintos. Um deles parecia estar focado apenas no futebol, enquanto o outro pensava também no impacto social desse movimento. Logo depois da fundação do time, a LiGay organizou a primeira edição do Champions LiGay, e o Bharbixas foi convidado para participar. Mesmo com as desavenças, esses dois grupos que compunham o time foram competir juntos, e o Bharbixas voltou para Minas Gerais com a taça de campeão.

A fundação do ManoTauros aconteceu logo depois dessa competição. Um dos motivos apontados para a cisão entre os dois times foi uma tensão entre inclusão e competitividade. O Bharbixas defendia que o time deveria incluir todos os interessados, independentemente de suas capacidades técnicas. Já o ManoTauros visava um alto rendimento. Além disso, para um dos fundadores do ManoTauros, o Bharbixas não tinha o futebol como seu principal foco. Na sua perspectiva, os membros do Bharbixas viam esse movimento como uma festa. De fato, Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) corroboram que, desde a formação do Bharbixas, muitas pessoas se agregaram à equipe pela socialização, e não pelo futebol. Elas iam às peladas e aos jogos pela música que era tocada durante as partidas, com a intenção de dançar e interagir umas com as outras.

No entanto, além dessas questões, a afeminação dos demais jogadores do Bharbixas também teria sido um fator para que os membros fundadores do ManoTauros saíssem do time. Um dos fundadores do ManoTauros confirmou que eles achavam a manifestação de gênero dos demais membros do Bharbixas “caricatural” e se preocuparam em criar o ManoTauros como uma equipe que expressasse masculinidade, a partir de elementos como o nome e o mascote do time, que é o Minotauro. Tudo isso gerou um contexto de rivalidade entre o Bharbixas e o ManoTauros. Em 2018, o Bharbixas comemorou seu aniversário de um ano no Mineirão, sendo o primeiro time LGBTQIAPN+ brasileiro a jogar em um estádio que foi sede da Copa do Mundo (Vanrochris Vieira, 2021). O time jogou contra uma “seleção” de jogadores convidados vindos de outros times do país. Após o jogo, houve também uma festa no estádio. Também em 2018, o Bharbixas participou pela primeira vez de um campeonato convencional (com times que não são LGBTQIAPN+).

Desde 2018, novos times foram sendo criados na cidade, trazendo outros contornos para o cenário dicotômico que opunha apenas esses dois

grandes rivais. Nesse ano, foi criado o Felinos, em Belo Horizonte. No ano seguinte, uma cisão nesse time deu origem ao Predadores. Esses dois também passaram a ter uma nova rivalidade entre si, motivada, mais uma vez, por uma cisão. Em 2018, também foi criado o primeiro time do interior de Minas Gerais, o Alcateia, em Manhuaçu.

Em 2019, a 5ª edição do Champions LiGay ocorreu em Belo Horizonte, sendo organizada pelo Bharbixas. A edição contou com 25 times brasileiros. Bharbixas, ManoTauros e Predadores também competiram com equipes femininas em uma chave paralela. Vários times LGBTQIAPN+ possuem ou já possuíram equipes femininas, mas o levantamento completo sobre esse tema não foi realizado nesta pesquisa. Foi possível identificar que o Bharbixas criou sua equipe feminina em 2018. Também foi observado que as peladas recreativas dos times contam eventualmente com presença feminina. O Bharbixas foi pioneiro na presença de mulheres no Champions LiGay ao contar com uma jogadora trans na chave principal da LiGay desde a 3ª edição do evento, em 2018. Posteriormente, Felinos e Alianza Minas também estiveram entre os poucos times a realizar esse movimento. A presença feminina nos times LGBTQIAPN+ é um tema que demanda mais investigações. Na edição do Champions LiGay ocorrida em Belo Horizonte, houve problemas significativos na estrutura do evento, como destacado por Wagner Camargo (2021), cuja responsabilidade foi atribuída à organização do Bharbixas.

Fase 2: Reconfiguração (2020-2022)

Mesmo com a saída dos membros fundadores do ManoTauros, persistiu no Bharbixas uma divisão interna entre os membros que queriam jogar recreativamente e os que desejavam jogar competitivamente. Durante a pandemia, a direção do Bharbixas proibiu a realização de quaisquer atividades até que houvesse a vacinação dos membros do time. Essa proibição foi o estopim para que esses dois grupos se separassem, dando origem à segunda cisão do Bharbixas, com a fundação do Inconfidentes Pride, em 2021. Mas o fundador desse time defendeu, em entrevista, que a criação dele se deu em um momento em que as restrições da pandemia já estavam flexibilizadas em Belo Horizonte.

Por outro lado, o ManoTauros também já vinha se desestabilizando devido a conflitos internos, motivo pelo qual um de seus fundadores havia saído do time. Com a criação do Inconfidentes Pride, ele se juntou a essa equipe, levando consigo alguns membros do ManoTauros, já que esse time também estava impondo restrições para a atividade dos jogadores durante a pandemia. Com isso, a pandemia deu um golpe quase fatal nos dois maiores times do estado. A crise do ManoTauros fez com que seu time

competitivo ficasse muito enfraquecido. Já o Bharbixas ficou completamente sem time competitivo, devido ao desfalque provocado pela criação do Inconfidentes Pride. Assim, a relação de forças entre os times do estado mudou totalmente, e o Felinos e o Inconfidentes Pride tornaram-se as novas potências do futebol LGBTQIAPN+ mineiro.

Porém, não apenas a escala de forças dos times mudou, mas também a relação existente entre eles, gerando um cenário colaborativo entre as equipes de Belo Horizonte, com um papel central do ManoTauros e uma participação muito pequena do Bharbixas. Em 2020, houve o primeiro campeonato específico para os times mineiros, a Copa BH. No mesmo ano, passou a existir o Campeonato Mineiro de times LGBTQIAPN+. Em 2021, o Inconfidentes Pride, o Felinos, o Predadores e o ManoTauros criaram um projeto chamado Belory Hills Futebol & Resenha para participar de uma competição como uma única equipe, em São Paulo. Em 2022, uma colaboração entre essas quatro equipes tornou possível a formação de um supertime competitivo para disputar um concorrido “campeonato hétero” (forma como os jogadores entrevistados chamam os campeonatos convencionais) pelo ManoTauros. A iniciativa deu muito certo e o time saiu vitorioso, marcando a culminância de um processo de união entre essas equipes.

Para além desses campeonatos, Predadores e ManoTauros haviam estabelecido uma relação de mútua colaboração: membros do ManoTauros passaram a reforçar o Predadores nas disputas de jogos LGBTQIAPN+, enquanto o Predadores oferecia jogadores para o ManoTauros disputar “jogos hétero”. Assim, a atuação das duas equipes se tornou segmentada e complementar. O Bharbixas, por sua vez, também estabeleceu uma parceria com o Felinos, de forma que os membros do primeiro time passaram a competir nos campeonatos pela equipe do segundo.

Com o novo cenário estabelecido, a rivalidade que existia entre o Bharbixas e o ManoTauros se arrefeceu. Primeiro porque o Bharbixas já não tinha mais time competitivo, permanecendo apenas com as atividades recreativas. Segundo porque o perfil dicotômico entre os dois times havia se dissipado, já que a nova direção do ManoTauros passou a adotar uma filosofia muito diferente da que o time tinha no início, prezando mais pela inclusão do que pela competitividade, assim como o Bharbixas. O cenário construído por esta segunda fase se completou com a criação do Elite, o primeiro time transmasculino de Minas Gerais, em 2022.

Fase 3: Complexificação (2023-2024)

Em 2023, o futebol LGBTQIAPN+ chegou a duas outras cidades do interior

de Minas Gerais. Nesse ano, o Rajadão surgiu em São João del-Rei. Já em Juiz de Fora, foi fundado o Transtornados, o primeiro time transmasculino fora da capital. No ano seguinte, esse time passou por uma cisão, dando origem ao Alcateia – time transmasculino com o mesmo nome de outro time LGBTQIAPN+ já existente em Manhuaçu.

Em 2024, mais uma vez, o futebol LGBTQIAPN+ mineiro passou por uma grande reconfiguração de forças quando o Felinos e o Inconfidentes Pride, os dois times com maior desempenho nas competições nacionais, resolveram se unir para formam um único time capaz de bater de frente com as equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Junto com o Alcateia, de Manhuaçu, eles criaram o Alianza Minas. Com isso, o Inconfidentes Pride extinguiu completamente suas atividades, enquanto o Felinos e o Alcateia as pausaram por tempo indeterminado. Devido a esse movimento, a parceria entre o Bharbixas e o Felinos também se extinguiu. Também a relação de complementariedade entre o ManoTauros e o Predadores havia sido finalizada, em 2023, devido a conflitos internos entre os dois times.

Também em 2023, o Elite havia organizado um torneio chamado Copa Inclusão, contando com times LGBTQIAPN+, femininos e masculinos convencionais. Mas, em 2024, essa equipe passou por uma mudança muito significativa, deixando de ser formada exclusivamente por homens trans. Segundo o presidente do Elite, um grande número de adolescentes de áreas carentes próximas ao local em que o time treinava pediu para começar a participar dos treinos. Com isso, o Elite acabou se abrindo para a participação também de pessoas que não são LGBTQIAPN+.

Segue, abaixo, um esquema geral das relações entre os times LGBTQIAPN+ mineiros, mostrando os movimentos de cisões, fusões, parcerias, extinções, pausas e aberturas.

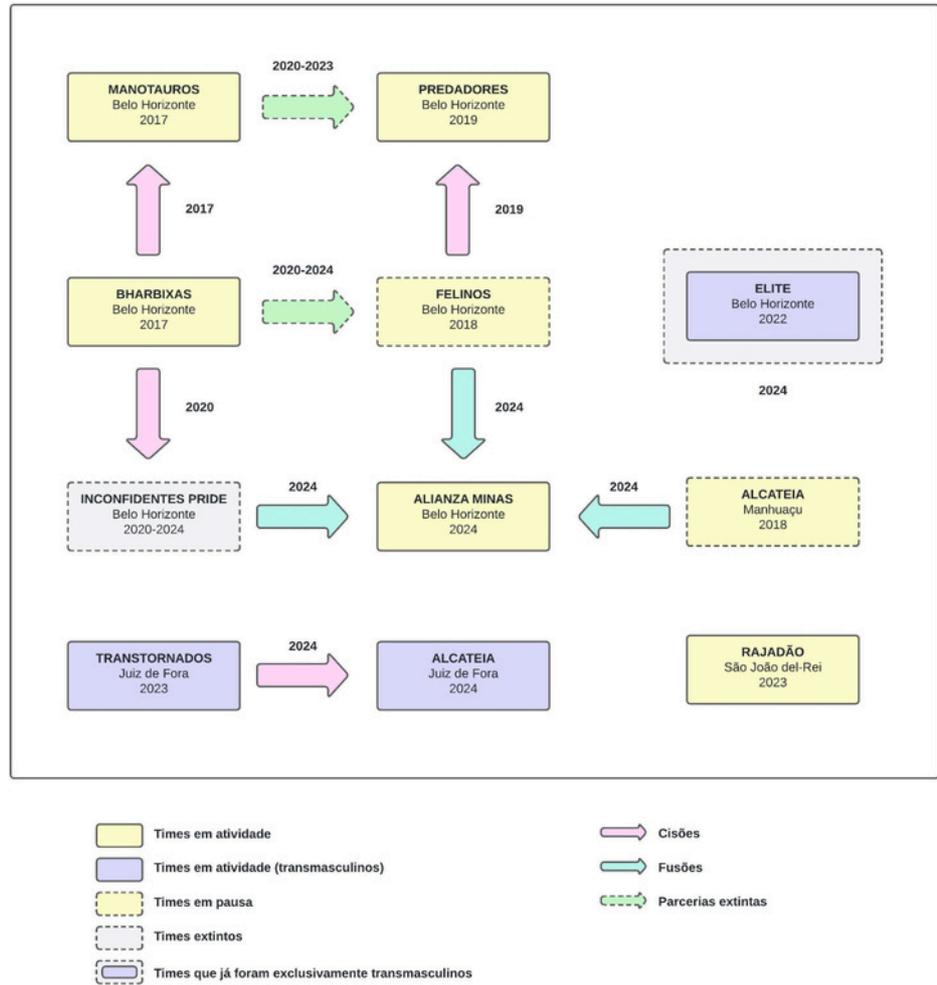
Várias pequenas observações dão sinais da complexificação do cenário desses times nesta terceira fase. Nela, pela primeira vez, podemos identificar:

- Um time formado pela fusão de outros times (Alianza Minas)
- Um time extinto (Inconfidentes Pride)
- Um time transmasculino criado no interior (Transtornados)
- Um time transmasculino formado por cisão (Alcateia de Juiz de Fora)
- Um time do interior formado por cisão (Alcateia de Juiz de Fora)
- Times com atividades pausadas (Alcateia de Manhuaçu e Felinos)
- Times ativos em mais de uma cidade do interior (São João del-Rei e Juiz de Fora)
- Mais de um time na mesma cidade do interior (Juiz de Fora)
- Mais de um time com o mesmo nome (Alcateia de Manhuaçu e Alcateia

- de Juiz de Fora)
- Um time deixando de ser composto exclusivamente por pessoas LGBTQIAPN+ (Elite)

Esquema geral dos times LGBTQIAPN+ de Minas Gerais

Fonte: produzido pelo autor



O panorama observado demonstra que o futebol LGBTQIAPN+ tem se construído de forma dinâmica e instável, com cisões, reagrupamentos e modificações internas que alteram o perfil dos times e a sua relevância ou não no cenário geral das equipes. Em apenas oito anos, pelo menos onze times foram criados em Minas Gerais, em quatro cidades diferentes. Desse total, quatro foram formados por cisões e um por meio da fusão de times que já existiam anteriormente. Isso mostra que esse é um fenômeno complexo e bastante dinâmico. No entanto, cabe observar se essa é uma característica que marca apenas o momento inicial de formação dessas equipes ou se esse padrão se estenderá, se consolidando como uma forma típica de organização desse movimento.

Observação: Após a publicação deste texto, fomos atualizados de que, depois da cisão com o Alcateia, o Transtornados passou por uma reformulação e se tornou aberto a quaisquer pessoas trans, incluindo também mulheres trans, travestis e não-binárias.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelo autor no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS:

ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 214-231, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-13, mai./ago. 2021.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Antropologia e mídia: breve panorama das Teorias da Comunicação. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, n. 1, p. 4-64, jan./dez. 1995.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. Aniversário do Bhabixas no Mineirão: experiência, futebol gay, mercado e direito à cidade. *Sociabilidades Urbanas*, João Pessoa, v. 5, n. 13, p. 125-136, mar. 2021. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/biblioteca/aniversario-do-bhabixas-no-mineirao-experiencia-futebol-gay-mercado-e-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 29 de mai. 2023.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. *O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte*. 2023. 384 p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023.

Territórios-redes, territórios-zonas: alianças entre torcidas organizadas

João Vitor Cardoso Sudário
22 de nov. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

João Vitor Cardoso Sudário é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de Mestrado Nota 10 na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: joaovitorcsudario@gmail.com.

COMO CITAR:

SUDARIO, João. Territórios-redes, territórios-zonas: alianças entre torcidas organizadas. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.33, 2024.

[Territórios-redes, territórios-zonas: alianças entre torcidas organizadas](#) ©
2024 by SUDARIO, João. is licensed under [CC BY-NC 4.0](#)

Territórios-redes, territórios-zonas: alianças entre torcidas organizadas

João Vitor Cardoso Sudário

22 de nov. de 2024

Território é, com certeza, um dos conceitos mais trabalhados pela ciência geográfica ao longo de sua existência. É um conceito multidisciplinar e, por consequência, multiterritorial. Obviamente, o jogo de palavras aqui tem como intuito demonstrar mobilidade linguística. No entanto, também há a intencionalidade de expor que existe uma movimentação do conceito em relação a ele mesmo e aos sujeitos que o manipulam. Gottman (2012), geógrafo francês que, posteriormente, se tornou morador dos Estados Unidos, nos traz uma definição introdutória interessante para território:

Território é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo.

Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido em um Estado nacional ou uma parte deste que é dotada de certa autonomia.

Ele também serve para descrever as posições no espaço das várias unidades participantes de qualquer sistema de relações internacionais.

(Gottman, 2012, p.523)

Considerando o que Gottman (2012) define como conexão ideal do espaço e da política, podemos construir – ou melhor, interpretar – as dinâmicas territoriais direcionando o nosso olhar para o movimento, grupo ou recorte em torno do qual pretendemos trabalhar, através da ótica da política. Somado a isso, é indispensável que a análise seja construída com apoio do que acontece no mundo, uma vez que a relação político-espacial se desenvolve a partir de tempos-espacos que encontram bases em relações políticas de dominação e apropriação (Haesbaert, 2004; Souza, 2022).

Em uma tentativa de tornar nossa reflexão menos abstrata, utilizaremos, como exemplo, movimentos sociais urbanos. No nosso caso, torcidas organizadas de futebol e suas alianças. É preciso recuar um pouco antes de contextualizarmos nosso objeto nas contemporaneidades, para ressaltarmos que o fenômeno das torcidas organizadas – hoje nominadas dessa maneira – é construído a partir de um processo histórico importante que caminha em conjunto com a formação social brasileira (Toledo, 1996; Mascarenhas, 1999) – sendo, assim como outros segmentos, fruto de conquistas também populares.

Retornando às torcidas como elas são hoje, é quase uma condição sine qua non relacionar suas práticas aos recortes territoriais, seja por apropriação de um espaço – territorialização no estádio, por exemplo – ou em casos de dominação sobre outros territórios, como nos confrontos entre grupos por valorização da identidade territorial. Dessa maneira, ao considerarmos as nuances de dominação e apropriação dos territórios pelos grupos de torcedores organizados, pode-se perceber que a análise geográfica das torcidas contém tendências territoriais estratégicas (Lacoste, 2012) – seja a partir de uma lógica zonal ou reticular, sobretudo ao considerarmos contextos como globalização e o capitalismo tardio.

É levando em conta a necessidade estratégica do território para as torcidas que as alianças entre diferentes agremiações de times são formadas, se mobilizando entre uma lógica de território-zona (organização individual por torcida) e território-rede (alianças) – quanto a essa variação de conceitos, sugiro os trabalhos de Haesbaert (2004) e Souza (2022). Por tudo isso, considerando o contexto brasileiro, é importante mencionar as três principais alianças entre torcidas, sendo elas: União Punho Cruzado, União Dedo Pro Alto e União Punho Colado.

O objetivo desta pesquisa é entender o comportamento das alianças entre torcidas organizadas do futebol brasileiro em uma perspectiva de interface conceitual entre território-zona e território-rede. Mais especificamente, nota-se a necessidade de se observar o caráter de expansão das redes entre torcidas e seus movimentos, identificando a quantidade de alianças estabelecidas em cada união e, por fim, cartografando os panoramas dentro dos territórios.

No percurso teórico-metodológico, este trabalho parte de bases bibliográficas do campo geográfico, abordando conceitos-chaves como o de “território” e “rede” para, dessa maneira, compreender a noção de território-rede. No que diz respeito às referências, destacam-se Haesbaert (2004, 2009, 2014, 2021), Souza (2022) e Lacoste (2012). Além disso, no que tange aos aspectos das sociedades de controle e segurança, características muito presentes em torcidas, nota-se a importância de Foucault (2008a, 2008b, 2008c), além de Deleuze e Guattari (2010, 2011).

Como aparato prático, o presente trabalho pretende utilizar-se da cartografia como instrumento de análise estratégica geográfica (Lacoste, 2012) para mapear, de maneira individual e coletiva, as redes traçadas pelas uniões de torcidas dentro do território. Dessa maneira, pretende-se entender e demonstrar a mobilidade dentro das redes e/ou as concentrações em formatos de zonas.

Enquanto resultado, observa-se, de maneira inicial, que as torcidas atuam em uma lógica zonal no que diz respeito às suas ações individuais dentro de sua organização interna – subdivisões entre grupos da mesma torcida como, por exemplo, os Pelotões, que são hierarquizados a partir de uma estratégia central, semelhante ao processo que se realiza entre estados e municípios. No entanto, ao mesmo tempo, adquirem uma lógica de território em rede para demonstrar o poderio de suas alianças e expansão de suas atividades, vide os acordos ao longo do território. É preciso ressaltar que o trabalho ainda se encontra em elaboração e pesquisa, sendo, portanto, passível de outras interpretações.

O presente trabalho, portanto, espera contribuir com as discussões a respeito dos movimentos de torcidas organizadas em suas complexidades, sobretudo no que circunda suas mobilidades e estratégias de manutenção de poder. Além disso, proporcionar diferentes olhares sobre a temática – no nosso caso, o olhar do campo geográfico acerca da problemática em questão.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelo autor no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é filosofia. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, M. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. Segurança, território, população. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 2008c.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. Boletim Campineiro de Geografia, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 95-120.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

HAESBAERT, R. Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Bertrand Brasil, 2014.

LACOSTE, Y. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MASCARENHAS, G. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. Conexões, v. 1, n. 2, p. 46-46, 1999.

SOUZA, M. L. Território e (des) territorialização. In: SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial, 2022. v. I. p. 77-110.

TOLEDO, L. H. Torcidas organizadas de futebol. Autores Associados, 1996.

De jovens promessas a jogadores caros

Pedro Sombra de Souza
28 de nov. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Pedro Sombra de Souza é graduando em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: psombra@usp.br.

COMO CITAR:

SOUZA, Pedro. De jovens promessas a jogadores caros. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.34, 2024.

De jovens promessas a jogadores caros

Pedro Sombra de Souza

28 de nov. de 2024

Nas últimas décadas, estudos da economia e da gestão esportiva têm tratado dos determinantes por trás das cifras dos jogadores de futebol (Lucifora; Simmons, 2003; Trequanttrini et al, 2012; Wicker et al, 2013; Herm et al, 2014; Majewski, 2015, 2016; Müller et al, 2017; Peeters, 2018; Coates; Parshakov, 2022). O mercado de transferências do futebol encontra-se, como indicam, intimamente permeado na dinâmica do “esporte-espetáculo” moderno, sob uma lógica mercantil que transforma os clubes em “empresas capitalistas”, ou ainda em “sociedades anônimas cotadas na bolsa de valores” (Prioni, 1998; Bourdieu, 1998).

Com a progressiva constituição do mercado da bola enquanto subcampo relativamente autônomo – ou seja, estruturado a partir de um tipo específico de capital, dentro de uma cronologia e de uma lógica inerentes à sua dinâmica interna – destinado à circulação e à cotação de atletas profissionais, uma série de recursos técnicos passaram a ser mobilizados, de modo a alterar o próprio funcionamento do campo esportivo – dentre eles, o portal de dados alemão Transfermarkt. Os valores de mercado disponibilizados por essa plataforma passaram a constar ora como fonte nos relatórios oficiais dos clubes, ora como argumento durante as negociações de contrato de jogadores (Keppel; Claessens, 2020; Aarons, 2020; Smith, 2021).

Ao contrário do que se pode imaginar, o Transfermarkt, porém, não segue nenhum tipo de fórmula ou algoritmo no “cálculo” mercadológico dos atletas. Na verdade, a Marktwertanalyse (análise dos valores de mercado) é realizada por uma equipe técnica contratada, por voluntários e, em maior medida, por usuários registrados do site, que sugerem avaliações em fóruns especializados a partir de um ideal de precificação que envolve o reconhecimento de fatores, modalidades de transferência individual e condições situacionais, conforme esquematizado a seguir. Por isso, a noção de crowd wisdom – sabedoria das multidões – é indispensável para a compreensão operacional da plataforma e de seu modelo de determinação valorativa (Bon, 2018; Galton, 1907; Surowiecki, 2005).

Fatores mais importantes para os valores de mercado

(Transfermarkt, 2022a)

- Desempenho no clube e na seleção nacional
- Promessas/expectativas futuras
- Idade
- Nível e status da liga, tanto em termos esportivos quanto financeiros
- Reputação/prestígio
- Potencial de desenvolvimento
- Efeitos específicos da liga
- Valor de marketing
- Número e reputação dos clubes interessados
- Potencial de desempenho
- Nível de experiência
- Suscetibilidade a lesões
- Diferentes condições financeiras de clubes e ligas
- Demanda geral e “tendências” do mercado
- Desenvolvimento geral de taxas de transferência
- Fatores externos, como a pandemia de coronavírus e suas consequências

Modalidades de transferência individual

(Transfermarkt, 2022a)

- Transferências por meio de opção de compra/obrigação de compra
- Taxa de empréstimo
- Aquisição parcial dos direitos de transferência
- Cláusula de saída
- Opção de recompra
- Troca de jogadores
- Duração do contrato
- Participação na revenda
- Pagamentos de bônus
- Melhoria do equilíbrio financeiro

Condições situacionais de definição dos valores de mercado

(Transfermarkt, 2022a)

- Cenários de pressão, como pressão competitiva, de sucesso ou financeira, etc.
- Vontade/desejo/interesses do jogador
- O clube não vende para o licitante com lance mais alto
- O jogador entra em greve ou similar
- Salário alto
- Clube quer vender jogador

Como ponto de partida, em vista dos procedimentos adotados pelo Transfermarkt, esta pesquisa assume dois pressupostos: o da centralidade da noção de valoração e o da multiplicidade de critérios de determinação valorativa. A princípio, não se trata aqui de analisar tão somente os processos de valorização ou desvalorização separadamente, mas sim de se concentrar nas operações lógicas – isto é, a consideração de fatores, modalidades e condições – por trás da avaliação dos valores de mercado.

Em seguida, entende-se que a Marktwertanalyse presume a agência de múltiplos prescritores, para além dos determinantes performáticos de rendimento em campo e das estatísticas de desempenho – como gols, assistências, dribles, desarmes ou clean sheets, por exemplo. Tais premissas buscam se afastar do “empirismo descritivo” e do “tecnicismo” frequentemente associados às definições de formação/produção de futebolistas, para, assim, dar conta da multiplicidade de dimensões – econômicas, culturais, políticas, morais (e, portanto, sociais) – que envolvem a conversão dos atletas em mercadorias (Damo, 2005).

Nesse sentido, no intuito de conceber o valor de mercado (Marktwert) na lógica da “distinção social”, parte-se aqui do referencial teórico bourdieusiano – a saber, a tríade conceitual “habitus”, “campo” e “capital” (Bourdieu, 1979). No mais, faz-se empréstimo da noção de “capital futebolístico” em sentido amplo, enquanto uma constelação de competências – como motricidade geral, atributos psicológicos e componentes cognitivos – que garantem não só a inserção como também a circulação legítimas de um jogador no interior do universo profissional – o que inclui, nesse caso, a cotação maior ou menor de um atleta na bolsa de valores, que constitui o moderno sistema de transferências do futebol (Damo, 2005). Enfim, mobiliza-se também a noção de “sistema futebolístico” enquanto a “união de vários campos relacionados à prática do futebol”, bem como o conceito reelaborado de “capital futebolístico” como a “soma de conhecimentos particulares ao campo futebolístico”, em suas dimensões corporais, sociais e econômicas (Rial, 2008, p. 23-24).

Este trabalho investiga a agência da categoria “promessas futuras” enquanto determinante extra/intracampo no desenvolvimento de valores de mercado de jogadores de futebol brasileiros profissionalizados, dentro do recorte temporal que contempla o último e mais recente ciclo de Copa do Mundo (2019-2022). Dessa forma, o estudo de caso analítico é a base da investigação das implicações valorativas destes fatores.

Por “promessas futuras”, entende-se aqui o caso de jogadores sub-23 que, desde a estreia no futebol profissional, em especial no intervalo entre 2019 e 2022, sejam altamente cotados como novas revelações promissoras do

futebol brasileiro, com expectativas elevadas, porém ainda não atingidas necessariamente.

Foram selecionados quatro jogadores profissionais brasileiros atuantes em alguma das cinco principais ligas do futebol europeu – *Premier League* (Inglaterra), *La Liga* (Espanha), *Serie A* (Itália), *Bundesliga* (Alemanha) e *Ligue 1* (França). Desse quarteto de futebolistas, foi formado um grupo típico-ideal, com o intuito de representar casos possíveis do fator proposto.

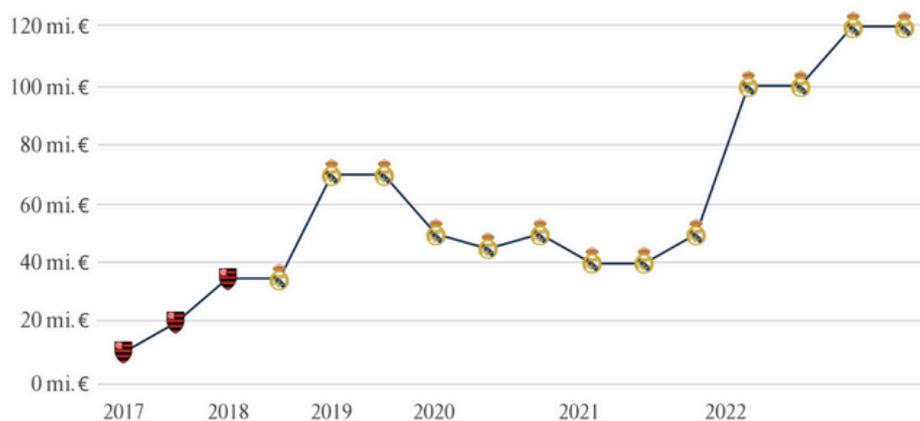
Após a identificação das categorias e a seleção dos atletas, foram analisados os esquemas de desenvolvimento do valor de mercado de cada um dos futebolistas. Com a extensa base de dados do *Transfermarkt*, fez-se possível visualizar graficamente as atualizações de valor de mercado dos jogadores no recorte temporal proposto (2019-2022). A partir da interpretação cronológica da variação de valores de mercado, pretende-se chegar a um entendimento aproximado da correlação entre a categoria específica colocada em evidência e o perfil de valoração dos atletas, assim como das tendências do mercado de transferência em relação a cada um dos elementos indicados.

Embora o material empírico tenha apontado para diferentes trajetórias da carreira de futebolista, a partir dos gráficos de desenvolvimento dos valores de mercado, foi possível perceber algumas regularidades. A grosso modo, as jovens promessas podem viver experiências crescentes e decrescentes de realização ou não da efetiva conversão de talentos futuros para jogadores caros – o que não significa a impossibilidade de “vingar” em um momento posterior, ou então uma imunidade absoluta ao decréscimo de valor.

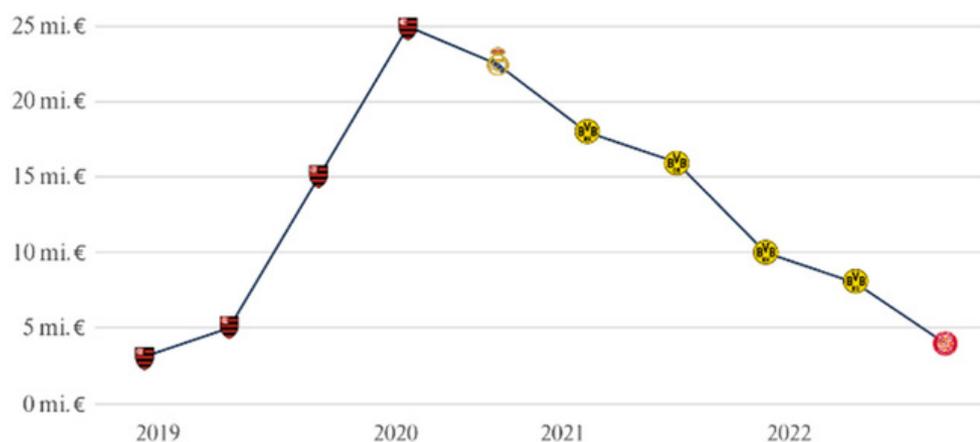
Para este texto, foram analisados os valores de mercado de Vinicius Junior, Rodrygo, Reinier e Kaio Jorge, como exemplos duplos de casos de relativo sucesso ou fracasso na conversão de talentos, respectivamente:

Desenvolvimento do valor de mercado (Transfermarkt, 2022b; 2022c; 2022d; 2022e)

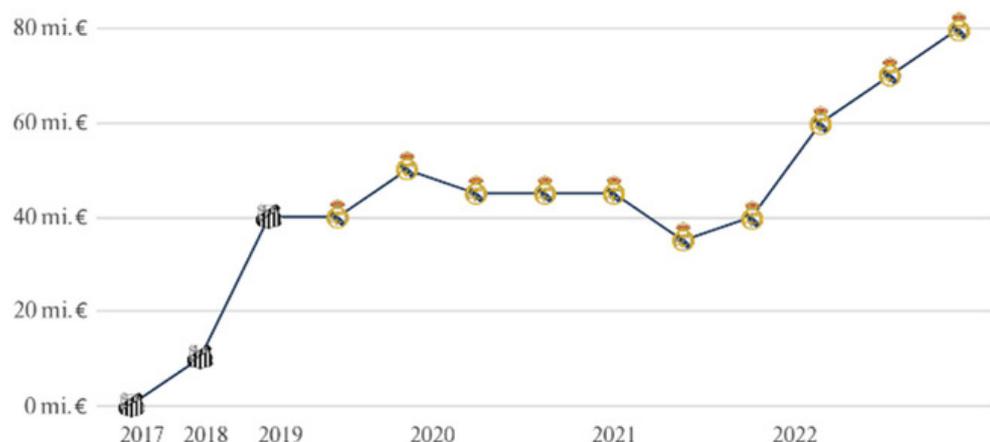
Vinicius Junior (2017-2022)



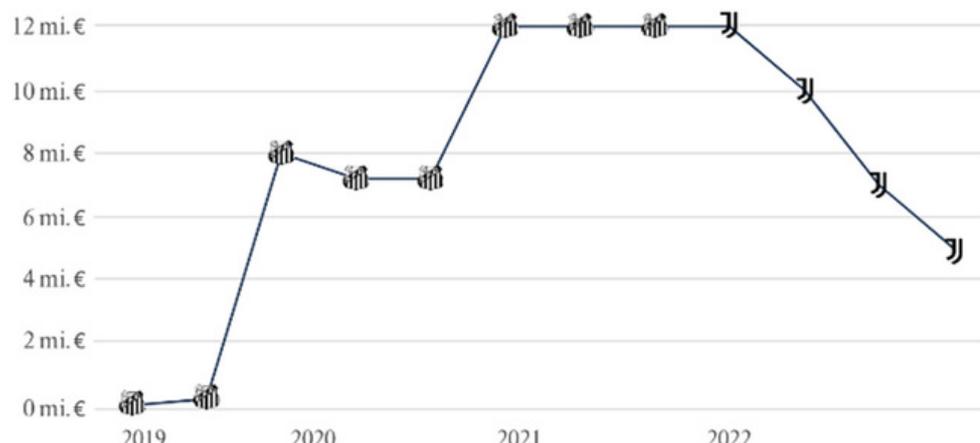
Reinier (2019-2022)



Rodrygo (2017-2022)



Kaio Jorge (2019-2022)



Desde suas primeiras aparições no Transfermarkt, alguns a partir de 2017 e outros exatamente dentro do arco temporal proposto, entre 2019 e 2022, o valor de mercado de Vinicius Junior, Rodrygo, Reinier e Kaio Jorge teve variações significativas, refletindo suas trajetórias e desempenhos como promessas do futebol. Vini Jr e Rodrygo apresentaram aumentos consideráveis em seus valores de mercado após suas transferências para o Real Madrid, marcadas por uma estabilidade em suas cifras até, finalmente, o momento de arranque. Já Reinier e Kaio Jorge tiveram trajetórias

distintas, apresentando dificuldades de se adaptar ao futebol europeu, tendo menos tempo de jogo no time principal e até submetidos a eventuais empréstimos para clubes menores, o que provocou, desde que se transferiram para seus clubes na Europa, um decréscimo imediato e consecutivo em seus valores de mercado.

Portanto, a conversão efetiva de uma jovem promessa em um jogador caro depende de múltiplas condições. Além disso, constata-se a mobilização de diferentes dimensões de um mesmo capital futebolístico, que garante o acesso ao campo esportivo e a possibilidade de circulação no interior desse espaço, bem como a sua própria cotação maior ou menor no especulativo mercado da bola.

Em tese, acredita-se que o mercado da bola, enquanto subcampo relativamente autônomo, é conduzido por uma série de tendências – lógicas próprias de funcionamento que, além de modularem os valores de mercado (econômicos e simbólicos) maiores ou menores de um determinado jogador, exigem do atleta uma modalidade de capital (futebolístico) cuja estrutura e volume são intrínsecos à dinâmica do campo.

Comumente vinculada a indicadores performáticos da maquinaria corpórea intrínsecos à lógica de formação e produção de atletas profissionais, a exemplo das estatísticas de desempenho, a *Marktwert* dos boleiros é produto de um cálculo (não matemático) bem mais complexo, que envolve, dentre outras frentes, a ordem intuitiva da sabedoria das multidões. Portanto, o volume de capital corporal representa apenas um dos múltiplos determinantes – sociais por excelência – que compõem o valor de mercado do jogador.

De fato, o que parece ser de maior relevância é a constatação de que, por mais que o capital corporal dificilmente possa ser mensurado em termos quantitativos, ele é cada vez mais passível de juízos, julgamentos e valorações (Damo, 2005). Embora o *Transfermarkt* seja acionado para pautar desde opiniões de jornalistas até, com efeito, argumentos no processo de negociação de jogadores, intuímos que é preciso entender estes últimos para além dos índices estatísticos, uma vez que estão inseridos em “configurações de pequena escala” – ou seja, uma “*entourage*” – que os impõe a necessidade de estrategiar as relações familiares, de amizade e de vizinhança (Damo, 2008). Afinal, jogadores de futebol são, antes de mais nada, seres humanos, mesmo que se encontrem frequentemente precificados (Damo, 2008).

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelo autor no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS:

AARONS, Ed. Top football clubs relying on transfer valuations made by volunteers. 2020. *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2020/dec/19/top-football-clubs-relying-on-transfer-valuations-made-by-volunteers>>. Acesso em: 5 de nov. 2022.

BON, Gustave Le. *Psicologia das Multidões*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. L'État, l'économie et le sport. *Sociétés & Représentations*, v. 7, n. 2, p. 13-19, dez. 1998.

COATES, Dennis; PARSHAKOV, Petr. The wisdom of crowds and transfer market values. *European Journal Of Operational Research*, v. 301, n. 2, p. 523-534, set. 2022.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 435 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66, p. 139-150, fev. 2008.

GALTON, Francis. Vox Populi. *Nature*, v. 75, n. 1949, p. 450-451, mar. 1907.

HERM, Steffen; CALLSEN-BRACKER, Hans-Markus; KREIS, Henning. When the crowd evaluates soccer players' market values: accuracy and evaluation attributes of an online community. *Sport Management Review*, v. 17, n. 4, p. 484-492, out. 2014.

KEPPEL, Pepijn; CLAESSENS, Tom. How the volunteers of data website Transfermarkt became influential players at European top football clubs. 2020. *Follow the Money*. Disponível em: <<https://www.ftm.eu/articles/transfermarkt-volunteers-european-football>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

LUCIFORA, Claudio; SIMMONS, Rob. Superstar effects in sport. *Journal Of Sports Economics*, v. 4, n. 1, p. 35-55, fev. 2003.

MAJEWSKI, Sebastian. Identification of factors determining market value of the most valuable football players. *Journal Of Management And Business Administration*, v. 24, n. 3, p. 91-104, set. 2016.

MAJEWSKI, Sebastian. Sport results and footballer's performance rights' valuation. *Journal Of Business And Economics*, v. 6, n. 10, p. 1695-1702, out. 2015.

MÜLLER, Oliver; SIMONS, Alexander; WEINMANN, Markus. Beyond crowd judgments: data-driven estimation of market value in association football. *European Journal Of Operational Research*, v. 263, n. 2, p. 611-624, dez. 2017.

PEETERS, Thomas. Testing the Wisdom of Crowds in the field: transfermarkt valuations and international soccer results. *International Journal Of Forecasting*, v. 34, n. 1, p. 17-29, jan. 2018.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 262 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, dez. 2008.

SMITH, Roy. How Transfermarkt helps determine the value of soccer players. 2021. *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/08/12/sports/soccer/soccer-football-transfermarkt.html>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

SUROWIECKI, James. *The wisdom of crowds: why the many are smarter than the few and how collective wisdom shapes business, economies, societies, and nations*. New York: Anchor Books, 2005.

TRANSFERMARKT. Definição dos valores de mercado. *Transfermarkt*. 2022. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/definicao-dos-valores-de-mercado-transfermarkt/thread/forum/610/thread_id/1659>. Acesso em: 5 de nov. 2022a.

TRANSFERMARKT. Kaio Jorge - Desenvolvimento do valor de mercado. *Transfermarkt*. 2022. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/kaio-jorge/marktwertverlauf/spieler/620477>>. Acesso em: 5 de nov. 2022b.

TRANSFERMARKT. Reinier - Desenvolvimento do valor de mercado. *Transfermarkt*. 2022. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/reinier/marktwertverlauf/spieler/627226>>. Acesso em: 5 de nov. 2022c.

TRANSFERMARKT. Rodrygo - Desenvolvimento do valor de mercado. *Transfermarkt*. 2022. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/rodrygo/marktwertverlauf/spieler/412363>>. Acesso em: 5 de nov. 2022d.

TRANSFERMARKT. Vinicius Junior - Desenvolvimento do valor de mercado. *Transfermarkt*. 2022. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.com.br/vinicius-junior/marktwertverlauf/spieler/371998>>. Acesso em: 5 de nov. 2022e.

TREQUATTRINI, Raffaele; LOMBARDI, Rosa; NAPPO, Fabio. The evaluation of the economic value of long lasting professional football player performance rights. *WSEAS Transactions on Business and Economics*, v. 9, n. 4, p. 199-218, out. 2012.

WICKER, Pamela; PRINZ, Joachim; WEIMAR, Daniel; DEUTSCHER, Christian; UPMANN, Thorsten. No pain, no Gain? Effort and productivity in professional soccer. *International Journal of Sports Finance*, Morgantown, v. 8, n. 2, p. 124-139, mai. 2013.

A narração de futebol em uma paisagem sonora generificada

Raphaela Ferro
5 de dez. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Raphaela Ferro é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Pesquisa a história das transmissões radiofônicas de futebol no Brasil, considerando a participação de mulheres na narração esportiva. É mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

COMO CITAR:

FERRO, Raphaela. A narração de futebol em uma paisagem sonora generificada. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.35, 2024.

A narração de futebol em uma paisagem sonora generificada

Raphaella Ferro

5 de dez. de 2024

“Mulher narrando futebol e um boi berrando é quase a mesma coisa”, avaliou um narrador paranaense recentemente (Fenaj, 2024). Um ano antes, outro famoso narrador esportivo afirmou, também em entrevista: “Quando vejo que uma mulher está narrando, eu mudo para outro canal onde tem um homem” (Brito, 2023). Em nada essas opiniões se diferenciam daquelas emitidas ainda na década de 1970, quando as primeiras mulheres a narrar futebol no rádio brasileiro fizeram sua estreia na Rádio Mulher (SP). “E o que é que vocês vão dizer no rádio? Falar dos calções com babadinhos dos jogadores?”, comentou um radialista em matéria do jornal Folha de São Paulo sobre a ideia das transmissões de futebol com equipe exclusivamente feminina (Lima, 1971).

A resistência à voz das mulheres não é algo pontual ou restrito ao universo do futebol. Como discute a historiadora estadunidense Christine Ehrick (2015), em seu livro *Radio and Gendered Soundscape*, a presença da voz feminina no rádio, desde os primórdios do meio, inseriu uma nova dissonância na paisagem sonora das sociedades contemporâneas. A partir da percepção de que as hierarquias de gênero são percebidas e projetadas em ambientes sonoros, ela elabora o conceito de paisagem sonora generificada (*gendered soundscape*). “Pensar a história em termos de paisagens sonoras generificadas ajuda a conceituar o som e a voz como lugares em que as categorias “masculino” e “feminino” são constituídas e, por extensão, as formas como o poder, a desigualdade e a performance podem ser expressos por meio do som” (Ehrick, 2015, p. 7). O histórico sequestro (silenciamento) da voz feminina é, para a autora, a marca mais óbvia da desigualdade na paisagem sonora social.

Aqui, propomos uma aproximação do conceito apresentado por Ehrick (2015) para a análise de como as hierarquias de gênero se apresentam nas transmissões de futebol, considerando principalmente a ainda permanente resistência às vozes femininas na função da narração. Pelo que se tem de registros até o momento, as mulheres só começam a fazer parte da história das transmissões radiofônicas de futebol no Brasil após algumas décadas da realização das primeiras jornadas esportivas, nos anos 1930. Na narração, as pioneiras só são identificadas cerca de 40 anos depois. Ainda hoje, a atuação continuada de narradoras profissionais em emissoras de rádio de antena (AM/FM) no Brasil é exceção. Independentemente da região do país,

registram-se poucos casos em transmissões radiofônicas de futebol (Ferro; Zuculoto, 2023). Identifica-se, assim, que as vozes femininas ainda causam alguma dissonância na paisagem sonora do futebol no rádio, mas não só por ele.

Os sons do futebol no Brasil, em geral, refletem a experiência masculina, seja em campo, no estádio, nas arquibancadas ou nas cabines e locais da imprensa e do jornalismo esportivo. O ambiente sonoro do futebol reforça como exemplo, em si, a discussão sobre a existência de uma paisagem sonora generificada. Nela, tudo que diz respeito ao futebol é associado ao que é masculino, numa perspectiva binária (Scott, 2019). Esse antagonismo masculino-feminino determina quem é aceito e quem é elemento dissonante de espaços, o que, entre outros fatores, é demarcado também pela sonoridade ou tendo-a como fator de exclusão. Como considera Gustavo Bandeira (2017, p. 37), “as representações de masculinidades presentes nos estádios tendem a ser heteronormativas, machistas e heterossexistas”.

Elas não soam diferente nas transmissões radiofônicas de jogos e competições da modalidade. Os sons dos rádios portáteis e as vozes que ecoam deles, como considera Fernanda Alves (2022), inclusive, integram o conjunto de sonâncias da paisagem sonora do futebol. E, são, em maioria, masculinos. As vozes femininas são questionadas, vistas como intrusas, não aceitas também porque destoam do que se espera para essa paisagem sonora social. O incômodo que é, muitas vezes, indicado como natural, seja no cotidiano ou nos meios de comunicação, reflete, na verdade, uma construção cultural de gênero. Lori Beckstead (2023) reforça a análise de que o problema não está na qualidade do tom, mas sim no fato de ser um corpo de mulher que está emitindo aquela voz em uma transmissão radiofônica, tornando-a sujeita à crítica, particularmente nesse espaço do esporte. “Ao reclamarem da voz, ouvintes do sexo masculino podem evitar dizer abertamente que simplesmente não gostam que as mulheres falem sobre esporte, ao mesmo tempo em que apresentam uma razão aparentemente legítima para justificar porque elas não deveriam fazê-lo” (Beckstead, 2023, p. 64).

No Brasil, a relação futebol e masculinidade se exacerba nos discursos – muitas vezes, de ódio – sobre o tema, como em defesa da manutenção de sua paisagem sonora como está. Em 2024, por exemplo, Luciana Zogaib tornou-se a primeira mulher a narrar uma partida de futebol na Rádio Nacional (Chaves, 2024). Mesmo que sua narração do primeiro gol da estreia tenha sido premiada na categoria Redação AM do Festival de Cinema de Futebol (Cinefoot), poucos meses depois, é recorrente que a narradora exponha comentários agressivos que recebe durante o trabalho, seja na

Rádio Roquette-Pinto (RJ), no Canal Goat ou, agora, na Rádio Nacional ou na TV Brasil. Ela narra jogos de futebol desde 2018, tendo começado em uma webrádio, mas passou a trabalhar exclusivamente na função e em diferentes veículos de rádio, televisão e internet – o que indica também a dificuldade de se manter na área de forma financeiramente sustentável – apenas em 2024.

Ainda hoje não é possível afirmar que a presença das mulheres nas transmissões radiofônicas de futebol, em emissoras de ondas hertzianas (AM/FM), está efetivamente consolidada. A atuação feminina em diferentes funções tensiona uma percepção estática de gênero na paisagem sonora do futebol que chega ao meio, mas ainda é menor do que em outros tipos de veículos de comunicação, como a televisão e a internet. Identifica-se que o futebol e o rádio esportivo, e sua indissociabilidade, são permeados por uma paisagem sonora generificada, que exclui mulheres. Na verdade, assim como o radiojornalismo em si, exclui qualquer sonoridade que destoe de uma heteronormatividade masculina. “É possível identificar na literatura referente à radiofonia uma rejeição ao que possa soar em tom agudo, muito vinculado ao feminino, contribuindo para a exclusão não só de mulheres, mas de qualquer pessoa que não reproduza o tom padrão na locução, mesmo entre homens” (Ferro; Gomes; Zuculoto, 2024, p. 99).

Do início das irradiações de jogos de futebol até meados dos anos 1960, as equipes das jornadas esportivas foram se organizando como em um clube, em que praticamente somente homens eram permitidos. Eram eles que relatavam o esporte, o futebol praticado também por homens, exclusivamente. A modalidade, inclusive, era (e é) muitas vezes utilizada como argumento para manter as mulheres distantes, como se houvesse aí um fator relacional. Ainda hoje, afirma Noemi Bueno (2018), prevalece uma mentalidade que relaciona o futebol a espaços de reforço e valorização das masculinidades. Essa exclusão foi, a partir da imposição do afastamento de mulheres da prática do futebol por lei, interiorizada pela maioria das mulheres brasileiras como natural, afirma Carmen Rial (2021). Essas realidades mantêm a hierarquia de gênero na paisagem sonora social, assim como o próprio futebol ainda tem o reforço da masculinidade em sua sonoridade.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pela autora no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Fernanda Serafim. Os sons do futebol gaúcho: um estudo da paisagem sonora dos estádios e do papel do rádio no imaginário de uma identidade regional. 2022. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 2017. 342 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BECKSTEAD, Lori. Past the gate. Women in sports talk radio. In: MCDONALD; Kathryn. CHIGNELL, Hugh (Org.). The Bloomsbury Handbook of Radio. New York: Bloomsbury Academic, 2023. p. 62-78.

BRITO, Marcondes. Veterano Sílvio Luiz detona a narração das mulheres no futebol. Metrôpoles, Brasília, 8 ago. 2023. Futebol ETC. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/futebol_etc/veterano-silvio-luiz-detona-a-narracao-das-mulheres-no-futebol. Acesso em: 14 nov. 2024.

BUENO, Noemi Corrêa. A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal. 2018. 408 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, 2018.

CHAVES, Lincoln. Rádio Nacional estreia narração e equipe 100% femininas no Brasileiro. Agência Brasil. Brasília. 13 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2024-04/radio-nacional-estrea-narracao-e-equipe-100-femininas-no-brasileiro>. Acesso em: 14 mai. 2024.

EHRICK, Christine. Radio and the gendered soundscape: women and broadcasting in Argentina and Uruguay, 1930-1950. New York (EUA): Cambridge University Press, 2015.

FENAJ. Nota de Repúdio às declarações machistas de Osires Nadal. Federação Nacional dos Jornalistas, Curitiba, 9 out. 2024. Disponível em: <https://fenaj.org.br/nota-de-repudio-as-declaracoes-machistas-de-osires-nadal/>. Acesso em 14 nov. 2024.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Voz e gênero no radiojornalismo brasileiro: marcas históricas de exclusão de mulheres. *Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, MG, v. 14, n. 3, p. 91-112, out./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7010/5509>. Acesso em: 05 fev. 2024.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2000. *Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, MG, v. 14, n. 1, p. 105-133, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832/5375>. Acesso em: 30 jan. 2024.

LIMA, Nelio. As mulheres em campo, transmitindo o jogo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Ano LI, n. 15.358, p. 16, 4 jul. 1971.

RIAL, Carmen. *#Déjala* trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil. In: FISCHER, Thomas; KÖHLER, Romy; REITH, Stefan (org.). *Fútbol y sociedad en America Latina*. Frankfurt-ALE: Editorial Vervuert, 2021. p. 241-256.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

Do futebol de mulheres ao futebol de meninas

Maíra Tura Pereira

12 de dez. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Maíra Tura Pereira é doutoranda em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), integrando o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS). É mestre em Antropologia pela UFF e graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

COMO CITAR:

TURA, Maíra. Do futebol de mulheres ao futebol de meninas. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.36, 2024.

Do futebol de mulheres ao futebol de meninas

Maíra Tura Pereira

12 de dez. de 2024

No meu mestrado, pesquisei o discurso sobre as emoções de atletas de alto rendimento do futebol de mulheres. O ambiente do alto rendimento esportivo ainda não é um espaço que dialoga bem com as emoções e, muitas vezes, estas são anuladas, repudiadas e subaproveitadas. Em geral, nos esportes, quando se expressa o que, no senso comum, se entende por emoção, está se demonstrando fragilidade. Mas, na minha atual pesquisa de doutorado, busco identificar a dualidade das emoções, tanto o lado negativo quanto a positividade delas, que pode levar a resultados expressivos de elevado desempenho. Durante a pesquisa, pude ter contato com dois termos emocionais nativos, o “migué” e o “emocional”, que serão explicados mais adiante.

Em 2019, com a obrigatoriedade da categoria feminina em clubes de série A e B do futebol de homens, nasceu uma nova era do futebol de mulheres. Acompanhei as Guerreiras do Fluzão¹ por 8 meses, entre setembro de 2022 e abril de 2023, em Xerém, no município de Duque de Caxias, onde fica localizado o Centro de Treinamento Vale das Laranjeiras (CTVL), que comporta tanto as categorias de base masculina e feminina quanto a equipe profissional de mulheres do Fluminense Futebol Clube (FFC). Elas possuíam diversas atividades realizadas de segunda-feira a sábado, no horário das 7h às 12h, no ano de 2022, e das 7h às 12h e 16h às 18h, em 2023.

Já a minha pesquisa de doutorado trata do sonho de muitas meninas que são esquecidas quando o assunto é futebol. Na verdade, mais do que esquecidas, elas têm seu sonho negligenciado. Em continuação ao que vinha sendo construído no mestrado, as emoções permaneceram como o tema principal de minha investigação. Porém, agora, a pesquisa não tem a interlocução do alto rendimento do futebol de mulheres. A nova empreitada está acontecendo com o futebol de meninas, e as estrelas desse espetáculo serão as crianças e pré-adolescentes que estão crescendo dentro desse ambiente esportivo, nas categorias de base². Com o objetivo de caminhar em trilhas fechadas (Rojo, 2015) e, ao mesmo tempo, continuar pesquisando as emoções no futebol de mulheres, veio a ideia de pesquisar com crianças, que é um desafio que foi pouco explorado pela antropologia dos esportes e pela antropologia das emoções no Brasil.

Como procedimento metodológico, já foi realizado um trabalho de campo no clube Fluminense nas categorias adultas por 8 meses, e está sendo

iniciado um trabalho de campo no projeto social Daminhas da Bola, tanto nos treinos quanto em jogos. A esse processo, acrescenta-se a leitura e análise de capítulos de livros e artigos que tratam da questão da emoção, do esporte e do futebol de mulheres. No trabalho de campo realizado no Fluminense, passei por um dilema de definição de um par de termos nativos, o “migué” e o “emocional”, que dialoga com a forma como as atletas localizam as suas emoções e as das suas companheiras de equipe. “Emocional” é um termo nativo amplamente utilizado pelas atletas do Fluminense, que abarca todos os sentimentos e emoções que são da vida pessoal delas e podem interferir no desempenho dos treinos e jogos, ou sobre emoções que são criadas no ambiente esportivo. O emocional seriam todas as emoções expressas e validadas por quem as observa. Já o “migué” seriam todas as emoções expressas que não são validadas por quem observa.

Elas constroem uma relação de oposição ou de semelhança entre o emocional e o migué, dependendo se validam ou não a emoção que a sua companheira expressa. Desse modo, minhas interlocutoras só falavam sobre migué quando não validavam as emoções e comportamentos expressos por suas companheiras de equipe. Porém, um ponto importante para elas é que a palavra migué só é expressa entre elas e a comissão, nunca quando a equipe masculina está presente ou quando tem pais por perto. Além disso, o migué está normalmente associado a outra pessoa, assim, não é comum para elas assumirem para si que estão “dando migué”. O migué, para elas, pode ser usado em várias situações: para o “corpo mole” nos treinos, o medo de diferentes situações dentro e fora das quatro linhas, as inseguranças em relação à performance em campo, a preguiça da rotina desgastante e a “falta de vontade” nos jogos.

Como escolha teórica no doutorado, utilizarei o termo “futebol de meninas” para me referenciar às categorias de base do futebol de mulheres e, com isso, pretendo ampliar o conceito já utilizado por diversas pesquisadoras que se debruçaram sobre o assunto. A maioria das pesquisas sobre mulheres que praticam futebol permeia mais as vivências, diálogos e interlocuções com as jogadoras, treinadoras e torcedoras adultas ou adolescentes. Já no meu estudo, as principais interlocutoras da pesquisa são as crianças, por isso, acredito que o fato de elas serem crianças é um marcador importante para realizar essa diferenciação. A percepção utilizada neste estudo para “criança” é o parâmetro aplicado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que, segundo o Art. 2º da Lei 8.069/90 (ECA), considera criança a pessoa de até doze anos de idade incompletos³.

Além disso, “futebol de meninas” é mais autoexplicativo do que “categorias de base” e possui um paralelo mais claro com o futebol de mulheres. Meu

objetivo não é causar um antagonismo entre o futebol praticado por adultas e por crianças, mas sim mostrar que o futebol de meninas seria um processo de construção das crianças para o futebol de mulheres. Por outro lado, existem várias nomenclaturas para os mais diversos futebolis que não são o futebol de homens, como o futebol indígena, o futebol trans, o futebol de cegos, etc. Isso mostra que as pessoas precisam de mais termos para se identificar com o futebol, e o futebol de meninas é a minha escolha analítica para identificar as crianças neste universo de possibilidades, dentro deste esporte tão diverso.

As atletas do futebol de mulheres e do futebol de meninas localizam suas emoções de forma diferente. Enquanto as adultas expressam suas emoções dependendo de quem está as observando, as crianças ainda não sentem que precisam mudar o jeito que expressam suas emoções dependendo de quem as observa. Diversos motivos podem ser encontrados para essa diferença no discurso das emoções das interlocutoras nos dois trabalhos de campo. Porém, uma coisa elas possuem em comum: segundo Lutz (1990), o discurso sobre emoções é também um discurso sobre gênero, e a natureza socialmente construída pelo Ocidente das categorias emocionais é associada ao feminino. Por isso, elas são utilizadas para definir mulheres que seriam subordinadas, já que a expressão das emoções seria algo perigoso. Então, o controle e o gerenciamento das emoções estão ligados ao poder da dominação masculina sobre as pessoas mais fracas, irracionais, emotivas e perigosas: as mulheres e as crianças.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pela autora no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

¹ “Guerreiras” é como todas as atletas do Fluminense são chamadas pela comissão técnica e torcida.

² As categorias de base são divididas por idade, como uma espécie de etapas num processo de formação de um determinado esporte. Durante esse processo, as crianças desenvolvem suas habilidades físicas, táticas e técnicas conforme seu nível de maturidade. Mais informações em: <<https://foothub.com.br/categoria-de-base-o-que-voce-precisa-saber-para-comecar/>>. Acesso em: 11 de jan. 2024.

³ Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 11 de jan. 2024.

Estudos do futebol, mulheres pesquisadoras e misoginia

Maíra Tura Pereira

12 de dez. de 2024

SOBRE OS AUTORES:

Maíra Tura Pereira é doutoranda em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), integrando o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS). É mestre em Antropologia pela UFF e graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

COMO CITAR:

TURA, Maíra. Estudos do futebol, mulheres pesquisadoras e misoginia. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.37, 2024.

Estudos do futebol, mulheres pesquisadoras e misoginia

Maíra Tura Pereira

12 de dez. de 2024

SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa de Maíra Tura Pereira foi apresentada pela autora no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado em agosto de 2024, em Florianópolis. A apresentação contou com o título: “Do futebol de mulheres ao futebol de meninas: como as atletas localizam suas emoções?”, e com o seguinte resumo:

“Existe um universo de possibilidades, e muito já se pesquisou sobre o futebol de mulheres no Brasil. Porém, meu trabalho está localizado numa lacuna ainda não preenchida pelos estudos da antropologia dos esportes. Esta pesquisa trata da transição do estudo das emoções expressas pelas jogadoras de alto rendimento, estudadas no mestrado, para as novas interlocutoras do meu doutorado: as crianças que estão crescendo em categorias de base do futebol de mulheres. A pesquisa demonstra como as atletas manejam suas emoções e como se dá essa construção dentro e fora do campo. Ela também analisa como as questões de gênero ligadas ao esporte aparecem nesse contexto. O discurso das emoções das atletas sobre diferentes momentos e situações que rodeiam o ambiente esportivo foi essencial na construção dos dados. Como procedimento metodológico, já foi realizado um trabalho de campo nas categorias adultas do clube Fluminense, por 8 meses. Como continuidade, está sendo iniciado também um trabalho de campo no projeto social Daminhas da Bola, tanto nos treinos quanto em jogos. Acrescenta-se a isso a leitura e análise de capítulos de livros e artigos que tratam da questão da emoção, do esporte e do futebol de mulheres.”

Estudos do futebol, mulheres pesquisadoras e misoginia

Maíra Tura Pereira

12 de dez. de 2024

Para Bourdieu (2001), o significado das coisas está em constante disputa, e o que está em jogo é como escolhemos representá-las na nossa sociedade. Por isso, divergências acadêmicas são normais, e eu diria que são um tanto quanto necessárias para a evolução não só das ciências sociais, mas também de qualquer outra ciência. Quando nós colidimos contra o diferente, temos a possibilidade de reconsiderar nossos próprios paradigmas e repensar ideias. Porém, nem sempre uma crítica que se faça a um pensamento divergente tem o objetivo de ajudar no desenvolvimento dele. Na academia, nem sempre os pares estão em posição de igualdade, e eu não estou falando da relação professor-aluno. Gostaria me deter a relações de gênero e misoginia que ocorrem na academia entre pares que já possuem pós-graduação e que, muitas vezes, são levadas para baixo do tapete.

Desse modo, vou contar para vocês uma história, que não foi a primeira e, infelizmente, não será a última, em que uma mulher, no exercício do seu trabalho e em um ritual corriqueiro de sua atuação profissional, é desrespeitada por um homem pelo simples fato de ser mulher. Aqui, afirmo que é uma questão de gênero pois não é sobre uma simples divergência de conceitos ou posicionamentos acadêmicos: é sobre como “nem todo homem, mas sempre um homem” não aceita que mulheres produzam conhecimento sobre assuntos que homens já produziram, só que trazendo novas reflexões e, muitas vezes, desmoronando fortalezas que pareciam sólidas para eles.

Em novembro deste ano (2024), apresentei minha pesquisa na jornada discente do programa de pós-graduação do qual faço parte. Essa foi minha quarta apresentação do ano sobre essa mesma pesquisa. Após apresentá-la, ouvi as considerações que um debatedor tinha acerca dela. Estranhei as considerações dele, porque ele havia afirmado que pesquisas sobre gênero sempre acabam no mesmo lugar, que o futebol só produz homens e que é um espaço de sociabilidade só masculina. Além disso, ele falou que não entendia a importância de meninas jogarem só com meninas, que elas poderiam jogar com os meninos. Depois de ouvir tantas coisas em relação às quais eu tinha divergência de pensamento, preparei uma fala para realizar minha réplica.

Infelizmente, eu não consegui completar nem a primeira frase que eu havia

preparado, que era: “Então... eu acho que o pensamento de que o futebol só produz homens é um pouco ultrapassado, já que há muitos anos o futebol também produz mulheres, e digo mais, a maior diversidade de mulheres possível.” Após esse início da minha fala, o debatedor me interrompeu e disse que eu estava mentindo. Eu tentei continuar meu raciocínio, e ele me interrompeu de novo, falando que eu estava mentindo e que eu sabia que isso era mentira, e continuou falando até que eu me calasse.

A coordenadora do Grupo de Trabalho (GT) avisou ao debatedor que ele não poderia me interromper, já que esse era o decoro normal de um GT. Ela disse que iria restituir meu tempo e eu poderia começar minha fala de novo. Porém, eu não consegui. Eu fiquei incrédula e me senti humilhada para mais de 30 pessoas porque um pesquisador estava falando e levantando a voz para uma pesquisadora afirmando que ela estava mentindo. Ao invés de trazer contrapontos de uma forma acadêmica, um pesquisador preferiu interromper uma pesquisadora afirmando que ela estava mentindo. Consegue perceber que esse ocorrido não foi sobre discordâncias acadêmicas e sim sobre desrespeito? Ele me desrespeitou enquanto pesquisadora. Isso é misoginia.

A misoginia é o ódio ou o desprezo às mulheres. A misoginia pode se manifestar de várias maneiras, seja a exclusão social, ideias de privilégio masculino ou a depreciação e violência contra as mulheres. O debatedor daquele GT me depreciou em um dos rituais acadêmicos mais tradicionais que existem neste meio. Quando uma pessoa apresenta um trabalho, debatedores fazem considerações, e existe uma réplica. Antes de mim, ele fez considerações a trabalhos de dois homens que conseguiram concluir suas falas. O que o debatedor fez tem nome e é *maninterrupting*, que é quando um homem interrompe constantemente uma mulher, de maneira desnecessária, não permitindo que ela consiga concluir sua frase. A palavra é uma junção de “man” (homem) e “interrupting” (interrupção) e, em tradução livre, quer dizer “homens que interrompem”¹.

Antes que você fale que esse caso foi isolado, converse com suas amigas pesquisadoras. Pergunte a elas se, alguma vez, elas foram interrompidas no meio da sua fala. Se algum homem já explicou a elas uma coisa que elas já sabiam. Se, em algum momento, elas produziram conhecimento, e quem levou o crédito foi um homem. Se a pesquisa dela já foi desmerecida quando ela mesma a apresentou, mas, quando um homem falou sobre ela, ele foi aplaudido. Se duvidaram da sua capacidade por ser mulher. Se já questionaram sua vestimenta – visto que não questionam homens que usam bermuda. Se elas já se consideraram impostoras acadêmicas por tanta insegurança que elas carregam, etc.

Então, convido-os a ler mulheres: Simone Guedes, Carmen Rial, Silvana Goellner, Ludmila Mourão, Mariana Martins, Leda Costa, Leila Salvini, Mariane Pisani, Caroline Almeida, Claudia Kessler e tantas outras que produzem conhecimento sobre futebol. Todas essas pesquisadoras são protagonistas na produção de conhecimento acerca do futebol de mulheres no Brasil em diferentes áreas do saber, como a Educação Física, a Antropologia, a Sociologia e a Comunicação. Muitas mulheres foram importantes neste percurso. Entre elas, vale ressaltar essas pesquisadoras de gerações diferentes que modificam as noções de poder e corpo no futebol e redesenham a história desse esporte pela perspectiva das mulheres – tanto de suas pesquisadoras quanto de suas protagonistas.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

¹ Disponível em: <[O que é Manterrupting, Mansplaining, Bropropriating, Gaslighting? - Jornal da Orla](#)>. Acesso em: 10 de dez. 2024.

V.1 - 2024

BATE-PRONTO

Primeira Rodada - Futebol, Pesquisa e Sociedade

